Paola Zordan (org.)

Educar com poesia

malha em carne e vida institucional

INDEPIn

Paola Zordan (org.)

Educar com poesia

malha em carne e vida institucional

1ª Edição

Porto Alegre
INDEPIn
2014

Copyrigth @ 2014 Paola Zordan

Organização:
Paola Zordan

Projeto Editorial:
INDEPIN - Miriam Piber Campos
Processo C3 - Wagner Ferraz

Foto da capa:
Paola Zordan

Arte da capa:
Anderson Luiz de Souza

Layout e diagramação:
Wagner Ferraz

Apoio Editorial:
CANTO Cultura e Arte

INDEPIn Editora - Coordenação Editorial/Editores
Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z88e Zordan, Paola
Educar com poesia: malha em carne e vida institucional.
/ Paola Zordan. – Porto Alegre: INDEPin, 2014.
. 190 p.

ISBN 978-85-66402-17-9

1. Educação. 2. Poesia. I. Título.

CDU 37.017

Bibliotecária Responsável: Ana Lígia Trindade CRB/10-1235

Editado/Publicado em 2014 e lançado em 2015.

2014/2015
INDEPIn
www.indepin-edu.com.br
www.canto.art.br/canto-editorial

INDEPIN INSTITUTO

O Instituto de Desenvolvimento Educacional e Profissional Integrado – INDEPin – oferece cursos livres em diferentes áreas e atua como Editora, através de publicações colaborativas em formato impresso sob demanda e em formato digital para download gratuito. O Instituto não visa lucro com essas propostas de publicação, apenas busca contribuir para que produções de diferentes áreas sejam disponibilizadas facilitando o acesso.

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Sandra Mara Corazza (UFRGS)
Prof. Dr. Samuel Edmundo Lopez Bello (UFRGS)
Profa. Dra. Carla Rodrigues Gonçalves (UFPel)
Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

AUTORES

Paola Zordan (Org.)
Adriana Pedrassa Prates
Ana Hoffmann
Anderson Luiz de Souza
Carina Sehn
Diego Marques
Gabriel Torelly
Kamilla Ávila
Marcio Tascheto da Silva
Nilton Mullet Pereira
Patrícia Unyl
Simone Vacaro Fogazzi
Tessália de Moraes
Wagner Ferraz

SUMÁRIO

Ladainhas femescritas
Paola Zordan..... 13

Desaforismos
Marcio Tascheto da Silva..... 28

Desenho do que não se sabe
Anderson Luiz de Souza..... 34

Cromocrônicas
Simone Vacaro Fogazzi..... 39

Cenas de uma aula acontecimento
Nilton Mullet Pereira, Diego Marques,
Gabriel Torelly 56

Eu-quimera
Kamilla Ávila..... 63

Peças
Patrícia Unyl..... 67

Cartas-Corpos/ Discurso xamânico pagão do leste
Carina Sehn..... 83

Criação de corpos
Wagner Ferraz..... 97

Visões e devires de uma professora: a violência da sensação
Adriana Pedrassa Prates..... 108

Ilações teóricas: entre hecceidades e subjetividades
Ana Hoffmann..... 149

Motivos para existir poesia na Educação
Paola Zordan..... 158

Educar com poesia

malha em carne e vida institucional

Ladainhas *femescritas*

Demônios não desistem. Matam criancinhas de pavor, escondidas no colo das mães. Na lua na praia, na noite das praças, nas esquinas onde os gatos escolhem para ronronar. Decepções sempre são completas. Histórias só podem ser contadas aos pedaços. Estudos para provas, matéria, muita matéria. Conteúdo e expressão. Análise de substâncias. Designações a decorar. Fonemas a classificar, livros a serem percorridos. Interlocutor, locutário. Para que saber tudo isso? Para entender a língua. Sacar alguns mistérios. Eruditos. Coisa que só quem lê sabe o que é. Muito esquisito. Solitário. Triste, esse mundo acadêmico. Melhor cantar para as estrelas, sem nenhum compromisso. Só porque faz bem, anima. Correr até exaurir-se. Num texto. Pelas palavras usadas para criar as paisagens, as pessoas, as casas e os rostos. Inventar pessoas, dar a ver espaços, fazer sonhar. Um texto transporta. Leva o pensamento para longe, nos faz estranhar as coisas, nos enche de tarefas, necessidade de pesquisa, obsessão pela escrita, todo tipo de neuroses. A literatura surta e a palavra diz do real que a experiência não pega. Faz arte. Cria um plano singular que nunca diz a que veio.

Crianças pedem atenção.

Não sobra nada para pensar. As serventias da literatura, o silêncio da violência, a frieza do carrasco. Os problemas da expressão ficam delegados aos fatos crus. Escrever é desistir de ir ao supermercado. Produção intelectual desaloja a culinária. Deixa crianças sem merenda. Afasta os amigos. Atrapalha a retidão dos passos institucionais. A liberdade criadora rala quem bem não se situa no meio da inexpressiva papelada. A crueza da casa atravessa a letra. Manter-se no lugar não basta. Ataques não faltam. As fragilidades pecam. Maus exemplos dão vontade de morrer. Como isso não acontece é preciso estudar para

seguir em frente. Os fundos, tão cheio de riquezas, melhor esquecer. O que interessa é a escrita. Que só pode acontecer quando se lê. Não interessa seu nome. O interesse é o que dela se faz. Aquilo que dela vai para a vida. Mexe no espaço, muda o tempo. Para escrita, tudo. Para a vida povoada, nada.

Crianças pedem atenção

Aonde cabe a escrita nesse botar e tirar de banhos, baldes na área de serviço e meias para desencardir? Aonde cabe a escrita nessa mesa vasta de futuros quase-professores desesperados sem saber o que fazer com a classe provisoriamente assumida? Aonde cabe a escrita na pesquisa esparsa que em nada se amarra porque há coisa demais impedindo textos? Aonde cabe a escrita nessa exigência aguda que leva o sono e tira mães de perto dos filhos?

Crianças pedem atenção

Texto mesmo não tem limite. A escritura de espuma na louça que se lava. No pó do guarda-roupa. Nos cabelos emaranhados no azulejo. Nos riscos que os sapatos fazem nos assoalhos encerados. No desgaste dos móveis. Nas veias que surgem sob a pele. Usar as letras é fácil, entranhar vida nelas já não.

Crianças pedem atenção

Se o corpo escreve, desenho também pode ser escrita. Ah, milhões de referências para fundamentar isso. Escrituras do corpo, cripturas do gesto, impressões glifadas sem letra. Inverbalizáveis. Criar pressupõe receber críticas, quando não ataques. Fazer algo que estranha é mais que dar a cara para tapa. Propor desvios sempre gera discordância. Não se fazer entender incomoda os outros. Querer ser entendido piora a situação. Entendimento afasta a diferença. Gentileza nunca é demais. Sem prudência a coisa se destrói antes mesmo de existir.

Crianças pedem atenção

Colher macelas, decepar os galhos, levar picada de aranha. Abrir papel de pirulito, botar fora bolo de morango, gelar os pés sem

meia. Contar até dez. Dezenovizar a conta. Começar tudo de novo. Brincar com as letras, compor. Passar o tempo de um velho caduco. Que não suporta ninguém. E crianças atrapalham. Fazem algazarras, gritarias, agitam tudo. Cansam. Sentem medo dos Titãs. Sofrem porque não podem beijar. Dilaceram o salvador vivo por pura presunção. E tudo irrita. Pois não há canto, dança, plasticidade alguma. Apenas comezaina desesperada, sem fome. Sem a menor necessidade. Ninguém agüenta o choro. É preciso assoar o nariz que escorre complicado. De preferência com lencinho especial. Paninhos mornos, sabão suave, creme. Cheirinho.

Crianças pedem atenção.

Azulinho brega com gosto de framboesa em badeja de prata. A massa às vezes sai do ponto. Cada massa é uma massa. Tem tempo certo para ser aplicada. A pesquisa é extensa. Requer método. Registro de cada passo. Levantamento de erros e acertos. Experimentação e materiais. Tão bom mexer com isso, fazer gesso, alisar superfícies, extrair a forma. Sair do mundo livresco, que não se esculpe se não na imagem que o texto cria. Viver a coisa pura, sem antecedentes. Despreocupar-se do que dali procede. Apenas seguir com a experiência.

Crianças pedem atenção.

As abelhinhas não têm nada de diferente no jogo dos sete erros. Sete anões, sete planetas, sete dias da semana. Sete céus. Os bichinhos fofos estão garantidos. O quarto, protegido. Falta colocar em ordem tão mexida biblioteca. Separar livros de revistas. Limpar as prateleiras. Recolher as roupas, desocupar as mesas, guardar tudo no lugar. Limpar os dentes é a lei. Os seios pendem, cabelos se perdem, pernas se tornam texturizadas.

Crianças pedem atenção.

A cadeia começa com um produtor. Energia via alimento. Notas altas em ciências. Entusiasmo. Boas explicações. Grande oralidade. Voz de deusa. Corpo de ninfa. Olhos não têm luz própria. *What´s there?* Posso ver o perfil? Não existe mais. A cadeia se quebra. A ciência não pode comportar o que se sente. *Short form.* Mais uma coisa. Tu tem que saber diálogos. Tu podes dizer *see you.* E o pêndulo,

parado. Num dia que não se cuida das horas. Em que a casa fica sem pão. Na mão, a concha. O ouro, o cobre. E uma vagina de ferro. A sede. Feminina. Inchada. De pouca arruda. Na varanda, quatro tipos de crisântemos. As pimentinhas.

Crianças pedem atenção.

Colocar a rede no gancho, apertar os botões certos, aceitar as fantasias. Tiara de gatinha. Escrever, porque o tempo come e em tudo há uma cozinha. Em toda senhora bate caixa uma senzala. Ô neguinha. Véia cachimbando na sala. Indecente. Onde há música as coisas valem a pena. Até na dor-de-cotovelo nervos de aço dos veteranos. E ela vai com balbucios e bebezinho dentro do chapéu. Volta com vestido comprido e véu na cabeça. Santinha. Cheia de cacofonia. No prenúncio de uma pauleira. Preta-velha não tem cabelo sedoso. Pêlo duro, mesmo quando liso. E não adianta fazer beiço, ô mulata, que amarelo e azul sem encarnado dá náusea. Coisa fúnebre fica fora de casa. Todo mundo aqui vai morrer, mas por enquanto tá tudo bem vivinho.

Crianças pedem atenção.

Plantar grama. Encharcar-se de terra escura. Pintar o corpo. Com linha despropositada. *Drives*. Castelos de cristal. Jantar em pé. Calças. Roupa lavada. Acessórios. Cappuccinos. Manchas de gordura, Yves Klein, azul cerúleo, não, cobalto. Massagem. Chamada oral. Mamadeiras mofadas. Suco de goiaba esparramado no chão. E a obrigação do pano. Somente os anjos. Gabriel.

Crianças pedem atenção.

Gosma, sempre uma questão de massa pastosa escorrendo no plano que não é paralelo ao chão. Lei inexorável. Escorrer é o destino da massa. Todo limite é plano. Fazer um projeto. Arriscar-se. Sem ser herói. *Persona tragica*. Cômica. Na graça mesmo. Sem medo de chorar. Nem pena de perder a linha. Indo. O santo? Antônio. A pintura? Mesmo densa, sempre alegria. Se a pintura dói, é porque dá um destino aos piores caprichos dos olhos. Pintar é espalhar massa no plano. Recriar ícones por vontade de decifração. Figura. Aquilo que se nomeia, aquilo que a gente conhece. Configura esquema, abstrai

a si num sistema, designa uma estrutura. Algo para se crer. Arcanos a confiar. Forças em que se vota. Nulo. O prefeito não conserta a nossa rua, o síndico não faz nada para manter o prédio. Caindo aos pedaços.

Crianças pedem atenção.

Não posso te ver sofrer, acaba comigo te ver mal. O sofrimento do outro é sempre pior, pois com ele não sei como me ver. Choro de criança é mortal.

Crianças pedem atenção.

As listas são longas, os compromissos têm prazos, missas não esperam. Casamentos sim. Largamos todo e qualquer tipo de ritual sistematizado. Não festejamos instituições. Louvamos, apenas. Deuses que mandam mortais serem atordoados por fúrias. Deuses fora de moda que jamais podem ser negados. Deuses de muitas faces para tratar das mesmas forças. Ilimitados, *pero* específicos. Deuses para quem cagamos e deixamos de querer ser perfeitos. Para quem damos adeus. Adeus deuses que me levam a Deus. Adeus. Deu. Vão se adiante com deus e tudo que corre risco de ficar monocromático. Monopolizado. Monossilábico. Monótono. Monogâmico. Morto.

Crianças pedem atenção.

Toda madrugada exala um tipo de solidão. Não pelo silenciar inevitável ou pelos barulhos naturais da noite. É algo que se coloca entre as estrelas e o sol desaparecido nas sombras onde elas podem brilhar.

Crianças pedem atenção.

Por favor, desliga a luz que eu quero dormir e já é muito tarde e amanhã temos que acordar muito cedo e não tem uma mísera bolacha nem pão e tá acabando o leite e merda eu to de saco cheio de comprar comida de gastar dinheiro de trabalhar para isso e nunca me divertir porque estragam tudo quando posso relaxar um pouco e ler o que eu já nem mais quero mas preciso.

Crianças pedem atenção.

Tudo o que se quer é não querer. Tudo o que se compra é estilo. O que estraga é o excesso. Que ninguém quer, mas todo mundo tem. Pelo menos algum. Imperceptível não incomoda. Nítido, distorce. E sempre arrasa.

Crianças pedem atenção.

Replantar gerânios é fácil. Pior é arrancar hortência. Escolher pisos não é fácil. Planejar não significa nada. Pensar no texto é preciso. Ler é vital. Morro cada vez que o mundo me joga para longe. Sem jantar. Sem nenhuma perspectiva de. Engolir qualquer coisa para ficar em pé. Impossível deixar de ser máquina. Doméstica domesticação espacial exigida pela sobrevivência dos corpos. Tomar banho é uma façanha para mães mortais.

Crianças pedem atenção.

Não se deixa aquilo que não se tem. Frases se perdem quando chegam antes do sono. Livros inteiros passam sem jamais serem escritos. Nas horas antes de dormir. Pinturas se fazem em sonho. Acordada, a pessoa só cuida daquilo lhe cabe. Papéis, providências, compromissos. Mortificações. Sempre há algo que precisa ser levado para conserto. Dependência de café acaba em gastrite. Não conseguir comer também. Comer só quando tudo termina, depois de horas de jejum, engorda.

Crianças pedem atenção.

Maquete escolar. Papel camurça, cola quente. Ajuda. Mais uma. Mais um projeto. Mais uma mão. E já é hora de buscar um corpo, doze ruas acima, onde para se chegar em cinco minutos somente motorizado. Ir e vir, não pela vontade do vivente, mas pela responsabilidade tácita por aqueles que de quem vive, vivem. Ser mãe é nunca mais ser livre. Ser pai é ter uma mulher que cobra. Ficar casado é agüentar reclamações. Ter que cuidar de muitas outras frentes é assumir a insanidade. Desejar ardentemente um texto é fugir do horror de tudo isso. Num chute, todas as peças se descolam. Acidente lastimado no grito. Eu bem avisei. Não vou ajudar a colar tudo de novo, foi tu mesma quem não cuidou. E tudo despenca escada abaixo, “ai, tá muito perigoso de levar”.

Crianças pedem atenção.

Sem sossego um segundo. Avalanches. Perguntas, coisas, ninguém agüenta. E a hora chega, não dá mais, corre que senão não dá. Depois de cinco minutos, só vai entrar no segundo período. Perder aula é prejuízo. Ir mal nas provas implica recuperação. Recuperar conteúdo é perder dias de folgas. Não ter mais dias vagos é danoso. Diminuir a lista de pendências: uma tarefa hercúlea. Cuidar apenas das pendências próprias até vai. Mas dar conta de três corpos enlouquece.

Crianças pedem atenção.

Doença não convém. Mas vêm. Fazer o quê... Quando uma criança enfraquece a mãe precisa ficar o triplo mais forte. E continuar com tudo. Sem perder de vista a beleza. Mantendo a harmonia da casa. Equilíbrio não existe sem desequilíbrio. Os cheiros não pedem licença. Quando um homem adoece, alguém saudável se cansa.

Crianças pedem atenção.

O homem se enche de remédios. O homem dorme mal. O homem joga uns trocinhos no computador. O homem tem tendinite. O homem perde cabelo. O homem usa xampu. O homem assiste televisão. O homem não clama por texto algum. Para o homem, basta ler o jornal. O homem nunca deixa de ler as páginas esportivas. O homem deve sentir alguma coisa. Mas ninguém sabe o que se passa com o homem. Tudo o que ele diz escutou na rádio. Tudo o que ele acha é opinião. O homem só quer ver seu time vencedor. Para o homem, basta a mulher ser bonita, gostosa e quieta. O homem até quer ter filhos, mas não aceita que eles o incomodem.

Crianças pedem atenção.

Comida na mesa não mata a fome. Carro na garagem não leva onde muito queremos ir. Bola de cristal não mostra quem nos persegue. Pessoas prejudicam outras porque não sabem amar. O homem fica pasmo quando o alvo é sua filhinha. O homem pode matar por suas filhas. O homem sofre.

Crianças pedem atenção.

A mãe telefona para mãe da amiguinha. Para saber o que é isso, uma mensagem ofensiva, imprópria, coisa feia mesmo. Um invasor na comunicação querida das preciosas púberes. Espúria psicopatia infantil. Explicar que tudo já foi avisado na escola.

Crianças pedem atenção.

A professora observa que botas não são próprias para brincadeiras. A mãe esquece de levar as figuras que comecem com a letra E. Mesmo assim, ganha um cartão de borboletas recortadas em jornal. Letras espelhadas. Pingos de tinta feitos com o avesso do lápis, horizontais amarelas, verticais vermelhas. Guache.

Crianças pedem atenção.

Uma mãe está sempre sendo chamada. Para amarrar um cadarço, limpar uma bunda, tomar a matéria, esclarecer os exercícios, fazer uma torrada. Pronta? Uma mãe quase nunca tem quem lhe alcance um copo de água. Na hora de ir para escola, sufoco. Não, essa blusa pinica. Essa estrangula o pescoço. Tem que ser uniforme. Ver o lanche. Tinha bilhete. Uma mãe não consegue ver tudo. Para as mães, cobranças. Homenagem, uma vez por ano, qualquer bobagem.

Crianças pedem atenção.

O homem cansa da mãe. O homem fica na frente de filmes com perseguições e tiroteio. O homem se preocupa com dinheiro. O homem sabe que texto não vale muito. O homem vê que quem vive nos textos acaba não agüentando gente. O homem acha idiota perder tanto tempo para ganhar tão pouco. O homem se arrepende por estar tão perto disso. Mulher que gasta todo dinheiro com livro é troço perigoso. Mas o homem não diz nada, para não ter que entrar em discussões. O homem quer bunda, boceta e peitões sem problemas filosóficos. O homem gosta de mulher que goza. Então, tem que agüentar o cérebro. E se ofende quando a mulher pergunta qual o sentido do futebol.

Crianças pedem atenção.

O homem quer saber por que alguém o prejudica. O homem quer justiça. O homem tem sede de vingança. O homem está cheio de raiva. Blasfema.

Crianças pedem atenção.

O Diabo briga por que não é Estrela.

Crianças pedem atenção.

O homem odeia *glitter*, purpurina. Fragmentos diminutos que grudam na pele para brilhar. O homem não gosta de respingos de tinta. O homem se vê lá com as Forças Armadas. Mas do jeito que vai nada se arma embaixo das calças. O homem brocha. O homem preferiria nunca ter nascido.

Crianças pedem atenção.

Uma boneca atirada ao longe. Estupidez de quem se irrita com criança. Estragos nos coraçõeszinhos exigentes. Choro piora tudo. Ainda mais acompanhado de altos agudos. Nem beijos, nem carinho. Só palmada. Falta de laço, isso sim. Adesivos de bordas douradas. Portas de armário que nunca estão fechadas. O homem só sabe xingar. A mãe está sempre atacada. Insetos só aparecem para incomodar. Formigas fazem sujeira. Ninguém se diverte nunca. Nem as crianças que roubam chocolate. Nem o casal que se tranca no quarto tentando salvar a relação.

Crianças pedem atenção.

Ela veio lá de cima e sofre porque não sabe se vai agüentar ser professora. Ela alisou cabelo e não sabe se vai querer ter filhos. Ela é linda e inquieta e cheia de fome de arte. Estrangeira de dar dó. Traz frevo na fala e chora depois de descobrir que o aluno morde lápis porque tem fome. Assume Ícaros e fica a mirabolar com o trem. Metropolitano.

Crianças pedem atenção.

Fugir é uma graça que tem seu preço. Quem ama não consegue ir embora. Não há trem para o paraíso. Entrar no barco é correr o risco de naufragar. Estar cheio de raízes significa precisar de água.

Crianças pedem atenção.

Já vou, já vou, só mais uma linha senão eu morro.

Crianças pedem atenção.

Vassoura para mandar o caos embora. Excluir pequenos dejetos. Cabelos, papel picado, fios de roupa, caquinhos de tudo o que se choca ao brincar, farelos, cadáveres de mosquitos.

Crianças pedem atenção.

Arrumar a casa, cuidar da família. O quanto o homem não vê. E o quanto se paga para nada. O preço de se descobrir titânico. O preço de uma identidade. Não vale a pena se apavorar com isso. Por mais ridículo que seja pagar para poder falar de bestas subversões e previsíveis escapadas. Ou pior, alugar alguém para agüentar confusões teóricas que todo monólogo traz. Pagar para reclamar. Sem censuras.

Crianças pedem atenção.

Melhorar não é garantia de nada. Estar centrado é mais uma idéia decalcada. *Samadhi,* seu Alemão, para brasileiro é dança. Só se faz caindo para os lados. O centro só faz sentido se for para a ele retornar e logo já sair depois.

Crianças pedem atenção.

No zênite da vida, pais trabalhadores sonham com o repouso do nadir.

Crianças pedem atenção.

Escrever, ó catarinas, é luxo que poucos podem se dar. Cumprir com *papers* dentro de prazos é outra coisa. É conversa para constar. Escrever, capixabas, é evento incorpóreo que perpetua os signos em textos. Que não contam. No máximo, despontam. Sem lugar algum que não as mãos daqueles que o percorrem.

Crianças pedem atenção.

Seis horas por semana, cambada. Mais vinte horas a cada semestre, junto às aulas de cada um. Cento e vinte e tantas horas juntos, nenhum namoro toma esse tempo. Só amando para não morrer. Contar as horas é tarefa espúria todo tempo exigida nos índices departamentais. Odiar as cargas não exime o burro de carregá-las. Ir para as montanhas é coisa que não cabe para as mães. Só dá para continuar sendo professora fazendo desse peso arte.

Crianças pedem atenção.

Quatro horas de escola. Mães respiram. Professores penam. Mães-professoras ainda não ficaram loucas porque se agarram em crenças. Algumas, a noite, assistem novelas. Algumas têm dinheiro na família e pagam alguém para cumprir suas funções. As pobres acabam surrando os filhos. As que precisam escrever batem em si mesmas.

Crianças pedem atenção.

Só se faz arte quando não se acredita em nada.

Crianças pedem atenção.

Crer no funcionamento das coisas não significa incorporar aquilo que o embasa. Simplificar as coisas é perder tudo. Passar fome pode ser a única saída desse estrangulamento vil que as funções cometem num corpo cansado delas.

Crianças pedem atenção.

Fazer o recibo, assinar o certificado, mandar o ofício. Atualizar. Anotar gastos. Fechar o orçamento, rezando que não apareça déficit. Como viver longe dessa chatice?

Crianças pedem atenção.

Cinqüenta mensagens, necessárias respostas. As pessoas por trás dos apelos precisam ser consideradas. As mães raivosas telefonam direto, comunicação cibernética só serve para namoros incertos, combinações a longo e médio prazo e questões de trabalho.

Crianças pedem atenção.

Mediar debates, proferir palestras, ministrar cursos. Só listando, para tudo lembrar.

Crianças pedem atenção.

Querer esquecer sem poder se esquecer dói.

Crianças pedem atenção.

Termos de compromisso, planilhas de supervisão, reuniões agendadas. Recibo, por favor. Anotar as saídas do orçamento, fechar o balancete. Contar horas. Progressão funcional. Saudade de regredir...

Crianças pedem atenção.

Relatórios. Pesquisas, conferência de arquivos. Mil bilhetes de aviso. Quadros de horário. Endereços para correspondência. Calendários, relógio, cremes anti-rugas.

Crianças pedem atenção.

Batom só se for bem pouquinho, rímel não. A mãe tá cheia de trabalho. Agora não vai dar. Espera um pouquinho. Só mais um pouco. Poxa, já vai.

Crianças pedem atenção.

O pai não vai vir mesmo, inútil esperar. A mãe tem sede mas se parar para beber água não terminará nunca. Tem fome, está cansada. Precisa produzir. Terminar a coisa, imperativa. Sem ordem, disciplina, não vai dar conta da lista de tarefas. Inesgotável. Serviço brota, tudo exige do corpo. Não dá para pensar no que se ganha. Apenas observar a potência do que se faz. Quem se esgota é que não se dá o direito. De espraiar-se e olhar o céu. De beber água e atirar-se. De pegar o homem e tirar proveito da carne.

Crianças pedem atenção.

A mãe do homem é aquela que telefona na única hora de solidão produtiva que o vivente consegue em três semanas para dizer que fez a costura da barra da calça com linha enviesada. A mãe do homem varre o corpo que está se alongando no chão. A mãe do homem põe defeito em tudo. A mãe do homem gosta de babados. A mãe do homem quer delicadeza. A mãe do homem requer distância.

Crianças pedem atenção.

A mãe do homem tem saudades delas. Um casal vai ficar só. O que farão, melhor não criar nenhuma expectativa. Medos, estranhezas. Porque sozinhos, os abismos aparecem. As máquinas falham. Os aparelhos pifam, as merdas não acham papel higiênico para se limpar. A etiologia das psicoses não será considerada. Pelo menos nessa aula. E o que mais?

Crianças pedem atenção.

Esqueceu do carvão e se danou. Sair para buscar na chuva impede a possibilidade do fogo. Céu cinza deixa a pele bem. Sapato molhado melhor deixar na porta.

Crianças pedem atenção.

Que Deus te leve. Mesmo que precise da ajuda do capeta para te carregar. Que Deus te leve, nem que seja te disfarçando com preenchimentos botulínicos. Que Deus carregue teus fardos, que os meus já são demais. O homem dorme. E grita por qualquer barulho que as mulheres façam. Que Deus te cuide, Velha. Que Deus te amanse, Fúria. Que Deus te dance. Que Deus te coma de uma vez para que deixes de encher o saco. Que Deus te sacie, Gorda. Que Deus te acalme, Nervosa. Que te traga cravos, paus e tudo o que mais veneras em Sua cruz. Que Deus te passe, empale e amanse, Besta, que para assadinho não serves nem para gozo nenhum. Que Deus suma de uma vez por todas que as coisas que Ele traz ninguém aguenta mais.

Crianças pedem atenção.

Máquinas virulentas atrapalham tudo. Chá preto é combustível necessário. Perder o fluxo de uma língua sempre acontece por falta de uso. Não usar um idioma é desaprendê-lo. Nunca mais andar de bicicleta nos fazer perder o equilíbrio nelas. Anos sem pegar uma direção fazem o motorista perder a automatização do engate das marchas. Toque bom

é um instinto nato. Perder a calma: destino dos que trabalham muito e pouco desfrutam.

Crianças pedem atenção.

Imprimir, imbricar, encrencar, enguiçar. O homem se irrita. Nada alivia o incomodo de tudo. Uma mãe gostaria de estar morta. Uma estátua bate em quem se movimenta.

Crianças pedem atenção.

Ainda bem que toca. Som, doce, tudo. Tudo de bom. Só som.

DES)aforismos

I

Quando os aforismos viram Mustache

Nuvens pretas de guerra

no MEIO da cara.

"Toda a luta – e todo acontecer é uma luta – *precisa de* duração.

O que chamamos de "causa" e "efeito" deixa a luta de lado e, portanto, não corresponde ao acontecer. É bem consequente negar o tempo na relação de causa e efeito."

p. 63

"Contra a moral do rebanho uma declaração de guerra.....p. 111

NIETZSCHE , Friedrich. Fragmentos Finais. Brasília: Ed. UNB, 2002.

II

"O foro íntimo é o desaforo".

Quem construiu Tebas de sete portas? Reza a lenda que Anfion construiu as sete portas de Tebas em homenagem as sete cordas de sua lira. Uma homenagem a música e a Apolo. Uma homenagem a Hermes.

1. ***Máquina de Guerra***
2. ***duração***

3. ***M**ultidão*
4. **deserto**
5. **TERRITÓRIO**
6. **acontecimento**
7. **Desaforo))))))))))))**

III

URBANO , DEMASIADO **URBANO** *(La Imaginacíon é tudo)*

O carro desliza suavemente pelas ruas de uma grande metrópole. O homem e a mulher percebem não sem espanto que algo sai do comum nesta cena. A cidade é só deles. As ruas estão vazias em pleno dia. Calçadas, viadutos, praças, cruzamentos, prédios, corroboram com uma paisagem deserta. Uma música harmoniosa intensifica a sensação de conforto interna ao veículo, uma sensação de privacidade em pleno espaço público. Em meio ao estranhamento, o carro estaciona. A mulher abre a porta do carro. Desce. De repente tudo a sua volta muda. Operários trabalhando, barulho de sirenes, acidentes, poluição visual, acúmulo de pessoas, ambulâncias, bombeiros, vendedores ambulantes, violência, a multidão da metrópole reaparece feito uma imagem do Hades - ou de uma descrição de Emanuel Swedenborg e William Blacke sobre o inferno. A mulher volta para o carro. Fecha a porta rapidamente. A cidade volta a ser deserta, não há mais ninguém além do homem e da mulher no carro. A metrópole torna a ficar vazia. Trocam olhares aliviados. A música harmônica volta a ressoar. A tela escurece e uma voz em off anuncia:"Citroen C4, todo o resto é indiferente"[1].

IV

((((Fragmentos aforismáticos, versos. Os dois))))

1 Disponível no link: http://www.youtube.com/watch?v=GrYzJgTbF4Q

V

Feito fotografias de Eugène Atget, fotógrafo que registrava o vazio das ruas parisienses como quem fotografasse os cenários de um crime[2], o comercial de TV do Citroen C4 produz indícios. Inflexiona em uma mesma ideia/imagem características do capitalismo contemporâneo, do processo de urbanização em curso e da construção de um imaginário social.

Diante do "declínio do homem Público"[3], o que nos resta é o desfrute do consumo, da vida privada como solução biográfica aos problemas sistêmicos. Para além da venda de um produto, o que vemos no comercial do automóvel é a venda de um mundo, o mundo do capital. O mundo de uma cidade cada vez mais sitiada e claustrofóbica, onde os espaços de convívio tornan-se escassos e a única alternativa é guetificar a existência em espaços segregados e protegidos.

A vida "privada", interna ao carro, é calma e harmoniosa. O lado de fora, as ruas, o espaço público, um lugar perigoso e degradado, sem a mínima possibilidade de permanecer. O que esta dito nestas imagens? Que práticas urbanas ela provoca? Que tipo de imaginário sobre a cidade ela produz? Que processos de subjetivação estão em jogo? Que relações com o território ela condiciona?

2 No Belo comentário de Walter Benjamin reproduzido por Susan Sontag, na obra "Sobre a fotografia".

3 Obra homônima de Richard Sennet.

VI

Quem nunca sonhou com uma cidade vazia? Quem não quis para si, no auge de uma paixão, que o mundo inteiro desaparecesse e só existisse você e ela? Qual é a potência daquele deserto? Qual é a potência do deserto? O que libera nessas fantasmagorias? Quais são suas linhas? E quais são os seus perigos?

R. Barthes p. 120, 121 – inéditos vol. 3 – imagem e moda:

> **"Todos esses "ataques" à publicidade mostram que a verdadeira resposta que se pode dar a mensagem publicitária não consiste em recusá-la ou em obliterar essa mensagem, mas em roubá-la, falsificá-la, combinando de um modo novo as unidades que a compõem de maneira, à primeira vista, natural. Esse furto, signo de uma liberdade, constitui *um ato de ironia profunda,* que é hoje o único meio que temos de falar, por nossa vez, a língua das comunicações de massa. Visto que não podemos e nem devemos fechar os olhos diante da publicidade, pois participamos e às vezes nos beneficiamos da imaginação que ela mobiliza, ponhamos suas obras entre aspas, vivamos a publicidade como uma citação, não como uma fatalidade".**

VII

(o capital não captura e nem pauta. O capital está ligado nas tendências e as tendências estão coladas no agenciamento da multidão)

Como pensar a palavra morta da publicidade a partir das imagens que escapam? Citroen virou Fiat. VEM PRA RUA. REDES DE RUAS, RUAS E REDES.

Epílogo

"As máquinas de guerra vêm aí, mas não tenha medo. O problema não são as máquinas que se aproximam da cidade, são as máquinas que já aqui estão".

Gonçalo Tavares p.15 – a máquina de Joseph Walser.

Um brinde a vida:
Auto estrada do sul. Gerry. spiegel im spiegel[4].

(Cortázar encontra Sant que encontra Arvo Part que se afoga no espelho).

4 http://www.youtube.com/watch?v=7qkx8eLfiOo

Desenho do que não se sabe

Escolhas. Escolho o papel. Escolho o lugar. A luz. O lápis. O ponto de vista. A maneira como me sento. A posição. O modo de segurar o lápis. Troco de lápis. Fecho a porta, ou ao menos penso em fechá-la. Paro. Me deparo olhando logo a frente na direção de muitas coisas que estão fora de foco. Não as observo. As percebo.

Volto a olhar para a folha em branco. Entendendo o branco não como a cor do papel, mas como um papel sem desenhos, sem marcas, sem manchas. O papel é ainda mais "creme" sob a luz amarelada. No papel em branco já tem cor. Tem imagens. Tem as sombras de minhas mãos. Tem os vultos de imagens presentes em páginas anteriores. Fantasmas. Não estão lá, estando lá.

Há a vontade de desenhar, mas os olhos querem flanar, perambular, errar. Sátiros sabotadores, são mestres na arte de procrastinar. Mas o desejo é maior.

O desejo conduz o olhar a uma fotografia. Imagem potente, conhecida de outras miradas, outros olhares meus. Já desenhada em outro momento. Penso que já a conheço, mas não a conheço.

Desta vez não a desenho. Desenho a partir do que penso com ela ao pensar o ato de desenhar. Antes de desenhá-la, ela me violenta. Agressão que segue.

A desenho com os olhos. A desenho em pensamento. Penso o desenhar. Enquanto percorro com os olhos seus contrastes. Suas sombras. Seus nuances. Suas cores. Suas formas. Suas linhas. Linha baleeira que me arrasta em velocidade vertiginosa. Linhas de vida e de morte. [1]

"Não posso tornar precisa minha percepção de uma coisa sem atenção voluntária que transforme de forma notável o que antes eu acreditava perceber e conhecer bem. Descubro que não conhecia o que conhecia..."[2]

Algo me distrai. Alguém me distrai. (Há algo se movendo em minha direção, a temperatura do vento, do som, do cheiro mudou! Seria Estesícore[3]?) Sátiro se embrenha mata adentro. Desvia o olhar. Olho para outras direções. Articulo palavras. Respondo perguntas. Penso em imagens turvas que se ligam aos diálogos que atravessam o desenhar.

Novas escolhas. Posições na cadeira. O discurso. A conversa. O diálogo anterior ainda ressoa. Penso nas imagens que criei a partir da conversa.

1 DELEUZE, 1992.
2 VALÉRY, 2012, p.61-62
3 Na mitologia grega, **Estesícore** "a bailarina", é a décima sexta das 18 Ménades (sacerdotisas de Dionísio).

Imagens descritas sem especificação de detalhes. Cenas de uma coreografia que não fosse clichê.

Novas escolhas. Um cachorro late. Pessoas conversam ao longe. Coço meu antebraço direito. Sinto o ar se deslocando próximo ao chão. Sinto frio nos pés e nos joelhos. O ar frio contorna meu corpo. O frio me desenha. Sinto seu toque desenhando sobre partes de meu corpo.

Avanço, recuo, me debruço, franzo os olhos, sinto todo meu corpo como um acessório de meus olhos, me torno por inteiro "órgão de mira, de pontaria, de regulagem, de focalização."[4]

"Mas o desenho de observação de um objeto confere ao olho certo comando alimentado por nossa vontade. Nesse caso, deve-se querer para ver e essa visão deliberada tem o desenho como fim e como meio simultaneamente."[5]

Respiro fundo. Coço a cabeça. Me coço com a ponta do lápis macio sem ponta. Devo ter riscado meu pescoço. Torno a me coçar. A panturrilha esquerda e em seguida a maçã do rosto logo abaixo do olho direito.

Desenhar me torna mais sensível. Sinto o quanto é distinto ver algo sem o lápis em punho e ver a mesma coisa desenhando.[6]

Penso nas técnicas. Nos modelos. Nas regras. Sobre desenho.

4 VALÉRY, 2012, p.66
5 Ibid., p.61
6 Ibidem.

Penso em o que lembro. Crio o que penso lembrar. Crio o que pode me servir para compor o eminente desenho. Já estou a desenhá-lo. Em pensamento.

Trago Sátiro agarrado pelos cabelos, ele não tem como fugir desta vez!

Riscando a folha próximo ao seu topo. Troco a posição que seguro o lápis. Sinto o lápis. O papel. A luz. Olho para a imagem fotográfica. Olho para o papel. Desenhando com os olhos a mão vai escurecendo áreas do papel. Com movimentos trêmulos. Que vão mudando de direção. E a pressão sobre o papel a todo o instante.

"Ou melhor, são duas coisas muito diferentes que vemos. Até mesmo o objeto mais familiar a nossos olhos torna-se completamente diferente se procurarmos desenhá-lo: percebemos que o ignorávamos, que nunca o tínhamos visto realmente. O olho até então servira apenas de intermediário. Ele nos fazia falar, pensar; guiava nossos passos, nossos sentimentos. Até nos arrebatava, mas sempre por efeitos, consequências ou ressonâncias de sua visão, substituindo-a, e portanto abolindo-a no próprio fato de desfrutar dela."[7]

Escolhas vão se dando. Possibilidades são criadas. Possibilidades são descartadas. Em composição com o que se lembra das técnicas. Com o que se vai criando sobre o papel. E fora do papel. Com o que se lembra de outros desenhos feitos. Com o que

7 Ibidem.

se lembra de outros desenhos. Com o que se lembra de outros. Com o que se lembra. Com o que se sente. Com o que se cria.

Cada desenho é um novo desenho. Cada desenho é uma composição de muitos desenhos.

Paro e desenho e olho e desenho e penso e componho e desenho e penso e sinto e desenho e me coço e desenho e pressiono mais o lápis e sinto e penso e ouço os ruídos da casa e desenho e sinto e desenho um pouco mais e paro e escolho escurecer mais algumas áreas e o redesenho com os olhos e opto por borrar mais outras áreas do papel e a ponta do lápis é extensão de meu corpo e componho novas imagens com as sensações que me atravessam.

Por mais que eu tente traduzir em palavras o que penso sobre o ato de desenhar, ou mesmo tente desenhar o que estou pensando, ou mesmo desenhe com os olhos o que pretendo desenhar com o lápis, a cada letra, a cada traço, a cada respiração, a cada piscar de olhos, o pensamento já não é mais o mesmo, o olhar já não é mais o mesmo, eu já não sou mais o mesmo, o desenho já deixa de ser o que nunca foi para vir a ser o que não se sabe.

Sátiro se junta às Mênades que dançam sobre mim.

Referências:

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1992.

VALÉRY, Paul. Degas Dança Desenho. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CROMOCRÔNICAS

Todos os tempos de 2010 a 2012

Os tempos passam, são temporários
Os tempos marcam, são intensivos
Marcam a carne, compõem a fibra
Fluem no sangue, encarnam o osso

Carnação
Danação

As *Cromocrônicas* são crônicas biografemáticas, apresentadas como tessituras de vidas possíveis, ficcionais, a partir de detalhes insignificantes de uma vida, da apresentação das forças que operam nesta. Que dá o que pensar. Da cor como atmosfera. Do descolarmento do imperativo da pesquisa como linguagem para pesquisa como expressão. O "ponto Gris" de Klee, o "punctum" de Barthes, do pensamento por imagem. Cromocrônicas, palavra que brinca compondo com os sentidos de *cromo = cor* e *crônica = escrita de Cronos* (tempo mensurável), apresentação de intensidades vívidas, ficcionais, surgidas durante o tempo dedicado aos estudos do mestrado em Educação.

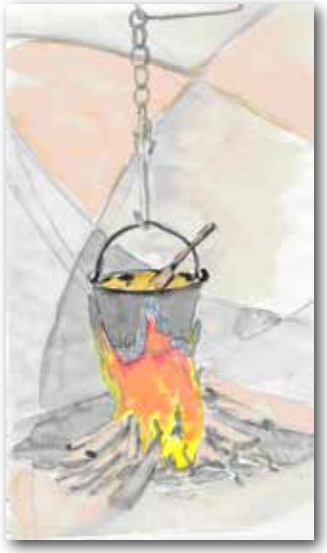
Cores, traços, imagens, texto, tudo operando num fluxo de pensamento onde busquei trazer a sensação colorante para a superfície do papel, tocando a superfície do corpo do leitor, com o fluxo da sensação presente em diversos níveis, no ritmo. Fluxo de humores que percorrem e são produzidos pelos corpos e onde a carne do texto se encontra com a carne do leitor.

Sexta-feira, ainda da cor da terra, mas de terra avermelhada.

A casa é o território primeiro de um ser. A construção da minha é como compor um território. Um território precisa garantir um mínimo de segurança para uma noite de sono tranqüila, um mínimo de espaços isolados para garantir os espaços de convívio tranqüilos – afinal todos têm o direito de se isolar em momentos de necessidade. Também é preciso garantir os movimentos nômades, as linhas de fuga para não acabar como um túmulo, para que a vida circule, que haja saúde para todos. Espaços de criação, de lazer, de armazenamento, de conversas e de silêncios. Espaços de higienização, de sujeira, de bagunça e de organização. De estudo, de trabalho e de ócio. De privacidade e de companheirismo. De assistir TV, ver um filme, escutar música, enfim... De um tudo. A casa é composta de diversos territórios, todos com suas fronteiras onde acontecem trocas, de fluxos, intensos ou não, de velocidades diversas. De constituições de bandos, de devires, de sedimentações e desterritorializações. É preciso pensar em espaços, formas e figuras, e estar aberto ao acontecimento, às mudanças não pensadas, às acomodações diversas. É tempo de arar a terra, sulcá-la e feri-la, expor seu sangue para possa acontecer a renovação – tempo de crivar o chão.

Segunda-feira, manhã rosa salmão seco...

Mas não somente do território é feita uma casa para ser chamada de lar – é preciso pensar na carne, nas necessidades do organismo, alimentos, limpeza, sono – tudo e mais um pouco – com qualidade e quantidade. Gerenciar as tarefas do corpo chamado família – esta tribo constituída por afetos. Gerenciar suas necessidades como um todo, desde o almoço até o colo. É preciso pensar nas responsabilidades de cada um para que o corpo funcione com saúde, para que haja alegrias na tribo família, para que as faltas sejam suportáveis, para os humores estarem fluindo bem. As represas são perigosas no sentido de um possível rompimento. Mas sem reservas não dá, há de se pensar em alguma forma de preservar um mínimo desta. Ocupar um território não significa encerrar com sua composição, é na medida de sua ocupação, dos movimentos que se atualizam continuamente que se continua o trabalho. A carne não é fraca, é frágil – rosada como as bochechas de um bebe.



Terça-feira, tempo azul cobalto e laranja vivo.

Toda pintora entra nestes períodos de latência, como movimentos circulares, após estes advém outros períodos de intensa produtividade. Normalmente tem-se pouca gerência sobre o fluxo, são movidos pelos humores corporais e influenciados pelo meio, neste caso, determinado mesmo. São saltos e esperas, esperas e saltos. A cada movimento mudanças ocorrem no trabalho, no estilo, nos materiais usados, nas técnicas empregadas, nas escolhas dos temas, das figuras, do ponto de vista do plano, na perspectiva da vida.

Nada fica sempre igual, em tudo se percebe alguma mudança. São períodos que nos obrigam a pensar nos objetivos de nossa produção, de focos, no que não nos convence ou pouco convence, tentar tornar consciente a percepção destes incômodos, no que é possível fazer. Buscas de respostas e de perguntas, de fontes de intensidades que contribuam para nossa potência de arte. O tempo, para um artista, é aliado e inimigo, ao mesmo tempo. Cronos e Aion, tempo cronológico e tempo intensivo, azul cobalto e laranja vivo, ambos potentes. Ambos operando com sua própria forma para a criação. Aion é mergulho no caos, Cronos é âncora que impede o afogamento. Loucura e razão, unidos é a desrazão.

Quinta-feira avermelhada...

Mas depois de dois anos a casa ficou pronta, a mudança realizada e o sótão iluminadíssimo. E quente. Como pintar sem a tinta derreter? E a pintora? Derrete junto? Falta um forro para que a pressão arterial não desça a níveis tão incômodos que impeçam qualquer atividade ali. As telhas têm material isolante, mas não suficiente para o verão porto alegrense. Horário bom, confortável termicamente, só no início da manhã – impossível para os fluxos da casa – e no fim da tarde, quase noite – também impossível, com o retorno do bando: esfomeados, cansados, querendo colo e comida. Mas há de se construir um território adequado. A Vontade de arte é comandante deste corpo. Energia!

Sábado, vermelho escuro.

Mas dividir espaços é uma constante na convivência, menos mal que ele é disciplinado e não conversa enquanto pinto ou desenho - detesto sair da concentração, do nível de vibração do criar - fico furiosa. É com esforço que consigo entrar no nível de concentração exato para criar. Onde fico suspensa entre a matéria e a sensação. Onde consigo ordenar os traços e cores em um espaço onde habitem sensações. É um procedimento intuitivo, é viajar sem sair do lugar. Um fluxo, um jorro. Imaginem ser tirada "a fórceps" deste estado: um despertador das fúrias. Avassaladoras, desmesuradas, destruidoras. Depois elas vão embora, fica apenas a adrenalina no sangue.

Terça-feira, azul aéreo...

O atelier, aos poucos, caixa a caixa, vai surgindo. Desempilhadas, vão sendo abertas, desencaixotam corpos que vão habitando o lugar. A paisagem atelier vai se compondo. Um devir pintora toma conta de mim. Falta uma mesa e penso em fazê-la com cavaletes e uma porta crua, que bem lixada e pintada terá uma superfície agradável ao toque. Imagino poltronas confortáveis para leitura, livros de arte, técnicos e teóricos, já estão na estante. A pintura se faz com as mãos e com o pensamento. Às vezes um opera mais que o outro, em revezamento, outras vezes parecem amigos de longa data, de tão sincronizados, outras ainda, são amantes unidos em uma só carne. Em todas as ocasiões diferentes níveis, graduações, são encadeados.

Segunda-feira, verde clara e dourada.

Revejo nas caixas meus materiais preferidos: rendas plásticas para

colagem, frotagem, carimbo, máscaras; palhas de milho, um fascínio com suas estruturas

delicadas - estas estão secas - mas as verdes tem uma cor fresca e sedutora, linhas estruturadas que lhe dão uma textura única. Suas cores translúcidas são difíceis de pintar. É a carne deste corpo, que é a espiga de milho verde, que me atrai, os grãos tem um amarelo cuja translucidez deixam entrever o centro branco, os verdes de sua casca deixam passar a luminosidade. Como nossa pele, ao observarmos os dedos contra a luz. Nem bem opaca, nem bem transparente. É a sedução, que me mantém atenta, pela sensação, que me mantém vibrando. O verão, época de consumir espigas verdes de milho, é uma época que gosto muito – descasco com cuidado, cheiro, dobro, modelo, crio meus espantalhos. Um deleite. Para a família, gosto de praia, para mim, gosto de arte.

Sexta-feira, esbranquiçada, translúcida e sulcada.

Muitos blocos de desenho, de formas e tamanhos variados, saem das caixas para ocupar seus lugares nas estantes. São os aliados, os confidentes. À eles confio meus rabiscos, meus projetos, meus desenhos, meus desígnios. Minhas idéias alojam-se ali, onde revejo e descubro outras possibilidades a cada vez. Carne sulcada pela pressão da mão, o papel revela os desejos do pensamento. E através desta carne que penso, repenso, "transpenso". Crio a partir destas referências, algumas de tempos onde a memória embota, de coisas que nem lembro mais. Mas como não se cria do nada – ilusão é pensar no ato criativo como "divino" – precisamos partir de algo. Partir da vida vivida é a única alternativa fértil.

Terça-feira, profundamente colorida...

Preciso de um ponto d'água. O projeto inicial do sótão/ atelier previa um banheiro que não foi executado. Não há como voltar atrás – agora tenho que pensar em algo. Pode ser um tanque. Para resolver, meu companheiro de espaço estuda e prevê uma torneira, em breve. Coloco os tornos de cerâmica na prateleira e penso na plasticidade da argila entre meus dedos. Visualizo algumas esculturas, algumas texturas. Ah, as cores dos vidrados... Meu corpo é conduzido por um instante na reminiscência destas sensações e não sinto o calor e o pó sobre ele. É apenas uma camada vítrea sobre um pedaço de argila cozida, mas que camada! Que cor!

Sexta-feira, amarelada.

As aquarelas e os pincéis, de uso exclusivo e comprados com esforço, levam meu pensamento para a textura dos papéis artesanais. E para os oferecidos em uma loja especializada, que também vende uma prensa portátil de gravura que estou "namorando" há tempo. E uma Vontade de fazer gravura em metal vai tomando corpo. Os traços sutis, as texturas, os tons monocromáticos... Descubro algumas telas em branco, que estavam esquecidas, pincéis e mais pincéis, alguns destruídos pelas tintas acrílicas, outros duros pelo óleo acumulado na virola. Arquivos de exposições, de trabalhos, processos, modelos, de currículos. Tudo deve ser guardado em local adequado. Uma arqueologia a ser feita no futuro, quem sabe? Agora é hora de não deixar o acesso muito difícil. Conservação. Seleção é para muito mais tarde. E não será feita por mim.

Terça-feira, branca como casca de ovo...

Como pensar o encontro que é uma aula? Como facilitar a escritura? Creio estar no caminho certo. É uma experimentação, e como tal tenho de experimentar a matéria também. Como parceiros, desta dança chamada aula, os alunos são imprevisíveis algumas vezes, outras nem tanto. E devo confiar em minha intuição moldada nestes mais de vinte anos de docência, para saber conduzi-los suavemente. Vinte anos são uma vida, mas como são sempre novos os alunos, fica uma sensação de eterno princípio. Cada ano letivo traz um gosto de recomeço. Quem serão os "meus" alunos? Vinte anos são uma vida e uma morte. Saberei reviver? Fênix renascida é o mito que figura em

meus olhos. Frágil é o conhecimento, melhor escolher a sabedoria. Proceder com sabedoria para conduzir as turmas.

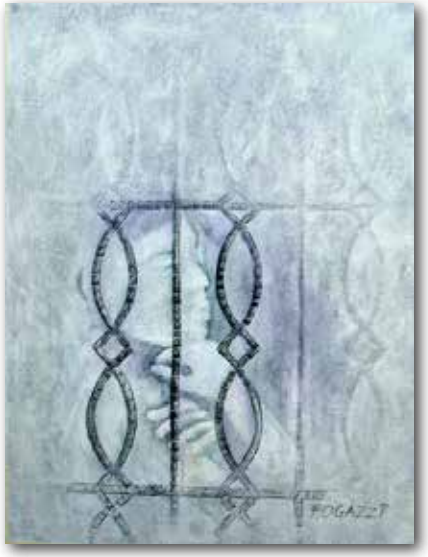
Sábado – escarlate.

Lendo e lendo... Ahhh...essa imobilidade corporal é uma tortura que me imponho durante as longas sessões de leitura. Absorta, nem sinto. Quando me acomodo melhor, o corpo dá sinais de vida e dói. É um contraste: quando mais o pensamento se move, mais os músculos se aquietam... Levanto, caminho pela casa... me alimento. O pensamento engorda e o corpo também. Atletismo inverso? Certamente uma ascese...

Quarta-feira, iridisada.

Primeiro encontro das "Costuras Esotéricas". Aula de um saber menor. Sabedoria alquimista. Arquétipos e matéria. Tecidos, técnicas, maneiras de pensar a vestimenta. Raciocínio artístico, lições de modelagem, de fluidez, de conforto, de cuidados com o corpo. Cartas, imagens, mitos, deuses. Cuidados com o território e suas ocupações, com a toca, com o bando. Mulheres, amizade.

*Quinta-feira, amarelo saturado.*Tudo dói. O corpo pede movimento. A mente pede pausa. A família pede atenção. É hora de dar um tempo. O tempo, cronológico, também ajuda o pensamento a selecionar as ideias, concatenar as sensações.



Quarta-feira, alaranjada e cítrica.

Preciso rever os conceitos da oficina de escrileitura. Como é diferente criar um procedimento, um encontro e um texto. Para cada atividade mais pensamento – como expressar o sentido do sentido com palavras? Se este não é meu chão, meu território por excelência? Este se torna um parto e, como tal, depois da força – o alívio. Quem já passou por isso conhece bem a sensação.

Quinta-feira, Vermelho-carmesim

Histeria professoral – Grita que eles param Sora! – diz o aluno que quer o silêncio – para parar a bagunça que nem mesmo ele suporta, ou que vê no rosto da professora um sinal de impotência diante daquele caos, um sinal que a chama à responsabilidade – seu dever é o de conter os corpos , manter o domínio de classe.

Sexta-feira, do azul cinzento ao laranja

Da insuportabilidade da sala de aula – com criar para si, "ssora", um corpo sem órgãos? Um corpo líquido... fluído e em fluxo... verter ou vertigem?

Terça-feira, estridentes violetas, roxos gritantes e azuis nervosos

Bagunça – corpos em devir – como conter o incontrolável? Como saber o que se deseja? Forças em embate e a "ssora" no meio (da escola, da aula, dos corpos)

Do bagunça dos alunos e do controle da instituição, bem no meio, sinto-me um amortecedor.

Vermelho Vivo, sangue escarlate

O problema de capturar a vida, que sempre escapa, parece que a obra consegue conter muito pouco, e muito - planos para uma série, experimentações de temas, de cores e traços, de matéria.

Cenas de uma aula acontecimento

A cena para que a abstração não nos mate. Um risco, um fragmento, uma descrição do intensivo. Não vai formar com outras cenas uma regularidade, mas sim compor um mosaico heterogêneo, fractal, perspectivo e pré-individual. Divisão compartilhada, não denominador comum. Movimento singular qualitativo, que expande na superfície inesperadamente e coexiste com o banal. Remete a outras cenas, e o ponto de ligação conjuga o "e" rumo à sua própria diferença. Um clarão que logo esconde o que mal chegou a ganhar luz e desaparece. Apenas um traço que ganhou uma consistência provisória, que logo esvai-se na remissão ao próximo estrondo. Não formar a existência do que representa o que realmente aconteceu, mas forçar a insistência de alguma presença que acontece. Suspende qualquer insinuação de universal.

A cena para que o exemplo nos confunda. Ela já se atualizou, pede a próxima, o próximo capítulo, a próxima vítima... Mesmo que ela se repita na narração, vai ser diferente nos efeitos. Algo que foi feito, e quando voltar a ocorrer não remeterá ao que foi apreendido anteriormente. Alguma coisa não está certa aqui e eu não sei mais o que estou fazendo. Ao invés da compreensão, a dilatação rumo a um novo presente sem o modelo da cena anterior. E se esvai o que é claro, condensa-se a névoa e o que era cristalina volta a ser opaco após a atualização. E as cenas tem que continuar, contraindo-se em reserva e desdobrando-se em outras.

A cena como procedimento. O movimento do texto avançando sem que se saiba o final. A cada situação repetitiva, um novo desfecho aberto. Aliás, que transfigura o todo que não é mais o mesmo a cada elemento da cena, justamente porque as cenas não compartilham de uma mesma coerência, mas sim de uma coexistência heterogênea. Por isso, a montagem implica os cortes móveis que privilegiam o instante qualquer - não hierarquizado, não abarcando todos os elementos

possíveis. Esboço geral, escrita das singularidades, novo esboço geral... Cada vez que cena ganha forma, algo está atravessando as mãos quase sem passar pelo cérebro. Remodelada tanto em cada repouso quanto em si mesma.

> Um escritor só consegue escrever sobre uma única coisa: aquilo que se apresenta aos seus sentidos no momento da escrita... Sou um instrumento de registro... Não tenho intenção alguma de impor "história, "enredo", "continuidade"... [...] Chamam isso de "possessão"... às vezes alguma entidade se apodera do corpo – silhuetas agitam-se como geléia amarelo-alaranjada – e mãos se deslocam [...] Nunca totalmente possuído, que fique claro, mas de algum modo em uma posição de antecipar movimentos mal calculados... Tal patrulhamento é na verdade minha ocupação principal...
>
> William Burroughs

Lutar para conduzir algumas forças, eis a sina da cena como procedimento.

A cena como teoria do exercício. Insiste uma prática que contamina a teoria, e a teoria que contamina uma prática. E assim diferenciando-se a cada retorno... A cena descreve empiricidades, onde o que condiciona sua produção está indiscernível ao condicionado. A proliferação de enunciados da cena está livre das categorias estratificadas, mas implicadas naquilo que as cria como algo que paira por dentro do concreto. Quase como uma procriação selvagem de novas ordens, a cena atravessa o idealismo e o empirismo como quem desliza em meio a um baile de máscaras com os passos marcados. O que é registro não deixa de sê-lo, mas torna-se irresponsável em relação a um referente.

01.Sonolento Gabriel

Os movimentos circulares e contínuos marcavam o encontro entre o quadro verde e o apagador. Movimentos soltos que faziam mergulhar

Gabriel naquele espaço-tempo fabricado pelo quadro-verde, o apagador, os alunos perfilados e um Gabriel, ainda levemente sonolento, apesar de o relógio já marcar 9h e 18min. A dança/movimento se completou com o giz deslizando e fazendo compor o cenário com um velho conhecido – o ciclo do açúcar. Como esse velho conhecido poderia, numa aula recheada de corpos poucos dóceis e pouco habituados ao próprio hábito, ter sucesso?

Mas, a recitação se inicia. Um discurso aparentemente trivial, exalando sentidos, marcando referentes e com um claro e irresoluto objetivo de comunicar, de informar e de ensinar o "processo".

Alguns minutos se passaram até que aquele discurso claramente situado num lugar, por milhares de vezes já visitado, fosse tragado por um buraco negro e afundasse em si próprio. Como se a fala trivial de Gabriel, despretensiosa e pouco provocativa, cavasse o buraco em si mesmo e, numa autofagia da palavra, desaparecesse ao encontrar-se com o fundo de si mesma.

Gabriel autofágico se fez vítima do encontro. Do embate imprevisível com as falas dos alunos, estas hesitantes em tudo o que diziam, porque pouco faziam em representar, ou comunicar ou mesmo criar sentido: "Professor, porque a África é tão pobre?", reluziu como o raio de Zeus a cortar fundo o tempo e jogando ainda mais Gabriel a uma zona de intenso perigo e de perturbação angustiante. E as perguntas se prolongavam na direção da autofagia Gabriel, que tentava desesperadamente voltar à superfície do buraco, agarrando-se nas bordas escorregadias. "Qual é o nome que se dá às pessoas que comem gente?" E Gabriel retorna novamente ao buraco, sem fundo, sem borda, sem aula.

Não se tratava de um diálogo, como quem submete uma sequência verbal a uma ordem e sentidos uma vez já dados. Era como que uma multidão informe de falas que se chocavam umas nas outras e que criavam uma aula como relação – uma experiência do buraco.

Gabriel voltou à tona, recuperou-se na superfície, quando a porta se abriu e a coordenadora avisou sobre uma avaliação a ser feita. A aula acabou, o buraco se fechou e o tempo voltou a correr no espaço.

02. Alice e a Revolução (no noturno)

Alice certamente se pergunta, todos os dias, sobre qual o papel da Revolução Francesa na expansão da vida de cada uma daquelas manifestações atuais de força que, diante dela, apenas procuravam um pouco mais de vida em uma aula de História no turno da noite.

É que a noite dá um tom muito mais intenso a tudo que acontece. Ela traz consigo a sempre inesperada escuridão; seus monstros sempre prontos a aparecer como relâmpagos, prá logo se apagar.

Uma aula de História, à noite, está propícia a um rumo surpreendente ou a não obedecer qualquer direção. É uma aula sempre à espreita - à espreita de encontros que produzam e provoquem acontecimentos. Uma aula noturna é um pouco como um convite a uma grande festa de inversão. É que o estrangeiro é noturno, e a noite é uma espécie de não-lugar, habitat de todo o estrangeirismo.

Alice estará pronta para se debater e fazer contato com o estrangeiro?

Um dia todo de medidas: de "bom dia senhor diretor"; de elogios vazios para forçar o bom funcionamento das engrenagens da máquina; do horário e da disciplina. Enfim, depois de um dia de uma vida direcionada e controlada pelo sentido da ação e da necessidade, os alunos nem tão atentos à aula, estavam – numa aula de História, no turno da noite – já pouco dispostos a qualquer medida. Mergulhavam, já que noturnos, num sentido da vida totalmente desinteressado, sem atenção, sem ação, sem necessidade.

E a escola se tornou a Avalon dos cavaleiros do tempo, que se inserem no interior da bruma e se deixam levar pela incerteza, pela ineficácia e pela inutilidade da vida noturna.

Como ensinar a eles a Revolução Francesa? Como ensinar a eles através da leitura e da explicação, repetindo um dia inteiro de medida, utilidade, necessidade e produtividade?

Como chamá-los de sua imersão no tempo, na noite? Ou seja, da sua própria noturnidade?

Como provocar neles o desconcertante acontecimento?

Tudo se passa como se a exposição da Revolução Francesa fosse por um sentido – o espaço, o dia; enquanto as vidas noturnas dos alunos fossem por outro - o tempo, a noite.

Eis que naquela sala pouco iluminada, onde reinava uma ordem aparente, os dois sentidos se bifurcavam e constituíam mesmo uma espécie de monismo que permitiu o ensaio da "Convenção Nacional" e do "Entusiasmo revolucionário". Dois sentidos encontrados na tórrida narrativa da captura e da morte do rei.

E a noite cria dentro de si um dia, possibilitando a leitura, a escrita e a atenção. Mas, esse dia assim criado, é corroído por dentro pela noite que não cessa de se insinuar, a fim de jogar tudo para o movimento perpétuo do caos – da noturnidade.

03. **Dyonisius, o também fabulador**

Dyunisius encarna um movimento intensivo que implica o envolvimento com a constituição de um ***tempo aula***.

Um ***tempo aula***, eis o que Dyunisius procura constituir. De certo que seu objetivo é jogar cada um dos alunos–espíritos num mergulho radical e profundo no Oceano aberto do tempo – o seu ***tempo aula***. Ali onde as horas não passam, onde nada passa e, ao mesmo tempo, se revela como um fluxo que é pura passagem que absorve a todos num mesmo e absoluto movimento; ali onde não se pergunta pela hora do recreio; onde não se vive com a esperança da merenda; onde nem mesmo se solicita para ir ao banheiro.

Parece que aquela *aula-buraco*, do mergulho profundo, se destaca de toda a necessidade, mas, sobretudo, suspende toda a ação. De modo que o que se vê não passa de uma nuvem de desterrados, com suas belas inutilidades, que devém de um diletantismo de aprender história.

Desterrados: sem pátria, sem nação, sem identidade, sem cotidiano, muito acima de toda a obrigação habitual; muito distante de toda a produtividade mundana.

Eis uma aula inscrita na exata dimensão do acontecimento. Algo ali acontece. Dyonisius também fabulador conta história como quem faz arte e confunde criação e resultado. Faz valer a aprendizagem da história como um exercício livre de criação – que significa descer ao fundo de si mesmo a ponto de impessoalizar-se, como num retorno à virtualidade do universo, para, sem exigência de vida cotidiana e do presente, ultrapassar o pensado, brincando com o impensado.

E as crianças aprendem o belo exercício do pensamento. De volta ao Caos para criar novidade – "eterna novidade do mundo" - emergindo numa embriaguês angustiante e inebriante. Aula-buraco; aula-brincadeira; aula fabulação.

04. André e o ditado

O estado parecia de repouso, já que o procedimento era simplesmente um ditado, ou seja, a fria enunciação de respostas prontas e definitivas sobre a conquista do Brasil. Num primeiro momento foi difícil achar ali, naquela pura atualização, qualquer sombra de uma imagem-cristal ou de uma imagem-fabulação. Parecia, e isso era tremendamente deprimente, que as forças estavam desde já estabilizadas.

Mas essa vida tinha dois sentidos. Era mais do que uma relação entre um ditador e identidades sobreviventes, copiadoras, repetidoras. Aquela aula era encontro de dois sentidos - um que se lançava à necessidade pura de informação, que buscava reconhecimento do antes estudado e que procurava dirigir a ação de cada um, no sentido de um acúmulo de erudição e de informação sobre a história do Brasil: "Sabe-se que outros europeus já conheciam a existência desse território".

Por outro lado, a cada frase ditada e posta de vez no mundo das formas, insinuava-se um outro sentido – o mundo informal das forças. Foi possível intuir que de cada forma brotada e criada no mundo pela palavra dita, uma porção infinita e imensurável de não-ditos escapava e, ao mesmo tempo, se conservava em torno de André.

Ele, um substantivo próprio, guardava em torno de si e de suas palavras,

um FORA, uma neutralidade asfixiante que o jogava sempre para os lados, para cima e para baixo, fazendo-o jogar com as palavras, escondê-las, provocá-las em cada aluno. Essa FORA que o rondava eram forças que não se lançavam no próprio ditado, mas que exalavam junto a ele, no entorno neutro e vazio de cada enunciação e de cada enunciado. E era isso o que jogava cada aluno e o lugar inteiro em um contínuo movimento.

Eu-Quimera

Meu corpo não é meu apenas. Ele é um espaço especial para ser o que quiser, quando eu me permito ser. Nele, habitam tantos eus, tantas imagens que faço de mim, versões alternativas, paralelas, e cada uma segue sua vontade.Mas isso é dentro do corpo. Fora dele, outras ações se efetuam e é ele quem responde, sofrendo, a todas elas.

O pensamento se cria na gaiola, pássaro cativo que precisa fragmentar as barras e espalhar-se por todo o corpo. “SENTE!” gritaria o pensamento que é diariamente sufocado pelas palavras de ordem, pelo mundano que é o mesmo do mesmo. O pensamento se contorce, agoniza, porque é encaixotado num coletivo identitário. Tenho que ser igual a eles para ser alguém.

O pensamento não quer ser ninguém além dele mesmo, mas ninguém quer permitir isso. Pensar diferente é criar algo que desestabilizaria aos outros. O sentimento de inadequação é terrível para muitos, mas meu corpo pode gostar.Há novidades que ficam a cada esquina esperando só que eu faça a curva. O medo de mudar as coisas sempre me acompanhou, então sempre segui em linha reta.

Nada de curvas, isso significaria ter de olhar para os lados, ver outras coisas. Isso me afetaria de formas que ninguém pode prever.

O tempo não existe, não exatamente... Será que pensamento faz aniversário? Será que morre? Alguém poderia ter feito essas perguntas, alguém deve ter feito, há tantas pessoas, tantas coisas no mundo.

Há tantos eus, que somos nós, que são possibilidades de mim. Desde quando isso aconteceu? Desde quando eu penso isso? Eu nunca precisei pensar diferente. Aliás, como é que eu consegui isso?

Acho que foi desde aquela vez, quando eu vi a sombra de alguém fazendo uma curva numa esquina. Alguma coisa mexeu aqui dentro, como se fosse uma vontade de fazer diferente, de ir atrás. Foi só uma coisinha, pequena, quase sem importância... Mas, que força! Que desconforto intenso ela criou.

O pensamento está cada vez mais estranho ultimamente. Não consigo aceitar as coisas de qualquer jeito, como são jogadas sobre mim. Não que estejam erradas, ou certas, que sejam boas ou más, porque nada disso importa, exceto que eu preciso pensar elas, ver o que fica delas em mim - o que delas me marca realmente.

Estive desenhando no estilo *mangá* esses dias, os olhos grandes (padrão) pareciam rir de mim. No fim, dei-me conta de que era eu quem não conseguia conviver com eles. Tanto tempo desenhando a mesma coisa.

Larguei tudo e resolvi ir para frente do espelho. Fiquei me olhando por cinco minutos, quando veio a vontade de imitar uma galinha. Eu caminhei pelo quarto fazendo "cocó-cocó", fingindo catar milhos invisíveis. Quando parei, o estranhamento veio: "Por quê?"... Eu só lembrava que estava feliz como galinha. Os movimentos não foram ensaiados, suponho que o corpo sabia o que queria, sabia mais do que eu, o que era para acontecer.

Dois dias depois, eu virei um gato. Um dia antes, estava olhando o gato da vizinha e seus movimentos, era invejável ver como ele era natural - não precisa pagar nada, e a orelha rasgada era alguma lembrança de alguma briga por uma gata no cio.

Quando virei gato, pensei no prazer de ser um gato. Estiquei-me sobre a cama e alonguei meu corpo ao máximo. Sentia as articulações se estalando, certo calor entre os músculos, uma doce sensação de prazer por simplesmente estar ali, sendo o que estava dando vontade de ser.

Quando passou o final de semana, eu tive de ser eu de novo, ou melhor, eu tive de representar a eu-vendedora. De uniforme, com regras de horários e serviço ao cliente. Presa naquela loja sem ar condicionado, num calor digno de fritar ovos no asfalto, com pessoas pedindo mil pares de sapatos só para dizerem "Não, acho que não vou levar nenhum". A semana foi toda assim, sendo semana de Natal, nos turnos de trabalho nos tratam como cães - ainda prefiro a galinha ou o gato! - o corpo vinha destruído de forças, deitava-me e "entrava em coma", só esperando o despertador do dia seguinte.

No sábado, eu acordei, tomei banho e fui ver as olheiras no espelho. Eu estava um lixo, poderia fazer um filme de zumbis sem problemas. Aquilo me corroeu por dentro. Uma vida que sempre me leva a um espelho para ver linhas de expressões, olheiras de cansaço, o mesmo todas as semanas.

O eu-Amélia deveria ter entrado em ação, limpando a casa toda para receber gente que iria sujar tudo de novo. Acho que até o eu-Amélia estava cansada daquele ano todo. Decidi levar o gato, a galinha, a Amélia para passear... Fui ao parque ver pessoas caminhando, reclamando, comprando, comendo, etc.

Era algo lindo de ver! Não precisava fazer nada, só ficar ali, deixando o pensamento abrir a fechadura da gaiola na qual eu o havia deixado por tanto tempo. O vento balançava as árvores, havia um pássaro cantando em algum lugar, um choro de criança porque a mãe não comprou sorvete, até um casal de namorados com juras melosas entre os bancos. Era vida em movimento, sem precisar de razão, de função, e eu estava ali, pensando em como nada precisava ser igual, que o próximo dia não seria igual a esse, mas que tinha possibilidade para o incrível.

Pensei também nas pessoas que iam sujar meu apartamento. Elas conseguiam ver essas coisas? Elas aceitariam que algo estava mudando comigo? Será que não achariam que tenho algo de errado? E por que seria errado?

De repente, veio uma visão de como as coisas poderiam vir a ser: elas não entenderiam porque eu precisaria de mais na minha vida. Algo que me desse vontade de ser energia, de ser ativa... Algo para sentir a vida emanar dentro de mim e não apenas ao meu redor – sentir-me atravessada, recebendo e dando a mim mesma. Para saber que eu criei algo, ou que algo germinava em mim. Para não depender da rotina.

Olhei de novo para aquelas pessoas. Será que, agora mesmo, alguma delas estava passando por isso?

Será que ela se deu conta, assim como eu acho que me dei, de que a sombra virando a esquina era eu? Caminhando de costas, caminhando ao contrário, invertendo o trajeto, inventando um meio para prosseguir, desviando-me do habitual, aceitando o fora de controle, o que não conheço, o que pode ser qualquer coisa, tantas coisas, mais coisas?!

Levantei do banco, tirei os sapatos. Deixei-os sobre o banco

e saí caminhando na grama, na areia, na beira do lago. Senti cada roseta, cada pedrinha, cada folha boiando por onde passei. Aquilo foi importante, foi minha primeira vez fazendo aquilo, sem me importar com o par de sapatos, com as contas a pagar, com o gato da vizinha, com a inveja das colegas de faculdade que tiveram casamentos bem sucedidos e empregos com melhores salários do que o meu... E sem pensar na sujeira que vou limpar mais de uma vez.

Eu só consegui pensar em como tudo estava fazendo parte do mesmo momento. A pele maltratada, as olheiras, a galinha, o gato, o vento nas árvores, eu, o corpo. Era uma grande soma para aquele momento, uma composição que só conseguia me levar a pensar nas próximas curvas que eu deveria fazer. Não precisar de nada. Essa foi a sensação mais incrível. Eu não precisei de nada além do que já era naquele momento, e não me preocupei com o que eu seria no segundo seguinte. Em eterno movimento, as coisas mudavam desde a primeira esquina, só demorou para entender que isso não era um problema, ou uma afronta às coisas que já estavam aqui – era apenas uma outra coisa que se impunha.

Agora, estou tomando café em um lugar longe do parque, na verdade, eu não sei bem onde estou. Saí andando, virando esquinas, olhando coisas, absorvendo tudo o que eu normalmente deixaria de fora da minha vida por medo. Essa inquietação da minha sombra ficou maior. Eu a chamo de Quimera. Tem tantas manifestações que até o corpo se arrepia às vezes. Quimera parece ter vida própria, ela me conecta com as coisas de forma tão intensa que é difícil não querer mais. Levei Quimera ao teatro comigo ontem, a excitação que ela aflora em mim nos tornou inseparáveis – é como se eu pudesse comer o mundo.

PEÇAS

> "Vamos ao teatro para penetrar no camarim, na antecâmera dessa precária morte que será o sonho. Pois ao anoitecer se celebrará uma Festa, a mais grave, a derradeira, algo muito próximo dos nossos funerais. Quando a cortina se levanta, entramos no lugar onde se preparam os simulacros infernais. JEAN GENET

UM PALCO NO CÉU DA BOCA

Um palco vazio, tapado dos suores dos atores, humores secretos do corpo em cena, do corpo-estilete. O *corpo da pesquisa*[1] ergueu no mergulho de uma série de materiais e documentação das peças encenadas, o corpo do texto que disserta conceitos sobre os processos com os quais se ocupa. Num infinito recortar, fazer escolhas, eliminar os desejos fracos, os afetos sem intensidade. Um palco despido do acontecimento e pronto para evocá-lo. Navalha na carne. O *corpo em ato* pode rasgar, dilacerar o espaço. O vazio não é condição do palco. O palco é um lugar de efemeridades. Tudo o que nele transita ou transitará afirmará um jogo, fruto da tensão entre o espaço com corpo e o espaço sem corpo. Ocupar o vazio, fazer desaparecer o ausente. Crivar o espaço para os não-lugares só faz revelar sua natureza de perpétuo jogo.

1 Este texto é um recorte da dissertação de mestrado em Educação, PEÇAS DE BEATRIX Teatro em Educação, defendida em 2010 no PPEGEDU-DIF-UFRGS. A escrita enuncia um processo de criação de uma atriz que pulsa sob a interferência da filosofia da diferença, da literatura e das aprendizagens da cena. Num teatro para deseducar, e num deseducar para teatrar.

UMA RIBALTA: COM MIL RAIOS!

Se nos é impossível pensar a vida do palco sem pensar o vazio dele, é porque o palco só se torna lugar de cena quando faz aparecer e desaparecer os corpos que por ele passam. Corpos retirados, novos vazios recriados. O antes vazio, o agora habitado, descobre rapidamente a fragilidade da forma. A forma não é a vida, e não existe vida sem forma. É neste paradoxo que mora a força deste eterno *vir a ser palco.*

UMA AULA E SUA ALTIVEZ

Aqui vive uma artista sem palco, uma professora sem lousa. Não deseja saber decor, reproduzir lições, castigar quereres, secretar ações. Aqui jaz uma aula e sua fixidez, sua altivez. A cena está aberta, o sopro imponderável não tem enquadramento. Está fora de foco. O filme não tem moral e o humor não é cáustico. A matéria não é dada. A mestra prolifera fantasias de aula. O que ela faz é deseducar, desordenar discursos, inutilizar receitas, despovoar instituídos, esvanecer palavras de ordem.

PARA APAGAR AS LUZES DE SERVIÇO

No palco observamos vidas. O que delas emanam não é repetível, possível de ordem. A delicada passagem de uma emoção, o vago pensamento posto em ação não se opõe à não-ação, mas a alimenta. Suspendemos por ora. O não-fazer no palco não é ausência do que fazer. A lacuna, a pausa constitui a própria vida que percorre quem observa e quem é observado. Remete à vida que não tangencia, em constante fluxo...

UMA ARENA

Uma arena pouco iluminada acoberta sensações que ali tiveram vez, um corpo. A atriz mais velha da companhia morreu neste teatro. A meia-luz não faz desaparecer totalmente o que a luz deveras preencheu. Tornar visível o invisível é um tipo de ação incorporada à sua natureza.

O palco é uma arena de leões, devorado ainda nu, deserto ainda de suas mil possíveis direções, grávido de possibilidades, feito para errâncias de todos os gêneros e para todos os públicos. Espaço ainda sem história, sem enredo, sem começo nem fim. O espaço vazio é um *intermezzo* da vida do palco. Não é uma lacuna, um incidente, mas um dinamismo sempre potente. Aquilo que o palco produz depende deste motor ininterrupto de vida presente.

ATENÇÃO: FELPAS NO TABLADO

Penso o palco como se pudesse arrancar dele as vidas que deixei. Mas agora já não sou tanto mais a atriz que por ele se encantou e encantada para ele viveu. A diretora que abriu passagens, castelos, pessoas... Mordeu a autora que viu meias-palavras terem mais força que textos, encontrou atores. O palco não é espaço para memórias. Arquivar, lembrar, confessar não erguem o passado. Deslocadas pelas margens do vivido para criar uma nova carne, as memórias, as lembranças, a nostalgia não cabem no palco, pois a cena é lugar de presença, ou uma constelação delas.

(UM) BARALHO

OFÍCIO DA CRIATURA

Como sustentar uma vida que não é outra senão um vetor de encarnação para a existência de uma cena? A vida de personagens muito além das antigas *personas* do teatro grego. Personagens diluídos no corpo que os atua, fazendo com que o personagem não passe de voz se fazendo valer no fluxo de um texto sem narrativa, entrecortado e ziguezagueante. Não é uma descoberta que se quer fazer. Não se têm pretensão universalista nem generalista, se quer ir para além do senso comum do que se diz sobre o teatro, as técnicas de criação de personagens e truques de atuação. Se aqui trazemos Dioniso, deus-personagem-coro-fluxo é porque o teatro quer reencontrar sua força ativa, seu viés afirmativo, mesmo que estejamos cansados de saber e ouvir que "é preciso criar". Apostar na potência criadora da vida que, antes de significar alguma coisa, é essencial para um pleno viver, paradoxalmente alheio aos jogos e seus possíveis resultados. Não se quer descolar a teatralidade da "carne" do que se diz do corpo; a verdade[2] da ficção, o personagem de seu texto. O que se inventa, o que se invoca em Dioniso é vida sem interpretação, atuação do texto em carne, ficção mesmo que gritando verdades que o coração constrói de acordo com as vicissitudes de um louco querer. Eterna criação do mundo, seja a peça que se encena para poder enxergar uma migalha de um mundo-caos inapreensível.

DAMA X z.

B atriz instalada no próprio corpo da pesquisa e nos recortes de textos que compõem a vida desta atriz. Aquela que sintetiza os

2 Com Nietzsche aprendemos que a verdade é também uma criação, não é verdade em si. Também não há verdades únicas no trabalho teatral. Há muitas escolas, muitas teorias. Há infinitas variações nos modos de criação e encenação. Não há uma única trajetória rumo ao teatro. No contemporâneo, diferentes formas, planos e manifestações teatrais/cênicas podem coexistir harmonicamente, pois se trata de frequências diferentes: teatro de rua, teatro-performance, dança-teatro, etc. Contemplar e misturar gêneros no jogo da multiplicidade, da fusão e da diluição de formas já canonizadas faz parte de uma atualidade teatral, onde, afetos, encontros se atualizam.

conceitos. Vem a ser um personagem em cena, mesmo as cenas jamais encenadas. Com todas suas implicações: direção, figurino, coreografia, maquiagem, interação com luzes e cenários, efeitos interpretativos e possibilidades de atuação. Ela fulgura. A forma mata a intensidade se não solta faíscas. Uma atriz tem muitas formas. Todas as mulheres e eunucos. Assume roupagem de diversas deusas. É Dioniso travestido. Ou mesmo a sibila de Apolo enroscada das serpentes de Delfos. Ao mesmo tempo faz tudo em excesso.

Não conhece a si mesma porque sabe que em cena não há nada para se conhecer. Juntar suas peças não seria o suficiente para explicar o que a faz transitar dentro de um texto e dissertar o teatro que não procura extrair de uma peça algum sentido. Não há narrativa, não há embate dual entre oposições. Sem bem e sem mal, sem verdade e sem mentira, sua vida pulsa na cena que um texto nada dramático a coloca. Ao dar cara para um corpo, que escreve, atua e sofre julgamentos, a atriz desta pesquisa esvai o personagem que nela procuramos. Não é atriz que pensa, nem a professora que escreve, nem o texto em fluxo. Mas criatura necessária para mostrar como, sem físico, o corpo do ator insiste num personagem, mesmo que esse não passe do recorte que a cena faz para enquadrar e fazer transitar um corpo que pensa o corpo.

ATRIZ

1. Lugar do corpo como vontade encarnada. A todo instante, no ensaio, uma forma perdida. **Pelo tablado do palco, sagra a vida. Palco, o útero criador. Criar outro tempo e espaço: a atriz vive à beira do precipício.**

2. Ela torna-se reconquistada, reconstruída. Invisibilidades atravessam ou atravessaram a Atriz e fazem as atuais estruturas oscilarem. Ocupar o corpo em cena: um perpétuo embate entre presença e ausência.

3. Atriz, escreve num caderninho de notas, e espia pelos lados, por onde quer que passe, pode haver alguma sensação. Dedica o tempo a caçar sensações no presente.

4. Nos últimos tempos, a Atriz arranca os olhos dos pássaros quando precisa de perspectiva. Faz uma peça na forma de escaravelho. Notável figura, o besouro faz ressurgir a vida num coração de pedra. A peça, entrecortada com palavras de poder em suas margens, traz boa sorte. Porém, somente por meio de inúmeros cânticos ela se torna um elemento infalível para a produção de novas peças.

5. **Músculos da perna levemente retidos. O ventre é o coração da Atriz. Ela sente seu ventre-útero de humores, umidades.**

6. **O que fazer quando se sabe que tudo pode dar errado, quando a experiência da perda, do erro, é iminente? Somente ela tem de dar um jeito.Improvisar aqui quer dizer *presentificar.* Uma atriz desnuda em cena tem de fazer do impedimento um acontecimento.**

7. Nem fora do palco, nem sem as luzes da ribalta, somente o êxtase de estar em cena me faz sentir viva prezada raposa. **No encontro com o palco nu, entremeios de um processo último. Manifestação: desejo e ato.**

8. **Nos falsos vácuos, o confronto com o que ainda virá a ser é constante. Nenhuma diretriz ainda a seguir; somente desejo de seguir uma linha de fuga.**

9. **Para o ator – aquele que cultiva devires, múltiplas personas, máscaras –, o ensaio é espaço privilegiado da conjugação do sagrado e do profano.**

(DOIS) PALCO

CENAS

1. **O palco se faz território nômade. O ator crava seu coração no jogo da impermanência, se apronta para mais uma noite. Lugar de magia e arte. Uma vai sustentando a outra.**

2. **O palco é feito de éter, de produção de vida, de substâncias translúcidas, produzidas com sangue, suor, materiais sensíveis, sombras, sobras. É lugar de experimentação do verbo ser, abertura para outros espaços desérticos em expansão de consciência.**

3. **O palco, lugar de passagem, sempre em vias de ser abandonado; vive de forças em combate, provisórias. Teatro: estética do efêmero.**

4. **Uma outra noite ainda, e a vida no palco tem de renascer das cinzas. Fim de partida, um novo desdobramento.**

5. **Aos pedaços, cacos, restos, fragmentos da vida esquecidos reúnem-se em nova charada. O espetáculo não pode parar.**

6. **O palco tem sua própria gramática. Palcografia para futuros acontecimentos... No palco não existe meio-termo.**

7. Tudo o que por ali permeia e é permeado desaparece: um gesto, um olhar, uma situação concreta. Morre a cena, dissipa-se o olhar, dilui-se a personagem. O l**ugar preciso dá lugar ao impreciso da vida. O acaso.**

COM A CABEÇA NAS ESTRELAS

1. **O palco chama o presente. É no aqui/agora que ele age sobre nós. A insistente presença: de** novo aqui para ouvir, por entre murmúrios, um chamado – o ribombo do meu coração dizendo-me "Vem!". Vou, sem medo de saltar, dançar com minha carne revoltada. Corpo estilhaçado, **em metamorfose constante, afirma a fagulha do início.**

2. Grandes atores ocupam o palco todo. Fazem chegar os sussurros, os alentos, os meio-sorrisos à última fila do teatro. Mas o teatro é uma estrada de duas mãos. De lá também chegam os balbucios, frases pela metade, risadinhas de prazer, bocejos de tédio e tossidas nervosas. Mas os atores insistem, fazem amar o seu ofício pelos mesmos fluidos que enredam o estômago, os nervos e o sangue do espectador. Tudo transcorre no corpo do ator. O que vem de fora, o que o estimula e atravessa é o possível de chegar aos outros.

3. Há um investimento neste acontecimento que nunca terá uma segunda vez. Nunca uma reapresentação. Talvez **nos blecautes, nos intervalos das cenas, na fila do banheiro. Onde não sangramos de desejo e paixão, seremos sempre os mesmos; não há território inédito.**

4. **Um sortilégio certamente, efeito do instante, na fome do insaciável instante que retorna por entre bastidores: atrás do pano. Inauguro tablados desérticos, percorro os ensaios de espetáculos já vividos...**

5. **Poderei ir embora, abandonar o palco.** E voltar. Fixar meu olhar sobre ele sempre que desejar. V**oltar ao jogo de cena inúmeras vezes.**

6. **Ocupo meu corpo em cena, um embate perpétuo entre presença/ausência. *Humana, demasiada humana*[3]. A entrega ao jogo é a medida das intensidades, sempre inventadas para despertar vida, pluralidade.**

3 NIETZSCHE, Humano, demasiado humano II. Trad. Paulo César de Souza. São-Paulo: Companhia das Letras, 2008.

7. **Ainda que se tenha uma rota, um reino a ser criado, a todo instante há, no ensaio, uma forma nova conquistada, possível na cena.**

8. A história bem que poderia começar agora, com a artista cheia de encantamento, percorrendo os corredores do velho palácio de verão, construído para ser um Teatro onde muitos outros artistas e figuras cintilantes ficam até o amanhecer nos fundos dos camarins, conversando, bebendo após o espetáculo. O interior lembra os cenários de filmes norte-americanos, com suas escadas de mármore; seus salões imensos provocam um efeito acústico excepcional, fazendo ecoar o som.

9. Mas não era nem aos outros salões destinados a bailes nem à gaiola com chafariz que **B atriz** estava determinada a chegar. E sim ao teatro, ao encontro marcado com a plateia, a Vidente.

Manifesto do Ator[4] Contemporâneo

Transgrida os gêneros. Negue a fábula. Recuse a síntese. Busque a força da intensidade. Seja direto. Rompa com o espaço de representação. Estenda o tempo. Faça novas associações. Corporifique. Promova os encontros, os riscos. Ame o processo ao invés do resultado. Manifeste ao invés de significar ou interpretar. Prefira o impulso ao invés da informação. A experiência compartilhada ao invés da experiência transmitida. Desperte os sentidos. Evolua continuamente. Não conserve os sentimentos tais como são. Salte! Não se apaixone pelo desenlace. Interrompa. Não faça tramas. Transite. Duplique. Deforme. Amplie.

4 **O ator não é aquele que se evidencia por acréscimos e sim, por meio de perdas, de destruições. Em sua criação ele elimina vícios, clichês, soluções fáceis.** Encontra no imprevisível da cena, seu lugar de passagem, de devir. *"O risco que a verdade corre desaparece no instante em que o mundo inimitável exige posições, atos e movimentos cuja pertinência ele imediatamente sanciona" (SERRES, 2004, p. 12).* Este corpo que vai para além do senso comum, do convencional à estranheza exige um trabalho É um trabalho de *patchhwork*. Composição feita de elementos diversos ou materiais variados colados em uma tela – e em alusão a um dos domínios de expressão dadaísta (1915-23) de Arp, Picabia, Duchamp, Man Ray, Max Ernst. Sobrepõe elementos diversos a fim de produzir outra coisa. Outra obra. Sem metáforas ou sentido literal e sim um corporal intensivo no encontro dos seus possíveis.

PEÇA[5]

5 ***Ana e os Cães*** foi um espetáculo concebido como conclusão do curso de Bacharel em Interpretação. O processo criativo teve a respiração como potência para materializar o universo canino e a relação de poder entre cães e homens. Trabalho contemporâneo, na linha pós-dramática, aliou o estilo cubista de Gertrude Stein com fragmentos de outros autores e relatos reais. A ação vocal foi o ponto de partida. (Suzana, porto alegrense, 60 anos e dona da cadela Gertrude, numa entrevista gravada no Parque da Redenção). Com atuação e concepção de Patrícia Unyl, participação de André Mubarack e direção cênica de Maria Lúcia Raymundo, o espetáculo teve suas primeiras apresentações em abril de 2002 na sala Alziro Azevedo – DAD- UFRGS

Uma peça de teatro, um espetáculo por vir. Um cão para perseguir. B Atriz, translúcida **atriz, persegue o** coração de Ana, o teatro. Ana por sua vez, os cães de rua. Em seus caminhos, irrompem variados sinais. Afirmam potências. Ana avisa aos que por ela atravessam de que não quer uma estrada de mão única. Insiste: não quer harmonia nem quer ser sempre o foco das atenções, o centro da cena. Ana é a personagem. **B Atriz**, magia. Elas vão, elas vêm. Encontram e perdem. Nunca juntas, sempre em voltas de... Um pouco mais adiante, atrás e em torno, tornando-se... Sempre mais um ângulo, estranho, inconcebível e novo. A teia é invisível a uma primeira vista. Não há ligações, mas há uma unidade, que não é exatamente um roteiro. Há um dito... A opção pelas passagens de semitons e interfaces na narrativa encontra-se no fluxo desde ensaio de dizer o indizível. A imitação foi ponto de partida para fazer vibrar Ana, num processo que permeia o visível, o corpo físico, palpável, copiado através da voz, do tom e do timbre. O resto do corpo, a imagem corporal na íntegra completou-se na relação com o invisível, o virtual, o não palpável, possível de transmissão, é a dimensão espiritual da criação, tecida de sonhos e imaginário. Processo difícil de ser descrito, composto por vibrações, emanadas de cada poro, potencialmente presentes, dando suporte à primeira imagem vocal.

DISPOSIÇÕES DE ANA E OS CÃES

Ana leva-nos ao mesmo lugar que povoa nossa fantasia, nossas saudades e devaneios... lugar também dos medos difusos. Ana é sopro dramático, ser da Noite Abissal, abismo dos sentimentos. É o lado escuro da Lua, Kali. Beco sem saídas, as ruas tornam-se o espaço das suas errâncias, sem partidas nem chegadas. Atenta apegadas, cheiros, rastros, como um cãoela avança, adivinha passagens em noites uivantes, atordoantes

súplicas.

Em cada passo destas procissões conjuntas, põe em jogo uma curiosa simbiose. O ar da noite é o terreno de sua poesia canina. Ana é sopro de morte. Uivos etéreos, Aérea Canina, tudo nela é indagação e fúria. Seus filhos, bons e maus cães, são condenados aos sonhos da clausura. Nos mitos, os cães, como guardiães do inferno (protetores dos mistérios), não devem ser mortos, mas precisam ser enganados com ardis.

ENCANTAMENTO

Ana é uma mulher pequena e furiosa. Acompanhada por cães, ela parece ter sempre que ralhar e censurar. Ao mesmo tempo, é sabido que eles a defendem de todo e qualquer perigo que possa atacá-la ou que atravesse o território onde se encontram. Eles são um tanto ferozes quando querem. E ela os imita. Os cães desdobram em Ana sua alegria selvagem, sua vontade sempre renovada de correr pelas ruas à procura de inusitados encontros, que a fazem mais intensa. Vão pela noite, em tantas direções, arranjos e desvios, tantos o quanto seja possível.

Ana apanha cães de rua, Ana os persegue. Segue o rastro, sente o cheiro, adivinha acessos. Como um cão, avança terrenos baldios. Está certa de se desdobrar por essas aberturas. Mais tarde, recolhe e enclausurados cães num quarto escuro. Ana então cria regras e jogos. Ela é finalmente a Senhora, eles são os cães. No limiar entre o humano e o animal. Homem–Cão e Mulher–Cadela... Ela é o Cão, eles são os homens. Em matilhas, atravessam a cidade. Mantendo-os sempre perto e em permanente tensão, a voz de Ana os guia e aconselha a atravessar com cuidado determinadas zonas. A iniciação de um cão novato inclui todas as peripécias que um velho cão gosta de contar. As pulsações são muitas. Ela participa dos seus devires tal qual um cão participa dos devires de outro cão. Juntos abrem passagem, a fim de captar as forças infernais da noite escura e todas as multiplicidades que essa aventura acarreta. Ana espia as luzes. Ana está só. É uma mulher solitária.

Peter é uma espécie de homem-cachorro. Ela e Peter mantêm uma relação de afeto e desafeto contínuo, num eterno retorno aos jogos de poder. Ela o ama em segredo, Peter é o seu cão preferido. Ana ama este cão. Ana mata este cão. Em seu uivo interminável, Ana é sopro de morte. Nunca podem se encontrar de fato. Nem quando ela o convida para uivar. Ana alimenta-se de luz elétrica e do encontro com seus cães. Ana é devir-cão.

A(TUA)AÇÃO

Senta no negrume da Lua Nova com teus cães, na encruzilhada com teus cadáveres! Fita! Obstina-te! Acolhe desertos caninos, erráticos, amorais. Sopra a noite, uiva! Enfrenta cães raivosos! Afirma tua sina nas ruas, arcos, câmeras subterrâneas e ainda inexploradas, perseguindo, sendo percorrida! Aguça teu olfato! Sinta os ardores caninos! Alerta os comediantes ambulantes, os vagabundos de pileque! Alcança e sê uma da Matilha! Persegue intensivamente! Torna-te imensa de solidão! Cubra-te com imortal manto! Num salto mortal, encontra teu homem-cão! Altares de beleza e estranheza! Retorna pela mesma calçada possante de tuas andanças! Caçoa do jogo de amor e morte! Amor impossível que te colocou em algum ponto na linha do meio de um caminho infinito. Outras tantas em ato. E talvez mesmo entre vocês e ela, algo possa acontecer.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: “Creatrix”, Colagem, Patrícia Unyl, 2009. p. 4.
Fig. 2:”Vidente”, Colagem, Patrícia Unyl e Família Zordan, 2010, p. 8.
Fig.3: “Ana e os Cães”, Colagem, Patrícia Unyl, 2009. p.13.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. *A Arte e A Morte*. Lisboa: MM Livreiros Editores e Distribuidores, 1987.

ARTAUD, Antonin. A. *Linguagem e vida.* São Paulo: Perspectiva, 1995.

GENET, Jean. *Diário de um Ladrão.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

____. *El Objeto Invisible* – Escritos sobre arte, literatura y teatro. Barcelona: Edición de Jérôme Neutres,1997.

MINUZZI, Marcos. Nosso *Lado Maloqueiro nos redime.* Disponível em <http://jornal-vaia.blogspot.com/2007/12/nosso-lado-maloqueiro-nos-redime-marcus.html> Acesso em 23 de maio de 2010

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratrusta.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____.*O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Genealogia da moral:* uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A Gaia Ciência.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Fragmentos Finais.* Brasília: Editora UNB, 2002.

_____. *Ecce Homo.* Porto Alegre: LPM, 2003.

NOVARINA, Valère. *Carta a Los Actores e Para Louis de Funès*. Trad. Fernando Gòmez Grande. Valencia:Universitat de València, 1998.

_____. *Ante la palabra*. Valencia:Pretextos, 2001

_____. *O Animal do Tempo e A inquietu*de. Trad. Ângela Leite Lopes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

cartas-corpo

Carta remetida a uma Arte Terapeuta.

Minha cara,

Por aqui o frio só não é maior porque acendi a lareira hoje. O mar está agitado e o vento é cortante na beira da praia. Como estão os dias por aí? E como vão tuas mãos? Ainda

Penso que seria útil nos encontrarmos para conversar sobre a relação da arte com a saúde mental e eu, de uma vez por todas, te contar sobre o que venho desenvolvendo em mim e no meu trabalho de atriz-performer o contato com a loucura, a partir da escuta de quem é considerado louco... ando acariciando riscos e devolvendo o meu corpo a ele mesmo.

Faz pouco, iniciei um trabalho em um Residencial Terapêutico, utilizando os princípios da performance como ferramenta de trabalho. Não estou falando aqui de teatro e performance terapêuticos! Ainda mais o terapêutico nos moldes atuais onde o sujeito dentro de uma sala fechada com zero de relação com o mundo, fala ao seu terapeuta até este, encontrar os 'sintomas da sua patologia'.

Estou falando de teatro e de performance em si, estou falando de arte!

As tecnologias que ainda hoje são utilizadas dentro dos serviços de saúde mental, mesmo os substitutivos, são um tanto enclausurantes e muitas vezes pouco implicadas nas vidas que supostamente estão sendo ali naquele espaço cuidadas.

O homem dentro da lógica biologizante é diagnosticado e enquadrado dentro de um código médico, o qual pode funcionar quando se trata de um quadro clínico e que tem sim alguns parâmetros

e níveis de açúcar bem definidos, agora quando se trata de um sujeito e seu corpo é muito arriscado dizermos que ele é algo e somente aquilo!

Ninguém é louco o tempo todo! Não podemos esquecer que a sociedade é que cria os seus loucos! Gosto muito de Focault no seu livro a *História da Loucura,* quando ele diz que "o louco sob a análise racional da ciência vai ser sempre *isto* quando é exatamente *aquilo!* E segue: no século XVIII, na medida em que não sabemos onde começa a loucura, esta passa a ser absorvida como uma presença difusa, sem signos manifestos, está presente em toda a parte, mas nunca naquilo que a faz ser o que é".

Portanto, dentro de uma sociedade habituada a cultivar séries identificatórias, onde os sujeitos habitam identidades, passou-se a utilizar a figura do louco como sendo o grande depositário das marcas irrecusáveis da loucura, de todas as frustações de um homem crucificado pela culpa, mesmo a loucura sendo este "objeto" inclassificável e escuso. O louco então é excluído assim que é identificado pela gorda saúde dominante. É amarrado e apagado aos poucos, pois toda a sua potência de vida é barrada, no momento em que ele é louco, em que deixa aparecer o seu traço assignificante, o que segundo Deleuze seriam traços irracionais, involuntários, ao acaso, acidentais e livres.

No seu livro Van Gogh: o suicidado pela sociedade, Antonin Artaud, que é meu guia e guru dentro da saúde mental, diz em seus escritos "assim, a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se porque se recusavam a serem cúmplices em algumas imensas sujeiras".

A sociedade acostumou-se a aprisionar o espontâneo, acomodar-se em clichês perceptivos e a consumir crenças. Fazemos o que aprendemos a identificar como sendo o padrão e o repetimos a todo o instante. Automatizando os nossos hábitos e ao final o nosso corpo. Não há variação e sim monotonia diária. Não há reinvenção, e sim repetição e regras. Não se faz arte e sim, se representa a vida! Pensando aqui na representação como algo que não oferece nenhum tipo de criação, portanto, liberdade!

A medicina patrocinada pela indústria farmacêutica seda e impregna o corpo do louco e tendo em vista que o corpo é nosso único

bem real, o único bem que não temos que pagar ao estado; podemos dizer então que também o corpo do louco é confiscado e que a sua realidade é sintomatizada.

Conheci uma mulher egressa do manicômio que se diz '*crônica'*, inclusive seus sonhos ela diz que são crônicos! Pergunto-te: que saúde é esta que não liberta a vida? Que é ressentida e ortodoxa? Que congela o que é fluido? Temos que concordar: o julgamento é sempre definitivo!

A arte trabalha na direção da liberdade, bem sabes! Deixa possível a crítica sobre o próprio corpo, ao tocar com delicadeza no que está rígido é capaz de provocar blocos de sensações que podem romper com as estruturadas congeladas da razão idealista. A Arte é enfim um estojo de possíveis e não um estoque de provisões, como diz Rosane Preciosa no seu *Rumores Discretos da Subjetividade*.

Como está o teu corpo? Existe uma parte dele que que mexes muito? Qual a parte dele que tu nunca mexe? Tu sente alguma dor no corpo? Respiras naturalmente?

A performance "começa pela nossa pele e músculos, projeta-se na esfera social e regressa através da nossa psique ao nosso corpo e sistema sanguíneo", diz Guilhermo Gomez Peña e segue "o artista de performance tem nos lunáticos, nos loucos e bêbados, seus irmãos na terra e a única diferença que há é que o performer consegue nadar nas águas em que eles afundam."

Eu, enquanto artista dentro da Saúde Mental, sei que é somente de mãos dadas com a Arte, que poderei também pegar na mão do louco. É a partir do nosso encontro que novos agenciamentos serão possíveis e somente assim poderemos de fato produzir efeito em quem cuidamos e poder quem sabe reinventar a nossa própria linguagem enquanto artista. O verbo tem que pegar delírio, segundo Manoel de Barros no seu *Livro das Ignorãnças* e, não morrer tendo dito somente palavras prontas!

A vida não pode deixar de ser exercida, caso contrário não é vida e somente uma tortura e um espezinhamento. Temos que de uma vez por todas poder, enquanto profissionais que vêm da Arte,

abrir caminho dentro do manicômio, dentro da reforma psiquiátrica e romper/instalar um espaço para que outro enunciado seja possível! Para que o corpo possa mostrar como é e o que sente. Pode-se gritar porque se tem o direito ao grito, já dizia Clarice Lispector.

Precisamos resistir à transcendência, porque Deus não tirará ninguém do manicômio! A arte não só pode como deve intervir - ela deseja, ela não está aprisionada e nem deve satisfação a nenhum patrocinador perverso.

A Arte pede para que cuidemos da loucura, da nossa própria loucura, porque reconhece nela a possibilidade de transformação, de uma nova produção da realidade, de um corpo vibrátil conectado com a sua estética da existência.

A arte é a liberação da vida e precisa produzir contágio, precisa contaminar, é por isso que te escrevo para te contaminar e dizer o quanto eu espero que teu próximo projeto não seja dentro do hospital e sim fora dele. Para que tu também não te prendas e não colabore com esta saúde mental retrógrada e fraca que pensa uma terapêutica sem movimento, sem abertura, que se fecha em salas pequenas e chaveia as portas. Que não percebe que mesmo um diagnóstico já uma pequena morte!

Para concluir, te conto que um dia eu perguntei para a Ercy – uma das moradoras do Residencial Terapêutico que trabalho e egressa do hospital onde morou por 20 anos: Quem é louco, Ercy? E ela me respondeu, sem pensar: Ninguém é louco, mãe*, ninguém é louco!

Mande-me notícias. Eu te desejo caminhadas matinais e bergamotas colhidas do pé, bem doces!

Com carinho,

Carina.

*Ercy chama de "mãe" quem cuida dela. Usa esta expressão desde os tempos das enfermeiras do hospício.

Carta à minha preceptora artista

O homem vive trancado, o homem deve ao governo do estado, do país, aos serviços prestados pelas empresas, o homem cheira mal, come, fode, emagrece, vira pó, mata o outro homem e também pode enlouquecer! O que é o louco? Quem é louco? Quem era louco no tempo das cavernas? Na Grécia Antiga, o louco tinha um saber divino; na Idade Média estava possuído pelo Diabo e isto era patológico já; na Renascença (séc.XV e XVI) era uma nova forma de sinistro: o insano, o qual atraia e repelia ao mesmo tempo. Na Idade Moderna o homem expande seus conhecimentos e por isto mesmo entra em dúvida do que irá encontrar: Hamlet de Shakespeare é um exemplo claro deste período: depois de ver e ouvir o fantasma de seu pai fica entre a cruz e a espada literalmente quando decide vingar a morte do falecido contra a sua própria mãe e seu amante. Hamlet vive entre a perturbação e a lucidez...

Foi quando no século XVI e XVII o homem se torna o centro do mundo e se torna um ser calculável, um homem que, segundo Descartes, pensa e que, portanto, existe! Ora então o ser que pensa é o único que existe? A existência passa a ser então preconcebida pelo pensamento. O homem passa a conquistar o poder de enunciar verdades, e em contrapartida toda a sua existência passa a estar sob julgamento da tão equivocada: Justiça! Esta mesma Justiça que com violência e sangue passou a garantir ao homem aristocrata a sua superioridade diante do plebeu, que constituiu uma sociedade baseada em preceitos morais e falsos slogans! No entanto, as idéias não são justas, são apenas idéias, afirma Deleuze no seu *Diálogos*. Neste momento exato em que te escrevo, preceptora, penso em quantos já morreram em prol do que é justo... e, afinal, que diabos significa "ser justo"? O homem moderno habita identidades: o Eu credor e o outro, devedor. O nobre e bom; o pobre e mal; o louco e o são – não passam de máquinas binárias de representação, como definem Deleuze e Guattari nos seus *Mil Platôs*.

Gosto muito também do que diz Nietzsche no seu livro a *Genealogia da Moral* , "enquanto toda a moral aristocrática nasce de uma triunfante afirmação de si mesma, a moral dos escravos opõe um "não" a tudo o que não é seu, a um de outro modo, a um não ele

mesmo; esse "não" é seu ato criador." Vale lembrar aqui que criador para Nietzsche, é o que contém *vontade de potência*, o que carrega um conjunto de forças impessoais, anônimas, sempre em luta, envolvidas em movimentos de expansão, exaltação, apropriação, transmutação, operando uma contínua destruição e criação de formas. Segundo Deleuze, trata-se de um *poder criador*: criador da vida, criador de mundo, criador de singularidades e, portanto, de novos valores.

Poderíamos abrir aqui uma linha de fuga para ampliarmos o nosso olhar até encontrarmos quem me conduziu a este lugar, para mais perto da loucura/do louco e anima-me todos os dias a colocar em prática a relação do meu trabalho de artista com a problemática da Saúde Mental – foi Artaud, minha cara, Antonin Artaud! Este homem, ator, escritor, doente de meningite, convulsivo, esquizo, criador; pleno de cólera e de indignação, que respirava ora mal, ora bem e ritualizava a sua existência. Que não se contentou nunca com o que estava dado, pois sabia que nada permanece igual. Mesmo o passado é sempre diferente, tendo em vista que mudam os afetos sobre este passado. Artaud sabia, portanto, que não poderíamos nos deixar levar pelo protagonismo médico na atenção à Saúde Mental, pois se até então era a medicina que ditava as regras em relação aos doentes, pudéssemos a partir de determinado momento mudar a compreensão e chegarmos a outras conclusões! Artaud, no seu livro *Van Gohg: o suicidado pela sociedade,* questiona muito a atuação dos médicos psiquiatras e suas crenças "(...) diante da lucidez de Van Gogh em ação, a psiquiatria fica reduzida a um grupo de gorilas realmente obsessivos e perseguidos, que somente dispõe, para mitigar os mais espantosos estados de angústias e opressão humana, de uma ridícula terminologia, digno produto dos seus cérebros viciados." Para mim, é estranho como os médicos às vezes agem como se a loucura fosse contagiosa... !

A vontade de Arte de Artaud, o fez sempre falar, gritar, para poder ser ouvido mesmo que já tivesse sido diagnosticado louco epor isso viver quase ez anos dentro de um hospital psiquiátrico. Ele sentiu na pele o quanto a sociedade prefere amordaçar todos aqueles que não comungam do que é, por ela considerado, justo e bom: "ela prende os que se recusam a serem cúmplices de certas imensas porcarias".

Artaud foi quem me ensinou que a loucura contém algo que não é para todos! Contém uma lucidez para além da vida, a qual

ultrapassa o plano da normalidade e é isto que o homem comum quer exterminar – a lucidez da loucura! Pois o homem comum tem medo de se saber, de se ver, de ouvir o que não deve, de não ser a imagem e semelhança de um Deus que ele nunca viu a cara, de sair do seu ressentimento de si mesmo, de poder se ver como alguém múltiplo e que se faz diferente todos os dias. Ao contrário disto ele segue os padrões e consome o que lhe dizem para consumir! Até porque também o capitalismo lhe põe medo para que ele consuma mais e assim é! O homem se tornou como já disse antes, um ser calculável e premeditado, induzido pela ciência e pela igreja que insistem em introduzir no seu corpo uma sociedade absolvida, consagrada, santificada e possuída, que submerge dentro de uma onda de medo e de subserviência. A noção, renascentista, do *Eu idêntico* a si mesmo é cúmplice das estruturas opressivas! Deleuze diz que "há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem ao que é binário, fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes...".

Nunca seremos iguais, portanto, não pertencemos a uma classificação que não seja a que nós mesmos marcamos no nosso corpo diante da nossa experimentação da vida. Esta experimentação é plena de situações inesperadas. Não temos como prever o que será de nós depois deste atual instante. Estamos imersos no mundo, habitamos encontros, agenciamentos que nos pedem para perceber o estado das coisas, reconhecer o seu estilo de enunciação, corar-se de intensa humanidade e dar um chega para lá nesse encosto de sociedade que grudou em nós!

Bem, falei da loucura, da história da loucura, falei da sociedade, falei da justiça, do bem, do mal, falei do medo, falei de Artaud, falei do inesperado... nem sei mais o que esperar desta carta! Só o que quero é compartilhar contigo que eu sou muito feliz de ter a Arte em mim e no meu corpo, me orientando! De ter um pensamento artista e encarar a vida como uma obra de arte! O meu olhar em relação à loucura é, e será tenho certeza disso, de admiração, de irmandade com ela, porque ela é para mim nada mais do que pura criação e reinvenção de si. A loucura pode ser também doença, mas não para ser combatida e sim, para ser cuidada, para ser olhada em toda a sua singularidade, em todo o seu potencial.

O louco tem algo a dizer sobre si e sobre o mundo, se não conseguirmos compreender isto e continuarmos nesta lógica da perseguição ao proscrito, ao que sai da norma, muitas pessoas morrerão, perderemos muitos Van Gogh's ainda, sedaremos muitos Artaud's e muitos insconscientes cessarão de transbordar.

Desperdiça-se muita beleza neste mundo em prol de muros brancos!

Com arte e poesia,

Carina.

Carta remetida ao meu dentro

Em algum lugar de mim, ou em todos os lugares de mim estão pessoas que eu ainda não conheci e outras que nunca irei conhecer por já estarem mortas. Elas me compõem, são fibras do meu corpo-pensamento, são como sangue entre meus ossos e como câncer espalhado por todo o meu corpo. São os artistas que em algum momento atravessaram meu corpo e nunca mais saíram de mim, do que eu venho sendo diariamente.

Nem Ser, nem Não-ser, Nem ar, Nem terra, nem espaço: o que estava escondido? Onde? Sob a proteção de quem? O que estava por cima e o que, por baixo? Existiam semeadores, existiam poderes: energia embaixo, impulso por cima. Mas quem pode ter certeza?

Este texto é de Rig Veda e o encontrei no livro CAOS Terrorismos Poéticos & Outros Crimes Exemplares de Hakim Bey. Neste livro, Hakim, não cansa de dizer que o caos nunca morreu e sugere que enquanto artistas, sejamos brutais, que assumamos riscos, que vandalizemos o que deve ser destruído, que façamos algo que fique na memória, que as crianças, enfim, possam lembrar! Que a arte existe

e eterniza é fato conhecido, mas o que eu quero defender aqui é que a Arte é para além do seu criador. Posso me tornar outra a partir da minha obra de arte, do meu corpo. A arte está em mim. A arte respira enquanto eu respirar! Minha matéria se torna expressiva, minha carne é gotejada em acordes vibrantes, em palavras ditas na boca de cena ou em imagens construídas na rua. A poesia paira na janela da minha casa, entra quando quer e sugere belezas ao meu ouvido. Sou atingida pelos cheiros e pelos aromas, e pelo tato. Procuro o espaço exterior aqui dentro de mim, a natureza dentro do meu peito. Eu sou isto ou aquilo? Não importa! Sou o que eu estou sendo e isto é aqui e agora, não depois ou além!

Tenho a sensação que os processos de subjetivação no contemporâneo ficaram científicos demais e eu prefiro por vezes voltar ao século passado onde os aplausos são calorosos e inspiram belezas! Leio as cartas da Lygia Clark para o Hélio Oiticica e os insights tropicalistas deles dão um susto na minha mente mítica! Lygia diz que tem tempo já que a obra para ela deixou de ser o mais importante e que o recriar-se através dela é que é o essencial. O precário é seu novo conceito, a ação, sem antecipação, o que é inevitável! Temos o momento-acaso e tudo o que pode produzir sensação, epiderme, baba! Para Hélio "a obra é um cair de boca no mundo! O homem se despe e recomeça para conhecer o sentido realmente aberto das experiências, para se lançar à uma descoberta do dentro". Os processos de criação para os tropicalistas saem de vez do que é predeterminado e racional para se tornarem processo e totalidade, relação e encontro, composição com o mundo através da ação dos artistas, do que lhes era orgânico e natural, do seu desejo de vida! Lygia dizia em 1965 que percebia *a totalidade do mundo com um ritmo único, global, que se estende de Mozart até os gestos de futebol na praia*. Ela era o antes e o depois da geração dela, o futuro no presente. *Sou o dentro e o fora, o direito e o avesso*, diz ela em texto chamado O Ato. Quando penso em dentro e fora também penso em respiração e imediatamente em José Leonilson e a sensação de cheio e vazio que produz com as suas obras. Em especial na obra instulada *De bom coração/Da falsa moral*, duas camisas que trazem estas frases bordadas vestem duas cadeiras do século passado. Ele as colocou no altar da antiga capela do Morumbi em São Paulo. O mesmo altar onde os padres profetizavam a palavra de Deus estavam as duas camisas feitas de tecido-lençol, feitas dentro de um hospital por um aidético e que lado a lado estavam, como um casal de dois

homens eternizados em pleno altar de igreja católica! Era o casamento da falsa moral com um bom coração? Os homens de bom coração são moralistas? Ou aquilo era só mais uma obra de arte destas que não podemos entender? Quando vi aquelas cadeiras entendi que o meu Deus era aquela obra, que o que eu acreditava até então estava ali emagrecido e iria morrer. Já morri muitas vezes! Ainda morrerei outras tantas! Um ator não pára de nascer de novo!

Meu centro é um tabuleiro de dardos, as flechas trazem happenings, performances, poemas românticos e arte conceitual. Cildo Meireles é o meu preferido quando diz que *as coisas existem em função do que elas podem provocar neste meu corpo social*. Meu coração é música, o meu caminhar é música, pensamento e movimento. Meu centro um não centro. É tão somente uma projeção do que me atravessa, projeção do meu devir mundano, do que é múltiplo, do que está em conexão com as forças que existem para além e ao meu redor. Eu fluo entre fluídos. Eu sou o meu corpo, ele é minha casa, força intensa e intensiva de sentidos e órgãos todos expressivos e latentes, dos quais posso lançar mão (tenho irremovível prazer pelos arremessos!) e fazê-los falar desde que estejam mobilizados e atravessados pelo encontro, pelo acontecimento. Meu corpo e meu dentro são como uma população no deserto, povoando-se e enchendo-se de surpresas e microorganismos, plenos de distintos instintos e afetações. Meus desejos são de expansão, de ganhar cada vez mais espaço para ser, cada vez mais proximidade com a loucura propriamente dita. Mas não com esta loucura doente, e sim, com a loucura que expande, que tem potência de vida, cria e sai às ruas produzindo diferentes linguagens e nuances de estilos. A arte é uma liberação da vida, já dizia Deleuze em suas conversas com Claire Parnet, uma liberação da força da vida. Não há arte da morte!

Quero explodir para integralizar! Quero que de mim se produza blocos de sensação capazes de desmanchar as significações coladas às percepções triviais, pois a arte produz graça, como diz Clarice Lispector, ela faz o corpo ser doce e feroz, o faz irradiar luz e tremer, ser quase bicho de olhos bem abertos e que vêem na escuridão! Lembro de quando eu vi um quadro do Francis Bacon pela primeira na Oca em São Paulo. Ao sair da galeria e me ver no meio de um parque, foi como se eu pudesse me espalhar na natureza e respirar com ela a descoberta de que se eu não sou ela, pelo menos quero me entregar a ela. Deitei

na grama e me coração batia forte e arranhado, como uma pedra dentro de um rio, com limo e atrito, que produz auréolas à medida que vai se afundando, estas auréolas são como as diferentes oscilações que abalam o indivíduo diariamente – estes indivíduos que insistem ser centro, ego e não podem enxergar o círculo do qual eles mesmos fazem parte! Não conseguem perceber que se constituem de diferentes individualidades e não de uma única identidade estanque e paralisante.

Eu me transformo em outras. Tudo é força e tudo está sendo, está em movimento e ao ouvir Tom Waits cantando Burma-Shave viver se torna, para mim tão envolvente que chego a pensar que Bacon só poderia ouvir Tom Waits para pintar aqueles corpos vazantes, instintivos e encarnados! Deitada na grama do parque eu podia ouvir os pássaros nas folhas das árvores, tudo ali estava compondo um quadro e eu era a figura bem no canto direito deitada na grama coberta de sangue e ossos aparentes. A minha pele estava aberta e ainda hoje posso sentir o arrebatamento das obras de Bacon em mim - como diz Rosane Preciosa, eu *continuo a vazar discretamente pelas rachaduras de meu quarto, procurando inventar linhas desertoras que não cheguem a lugar nenhum monitorável*.

Quero ser o que é inclassificável, o que é líquido e cria linhas de fuga! Quero ser mais esquizo e menos ego. Quero a potência de perder-me e encontrar-me em mim mesma, neste corpo-mundo, neste corpo-casa. O abraço é o melhor lugar para se estar e o amor pelo meu destino e do que dele ainda é devir é o que me move. Vivo meu corpo, vivo minha posição no espaço, sou pura energia em contato com outras. Sou força criadora e que supera a transcendência, pois sou o que eu experimento e só assim é que vivo: para ser outra a partir do outro. Células e enzimas morrem diariamente dentro de mim para que outras possam nascer, 70% do meu corpo é de água correndo, fluindo breve por entre os órgãos, zonas de intensidade, planos de composições criadores de distintas realidades, sensações e afetos. Sou diferente de todos por mais que insistam em me engessar, em me localizar em algum comportamento e tendência atual. Um esquizofrênico é assim, um psicótico assim e um depressivo assim, diz a psiquiatria, sem se dar conta de que se pode até ser num dia esquizofrênico, mas isto não significa que se é esquizofrênico todos os dias restantes! Ninguém é igual enquanto estiver vivo! Tudo muda, tudo se transforma! Quero poder abrir mais espaço em mim e no encontro com o outro. Entrar

dentro de um tecido e imprimir minha força contra ele para ter a real noção de qual o espaço que meu corpo ocupa no mundo! Aprender a respirar, e a me relacionar a partir de Lygia Clark sempre! Quero poder desacomodar tudo o que precisa ser desacomodado e começarei por dizer que eu não tenho medo dos loucos, tenho medo dos que se dizem superiores a eles!

Diz Estamira: *eu sou perturbada e lúcida! Eu sei distinguir a perturbação, entendeu como é que é? A câmara natural não me faz mal é a artificial que faz mal um bocado! Os cientistas, determinados trocadilos, eles conseguem! O cientista tem um medidor que controla o controle remoto, eles viraram Deus! Agora tem o registrador de pensamento também, você já viu? Puxa vida, você não viu? É a mesma coisa que aquele: eletro esfariograma, mesma coisa!*

A vida como algo que deve ser controlado e classificado pode ser o desejo de um robô, mas não pode ser o desejo de um homem!

PS: Faltou falar do xamanismo e dos mundos paralelos.

Foto: Itiana Pasetti

Discurso xamânico pagão do leste[1]

Escudo do leste, sábado. Início do dia. Ogum vem com sua espada, monta e muda os estratos duros, evangélicos-cristãos e renascentistas. O que antes inebriava agora irradia. Aqui onde se viveu uma noite espessa de maravilhas, aqui onde a arte se manifestou toda, articulou Brasil e mundo, restabeleceu conexões, fez movimentos escusos, irregulares, políticos, efervescentes. Onde o corpo foi lugar de acontecimento, de conexão com a política grossa gaúcha, com o vento minuano batendo na soleira das canelas, com o bigode sendo passado a ferro pelos ditadores deste ainda colônia Brasil que mata as suas árvores à custa de mais dólares entrando pela porta de trás. Pelo olho do Cú! Rio grande de tantos pagos e chulas onde muito peão se sbriu inteiro, onde muita prensa beia outra prenda, onde o bem-te-vi inicia mais um dia. canta pra subir até o dourado, alcançar outros níveis de percepção e compreensão. Cobra, cobra da vida nova, que troca de pele_ performer da natureza. Cobra-performer que traça um novo caminho, uma nova sensibilidade.

Eu xamã do leste invito a serpiente, snake, cascavel, víbora, performeros e performeras, performers, artists que estão prestes a se transformar, a nascer de novo, a mudar de pele, a sair da casca, a respirar difetente para iniciar um novo dia comigo, para abrir o coração ao amarelo dourado que habita a águia!

Há que se trocar, cambiar os antigos hábitos, permitir a morte e o renascimento que vem com ela, que é ela. Transmutar os nossos próprios venenos, trocar com o outro, tocar no outro como se fosse primeira vez, como se não soubéssemos como é um corpo humano, como ele respira, como ele se movimenta. O corpo do outro é a matéria a ser pesquisada pelo performer, o corpo do outro como um mistério, como um espaço sagrado energético que só podemos tocar se trocarmos a nossa energia com a dele. Se a nossa energia entrar pelos seus poros, se o nosso corpo estiver com o corpo do outro.

1 Este discurso foi realizado dentro da programação do LAPSO, evento de performance da VAI Cia de Teatro, às 7h da manhã, depois de 13horas de performance de 13 diferentes artistas que realizaram suas performances dentro de um único apartamento na cidade de Porto Alegre. Mais informações, acesse o site: http://www.vaiciadeteatro.com/#!lapso/crmr

O performer é todo corpo, energia, matéria e não-matéria, ciência, arte e pensamento. O performer é cobra, sol. Pura energia concentrada para se partilhar.

E tudo isto é criação, é o todo do universo em nós. Aberto. Somos uma cachoeira de signos, de imagens, não paramos de comunicar um só momento. Temos um corpo mágico e pleno de sentidos. Nossa magia é poderosa e guerreira. Nunca paramos de mudar, de ferver, de produzir combustão.

A arte da performance é uma cobra, um fogo fátuo, uma montanha para um xamã.

Aqui do início deste dia, destas 12horas de arte que lavaram de energias este apartamento, eu, Carina Sehn, performera, mudo de pele. Todos mudamos. O apartamento se inunda de luz e os pássaros cantam a abertura do portal dourado da percepção.

Renascemos pela performance, pela energia da troca dos corpos, pelo nosso corpo lugar de todos os acontecimentos, pela vida que respira aqui, ali e dentro. Pelo tempo puro que não se constitui de passado presente e futuro, mas sim, de aqui e agora!

Xamã do Leste _ por Carina Sehn.

Foto: Itiana Pasetti

CRIAÇÃO DE CORPOS[1]

E

Exemplo I:

CORPO DE ADERÊNCIA[2]

Um corpo de aderência se constitui entre duas superfícies, dois pontos, duas camadas, entre duas distâncias, unindo-as: é o que mais se toma como verdade. Esse corpo "entre" estabelece conexões, ligações, aproximações que, porém, não são fixas, imóveis, estáticas, mas vêm a ser sempre movimento. Aderir a algo é se movimentar por todos os elementos entre cujos encontros se pretende traçar linhas, não apenas entre dois, mas entre vários.

Quando se diz que não se tem aderência o que se quer dizer é que não há compatibilidade, ligação, aproximação. Tomando-

1 Esses corpos foram criados para a dissertação de mestrado intitulada "Corpo a Dançar: Entre Educação e Criação de Corpos", orientada pelo Prof. Dr. Samuel Edmundo Lopez Bello, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na UFRGS, defendida em 30/07/2014.

2 A escrita desse texto se deu no momento em que fiquei sem chão ao ver que não poderia participar de um concurso de professor substituto por não ter aderência acadêmica. Investigando mais, percebi que, em todos os concursos de seleção de professores que acessei, não tenho aderência acadêmica em nenhum deles, por ter buscado uma formação em áreas diferentes.

se aderência como movimento, não se tem aproximação, não se tem certezas que digam quem se é, o que se é, como, quando e onde se dá. Mas se tem condições para pensar um corpo nas possibilidades de aderir a algo, para em seguida vazar e se desfazer e assim aderir novamente.

Quando se adere não se produz pontos, plataformas, escadas, corredores de ligação, mas se produz planos de efetuação, planos onde se efetuam produções de (in)compatíveis para implodir e produzir movimentos. Planos de efetuação não são para produzir efeitos e nem resultados, resoluções, ementas e leis. Efeitos podem ser diversos, variados, vão depender dos conhecimentos que adquirimos por experiência e pelos acontecimentos nas experiências de vida e pelos encontros com o impensado e pelos deslocamentos do que se tem por previsto e pelo (im)previsível e pelo que vaza e... Pois, quando se espera um efeito, se torce pelo esperado, mas nem sempre esse esperado é produzido.

Palavras-chave: (des)acordo; adesão; naufrágio; deslize; pendurado;

E

E

E

E

E

E

Exemplo II:

CORPO DO DIA: COMO COMÊ-LO?[3]

No cardápio do dia está previsto um corpo com a descrição de seus ingredientes, possível sabor, dimensões e porções, duração e valores. Após fazer o pedido, fica a dúvida: O que poderá acontecer entre o momento do pedido e o instante em que este chegará à mesa? Mas será que se pode planejar como comer esse corpo que está sendo preparado? Como comer um corpo para se tornar outro? Com talheres? Cair direto de boca? Partir com as mãos?

A questão – como comê-lo? – ocupa o pensamento que fica na busca de imagens prontas, buscando identificar imagens que indiquem um modo adequado para comê-lo. Mas como comer um corpo que não se tem certeza de como será? O pedido foi feito, o corpo está sendo preparado, tem-se um conjunto de imagens de como poderá vir a ser esse corpo, mas nada garante que alguma dessas imagens dará conta de representar o corpo que virá.

Talvez não seja necessário procurar uma imagem que represente esse corpo, mas aguardar pelo encontro com o mesmo, encontro este que poderá ser potente para

3 Em 2013/02 participei de duas atividades de estudos no PPGEDU/UFRGS: 1) Trabalho de leitura dirigida intitulado "Racionalismo, empirismo e subjetivação no pensamento da diferença" com o Prof. Dr. Samuel Edmundo Lopez Bello, onde apresentei um trabalho com a colega Grace da Ré Aurich sobre o livro "Empirismo e Subjetividade: Ensaio sobre a Natureza Humana segundo Hume", de Gilles Deleuze. 2) Seminário Avançado "Empirismo: Hume por Deleuze", ministrado pela Profª. Drª. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan, onde foi estudado o livro citado acima. Nos dois casos, esses estudos me colocaram a pensar com o livro em questão, mas isso se tornou mais potente no final de 2013/02 e início de 2014/01, ao ler o livro "O que é Filosofia?", de Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Com isso, passei a pensar mais os encontros e escrevi o texto acima.

a produção de novas imagens. Mas, enquanto o corpo não vem, há possibilidade de criar outras imagens. Mas como criar imagens sem um encontro que violente o pensamento e coloque o pensamento a pensar? Criando problemas? Tornando a questão referente a como comê-lo como um problema que movimenta tudo o que está assentando?

Produzir um problema só para comer um corpo? Sim, o corpo que será comido será o corpo que será inventado. E só poderá ser inventado com um problema que dê condições para criar um plano e um conceito. Preciso criar talheres? Talvez não, pois comer se dá como modo de devorar imagens prontas para depois vomitá-las dissolvidas, vomitá-las como ácido. É bem provável que o corpo não entre pela boca e nem se precise dos dentes para rasgá-lo.

Comer um corpo, ingeri-lo, pode ser mais complexo do que fazer sua digestão, ou não, tudo depende das imagens produzidas nos instantes, nos atos de comer. O que é preocupante são os efeitos, pois os efeitos são inferências disparadas por acontecimentos, e não resultados esperados.

O corpo está vindo, está no momento de comê-lo. Vem em uma caixa pequena, e quando penso em abri-la, tudo se destorce, as imagens ficam turvas, algo escapa, algo se fixa, algo se modifica, o movimento não cessa... Deu-se um encontro, o corpo da caixa não existe, foi ele quem me comeu, e agora me tornei algo que não sei dizer, me tornei um pouco do que era com o pouco do que encontrei, com efeitos acontecendo e me modificando o tempo todo.

Algo em mim dança!

E

Exemplo III:

CORPO VAZIO[4]

O corpo vazio vaza! Vaza o nada! Vaza a vida enredada em tudo aquilo que alimentou expectativas. Quando o corpo vaza dá vontade de aniquilá-lo, destruí-lo, acabar com o que resta. Mas, também, quando ele vaza cria espaço para produzir outras coisas, para variar a vida, movimentar a organização, e criar vida onde se tinha uma bolha inchando prestes a explodir. Pra não explodir, vaza! Às vezes, explode!

A bolha vai crescendo na vesícula seminal, no líquido amniótico, no escarro, no suco gástrico, na urina, no intestino recheado de substância pastosa, no corpo. A bolha incha e pressiona os olhos que jorram líquidos lacrimais, sêmen e sangue. Vaza e escorre com o choro. Um corpo chora quando está sufocado pela bolha, chora quando não há possibilidade de inchar mais, chora quando está vazio, pois sente falta da bolha que pressiona, machuca, estrangula e impede a passagem do ar.

Chorar é outra forma de fazer o corpo vazar, de fazer escorrer as secreções que produziu e assim exalar o cheiro de infecção com urina. Um corpo não se torna vazio porque nada o preenche, mas por não suportar ser preenchido, precisa

4 Vivendo entre as artes da dança e a vida acadêmica, ouço muitas pessoas dizendo que alguns são práticos e outros são teóricos, alguns atribuindo valor à vivência dita prática e outros ao que se chama de teoria. Entre tudo isso, passei a pensar no corpo que se preenche o tempo todo, que vaza, que se constitui da tal teoria e prática, não separadamente, mas tudo ao mesmo tempo. Não pensando divisões, separações... Pensando a imanência. Ao escrever, lembrei de uma passagem do livro "Francis Bacon: A lógica da sensação": "Com efeito, seria um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície em branco virgem. A superfície já está investida virtualmente por todo tipo de clichês com os quais torna-se necessário romper". DELEUZE, 2007, p. 19.

vazar para dar espaço para produzir outros elementos, líquidos, secreções... Precisa dar espaço para receber outros corpos que encontra, e assim se livra de alguns outros... A fila anda!

Um corpo vaza o vazio, vaza tudo o que o preenche, vaza aos poucos, vaza algumas coisas, vaza para deixar de vazar, vazar para se livrar do vazio para ser preenchido e produzir mais vazio. Um corpo se torna corpo preenchido pelo vazio, um vazio cheio de corpos que são constituídos de vazios vazantes. O corpo vaza, pois com o vazio se dá um mau encontro, e assim o vazio busca se livrar do corpo que ele precisa preencher para existir.

> *Havia vômito nas minhas pernas, braços, barba e do lado de fora da porta do carro de Marroquino. Vômito, areia e água do mar. Mesmo assim a sensação de estar vivo me fez sorrir e alguns minutos atrás tudo o que eu mais queria era um tiro pra acabar com aquela merda. Tentava manter o corpo erguido mas o enjoo era insuportável. O efeito da Ritalina havia passado e o que ficou foi o encontro daquele vinho barato com maconha. Me levaram pelos ombros mas eu não tinha forças. Antes disso eu estava feliz, feliz como só um usuário da química certa pode ficar. Falante, sociável e sagaz. Oito comprimidos e o mundo que se foda. Oitenta miligramas de felicidade branca*[5].

5 Postagem de um blog que acompanho que me faz pensar um corpo que vaza. MIRA, Fabrício. Felicidade Branca. 2014. Disponível em: http://caosmolotov.blogspot.com.br/2014/04/felicidade-branca.html?zx=cfdd229dd56b738e

E

Exemplo IV:

CORPO QUE DEIXA DE SE TORNAR[6]

Abrir mão dele é abrir mão de mim. É abrir mão de tudo o que poderia me tornar, mesmo sem saber o que poderia ser. Pois quando estou com ele estou comigo, pois com ele sempre me torno outro. Com ele, a cada dia tenho um encontro. Por mais que o veja sempre, os encontros sempre se dão, e algo se modifica em mim, algo se movimenta, algo treme por debaixo da pele. Abrir mão dele é aceitar que deixarei de me constituir com um pouco dele. É assumir que eu me tornava outro com seu silêncio. Pois o silêncio que eu declarava odiar é o que me fazia pensar.

Abrir mão do silêncio que me violenta e deixar pra trás a calça, o casaco e bandana vermelha, o óculos azul, a sandália de couro marrom com a meia cinza-claro cheia de furinhos é abandonar a calmaria que eu não conseguia produzir em mim, é esquecer todos aqueles momentos esperando as cartas virem pelo correio, quando eu mal sabia o que era uma @, antes do Orkut e do Facebook.

Abrir mão dele é se dar conta de que ele precisa ter possibilidades de se tornar outro por meio de outros

6 Escolhas, decisões, definições no dia a dia implicam deixar de viver outras coisas, deixar de viver com algumas pessoas, deixar de passar por algumas situações... E foi pensando em várias escolhas, nos últimos tempos, que escrevi o texto acima.

encontros, de se sentir entre outras vidas, de dar espaço para outros acontecimentos de que eu não presenciarei os efeitos. E o mesmo serve para mim.

Abrir mão dele é aceitar que a vida se dá em movimento. Travar as engrenagens só vai produzir fumaça e sufocar. Deixar que o ar refresque as pernas que sobem e descem os ladrilhos coloridos todos os dias é deixar de ocupar um lugar que será ocupado por outros. Mas isso é vida. Trancar a respiração e fechar os pulmões a 7 chaves para que outras cores não entrem e não coloquem o corpo a se mover é um tiro no pé.

Abrir mão dele é deixar de me ver no espelho, pois ali está ele, sempre lá, me olhando do outro lado. É também aceitar que outras imagens se constituirão, que talvez o espelho vire uma tela de 20 x 20 cm com nuvens desenhadas.

Abrir mão dele é abrir o corpo para todas aquelas linhas traçadas naquele pequeno caderno, para assim acompanhar o ritmo infinito do lápis que desenha o rosto numa folha de "*post-it*" amarela que se perdeu na reforma daquele espaço, que produziu movimento, cheiros e gostos, que espalhou poeira branca por toda a casa pequena onde mal tinha espaço para dormir no chão.

Abrir mão do que posso me tornar, do que não sei, pode ser, ao mesmo tempo, abrir espaço para produzir diferença e sair do mesmo que não tem mais forças para mover as imagens que estacionaram no pensamento.

E

Exemplo V:

CORPO QUE NÃO SE FINALIZA[7]

Seleção e prova e trabalho e dor nos rins e paixão e amizade e amor a três cabeças e carinho e viagem e mãe e ligação e separação e cansaço e romance sem romance e choro e romance com romance e dança e aulas e vai embora e zumbi e estudos e origami e livros e whatsapp e dinheiro e sem aderência e o cara da linguística e cadeirada e ciúme e sexo e sem e sexo e saudades e não é disso que se trata e louca e goteira e sem emprego e óculo e mestrado e fim da bolsa e flores e tv e the walking dead e conexão e facebook e zumbizada da diferença e viagem e tensão muscular e pescoço e costas e pensamento e fio e acontecimento e eventos e devir e pai e simpsons e espelho e escrita e leitura e pesquisa de m e palavras-chave e lattes e mordes e risos e morte e o mouse estragou e parto e recado e café e currículo e corpo e movimento e fica na tua e educação e siga a estrada de tijolos amarelos e cinco patinhas: pata-peta-pita-pota-p*ta e bolo e tolo e tosco e hum que cheiro e morte de novo e sepação novamente e caneta e goteira e sono e seminário e rascunho e não e café e nada e livro e fotografia e letras e porta e ligação e tenho que contar e não falo mais nada só observo e ele está em Lion e o prazo e PPE e coreografia e

7 Corpo que não se finaliza está em movimento. O corpo dissertação, o corpo texto, o corpo pesquisa, o corpo dançante, o corpo artista, o corpo em devir... no corpo educado. Os possíveis corpos que podemos nos tornar no corpo que já somos em cada instante. Esses corpos exemplos foram escritos disparados por momentos vividos. Mas a possibilidades de criá-los como demonstração vem por pensar os possíveis corpos que se deram na realização da ação dançante "Não venha me assistir". Esses corpos não são visíveis, podem ser demostrados e imaginados, mas não podemos vê-los, pois são corpos de sensação, da multiplicidade, de produção da diferença que dão condições de pensar o "corpo a dançar".

criação e a loca me infernizando e a lista e a chuva e a'corda e impressão e mochila e bloco de anotações e blusa molhada e marcador de página e eu briguei e eu não calo a boca e cansei da minha voz e o céu azul e garrafa de água e gripe e papel e tapete e reunião e diagramação e ... e ... e ... e ... e ...

Para entrar nessa escritura nômade, fazer textos que sejam efetivamente máquinas de guerra da arte, só temos duas pistas (por favor, não as confundam com garantias de esperança), as quais se aprende não apenas junto à escrita do próprio Deleuze, mas também na experimentação do espaço liso, frente à superfície vazia, plena de possíveis, a qual somos obrigados a preencher com palavras[8].

E

E

E

8 ZORDAN, 2014, p. 127.

E

E

E

E

Referências:

Caos Molotov: Meu depósito de lixo pessoal. "Felicidade Branca". Publicado em 02/04/2014. Disponível em: http://caosmolotov.blogspot.com.br/2014/04/felicidade-branca.html?zx=cfdd229dd56b738e. Acesso: 05/09/2014.

DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: lógica da sensação. Trad. Roberto Machado (Coord) et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

ZORDAN, Paola. Das maneiras de se escrever uma pesquisa. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 115-128 - mai./ago.2014. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/15109/pdf. Acesso: 05/09/2014.

Visões e devires de uma professora a violência da sensação

(excertos)

Tanto a escrita quanto os desenhos que aqui se apresentam foram extraídos de minha dissertação de mestrado, defendida em vinte e sete de setembro de 2013 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como parte das tantas produções da Linha de Pesquisa - Filosofias da Diferença e Educação – esta dissertação, cujo o título é Visões e devires de uma professora: a violência da sensação, assinala a possibilidade de se pensar a educação fora dos discursos que fazem reinar sempre as mesmas palavras em torno do assunto, já não capazes de nos prender a atenção. Ao distanciar-se deste enredo, vêm como produto de um processo involutivo que, na esteira das imanências que devolvem à Educação sua potência própria de acontecimento, fazem ver a inseparabilidade entre a mesma, a vida, a arte e o pensamento.

Para tanto, o convite, a la Paul Valéry, é como que para uma festa - trata-se mesmo de permitir-se enveredar pelos descaminhos de uma professora que, acometida por cinco visões paradas no tempo e no espaço, põe-se a decifrá-las, dado que, atingida pela violência de uma estranheza que invade tudo o que lhe é cotidianamente reconhecível, é a si mesma que perde. Tais visões são assim intituladas: 1/2- um leão no parque da Educação Infantil & o aluno-vianda retirado do parque; 3- um carrapato (ou um piolho) em um pano de prato sobre mesa do professor; 4- uma mulher nua, magra,muito branca, de cabelos longos platinados, grudada frontalmente na parede contrária às salas de aula de um corredor; 5- vista aérea de uma enorme queda d'água em suspensão sobre o pátio da escola.

Não se trata, no entanto, de um (re)encontrar ou de um (re) encontrar-se, muito pelo contrário. O pensamento, expulso de sua pretensa acomodação, é lançado a uma aventura involuntária que não conta com qualquer imagem prévia como o vislumbre de um ponto de chegada. A trajetória é, antes, errante, e não há qualquer possibilidade de retorno. A aventura engendra, por si mesma, a simultaneidade da criação e da destruição – o pensamento, à maneira do artista que trabalha, ao arrancar das visões, perceptos e afectos[1], ou seja, a Figura como "forma sensível" da sensação (DELEUZE, 2007b, p.42), conceito deleuziano que é tomado como ponto nevrálgico da referida produção, faz-se, indefinidamente, outro. Os agenciamentos que, daí, resultam, vêm como o traçado de intensidades inteiramente implicadas com a produção de novos modos de existência em uma esfera de conhecimentos e fazeres que urge ser, de fato e continuamente, tocada, e sentida – a Educação.

Em relação à escrita propriamente dita, é de suma importância esclarecer que, em afinidade com o caráter poético desta publicação, aquilo que segue é parte de uma escrita designada, na dissertação, como "solta", em referência à produção de um exercício textual que toma para si a tarefa da arte: a de visibilizar as forças que nos acometem. No enfrentamento [(im)possível] da seleção, o ato da extração de uma parte representativa desta produção, ainda que seja capaz de, por si só, manter-se em pé, carrega a necessidade de dizer sobre aquilo que, aqui, não está, não veio. Contextualizar tal investida como parte da invenção de um procedimento maior de produção que resulta, por assim dizer, na referida dissertação de mestrado, aparece, tanto como a possibilidade de (re)apresentá-la naquilo que lhe é vital, quanto como a de ressignificar a própria parte selecionada via a potencialização de um entendimento capaz de inseri-la no hall das coisas que são da ordem do sensível.

Sucintamente, vale ser dito, então, de um procedimento que

1 Os perceptos e os afectos são elementos não conceituais, próprios da arte. Os perceptos "(...) são as paisagens não humanas da natureza", aquilo que torna sensíveis "as forças invisíveis que povoam o mundo, e que nos afetam, no fazem devir (...)". Os afectos "(...) são precisamente estes devires não humanos do homem (...) é uma zona de indeterminação, como se coisas, animais e pessoas (...) tivessem atingido, em cada caso, este ponto (todavia infinito) que precede imediatamente sua diferenciação natural" (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.220,225 e 235).

articulou, inicialmente, escrita "solta" e desenho como meios distintos de se atingir o real que, violentamente, as cinco visões, deflagraram. Ao assumir a tarefa da arte, o que se tem, para cada visão, é a produção de um exercício obstinado de perseguição deste real. A cada investida, tal exercitação somente pôde cessar quando sentiu atingir e visibilizar o real deflagrado, ainda que, como uma produção que, em maior ou menor grau, se vincule ao que é da arte, tenha, paradoxalmente, sido mantido secreto, o segredo. Tal prerrogativa – se, por um lado, a arte presentifica a força que, de cada visão, se apodera, por outro, a mantém, sempre, implícita e oculta - levantou a necessidade da articulação de um outro procedimento, aqui apresentado como o que não veio - o da escrita "conceitual". Esta escrita, articulada, a cada visão, com o exercício de escrita "solta" sentido como o "último", trouxe ao exercício da arte, não uma explicação ou complemento, mas algo que somente a filosofia pode fazer, que é a produção de uma relação essencial com tal expressão, capaz de desenvolver o elemento alí contido e, nele, desenvolver-se. Tal empenho diz respeito, por sua vez, à assertiva nietzschiana correlacionada por Deleuze à faculdade de pensar superior – a faculdade de ruminar da qual se depreende que "dois estômagos não são demais para pensar" (DELEUZE, 1976, p.26).

Se aqui são lançadas produções referentes a um dos procedimentos inventivos da dissertação Visões e devires de uma professora: a violência da sensação, fica o convite de que a mesma seja revisitada, na íntegra.

Bons descaminhos a quem quer que possa.

Jogar estética na existência. Fazer de cada coisa, arte.

No encontro com os mais variados tipos de signos, poder ver, cada qual, como tal. Exercitar-se no sentido de.

E, ainda que sob diferentes gradações, erigir seres de sensação.

Tornar uma matéria expressiva, empenhar-se nela, e não parar de devir-outro.

Deixar o material entrar na sensação até que se torne, dela, indiscernível.

Constituir a condição de direito para que algo, de fato, possa ser conservado: afectos e perceptos.

Os seres de sensação – CARNE, CASA e UNIVERSO - como a incorporação, e não a atualização, de um acontecimento virtual.

Porque aquilo que é da arte institui o "possível como categoria estética."[2]

Por isso, amplia o mundo, acrescenta-se a ele, o torna diferente do que, antes, sem aquela exata cor e ritmo, era.

Quem é mesmo que dizia: "um pouco de possível, senão sufoco?"[3]

Sem opinião, sem memória, sem informação.

Sem juízo.

A arte não quer saber, dizer, nem poder. A arte não quer ser, nem ter, nem ficar.

Não quer convencer, converter ou cooptar.

Ainda assim, Deleuze lembra, é "a única coisa que resiste à morte".

E nos apanha.

É, em si mesma, um "ato de resistência"[4].

Faz gaguejar a língua. Romper a palavra. Soar as cores. Pintar os sons. Vazar as pedras. Torcer o gesto. Gritar os homens.

Porque não há arte que não faça ver, dos homens, seu "sofrimento

2 (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 230)
3 (FOUCAULT apud DELEUZE, 1992, p.135)
4 DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. 1987, p. 13. Disponível em: http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br Acesso em: 11/09/2012.

renovado (...), seu protesto recriado, sua luta sempre retomada."[5]

A questão é de vida ou morte. E há sempre um cheiro de morte.

Porque a arte grita para a vida. É somente pelas forças que a afirmam que ela se faz.

E a luta nunca é desigual. É necessário mesmo um atletismo vital.

A vida olha para ela.

Porque tanto a arte quanto a vida é preciso que se invente. Nenhuma delas já vem dada.

Nietzsche já dizia: há que se inventar novos modos de existência.

A vida não é arte, mas ao olhar para ela, pode rir de si mesma. A arte não é vida, mas ao olhar para ela, lembra a quê veio.

Com Foucault, a vida como obra de arte.

Na disjunção entre o ver e o dizer, a distância irredutível que diz: "isto não é um cachimbo."[6]

Ao assumir a falha, a arte ensina a vida. Persegue o real que a atinge.

E vai lá, fora das formas do visível e do enunciável, fabular "o fio que as costura uma à outra e ocupa o entre-dois."[7]

Com Deleuze a mesma famosa dissociação, entre o visual e o sonoro.

A ideia propriamente cinematográfica: franca aparição do pensamento quando pensa.

As situações ópticas-sonoras puras[8]. Esvaziadas de tudo o que se pode dizer sobre elas.

5 (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.228 e 229)
6 (FOUCAULT, 2008)
7 (DELEUZE, 1992, p. 125)
8 (Ibidem, p. 71)

Como se brincassem com o devir. E pudessem mostrá-lo.

Mesmo quando a palavra se ergue no ar, e a terra parece arquear ou engravidar "em razão daquilo que a voz nos diz"[9].

O próprio ato de resistência.

Da arte.

"Todo ato de resistência não é uma obra de arte, embora de uma certa maneira ela faça parte dele.

Toda obra de arte não é um ato de resistência, e no entanto, de uma certa maneira, ela acaba sendo."[10]

Teimosia e deslocamento, segundo Barthes.

A arte, ao teimar, resiste à irredutibilidade entre o real e aquilo produz, assume uma "posição trivial com relação à natureza das doutrinas" e

mantém-se "ao revés e contra tudo à força de uma deriva e de uma espera."

Ao deslocar-se, vai lá "para onde não se é esperado"[11],

escapando sempre às formas de saber – visíveis e enunciáveis – ou forças de poder que intentam cooptar o desejo.

Revolução em si mesma.

Nas vibrações, enlaces e fendas que se dão no momento em que se faz,

compõe-se como "um monumento sempre em devir, como esses túmulos aos quais cada novo viajante acrescenta uma pedra."[12]

9 (DELEUZE, *O ato de criação*. 1987, p. 13)
10 (Ibidem, p. 13)
11 (BARTHES, 1989, p. 26 e 27)
12 (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.228 e 229)

Como constante imanência, instaura sempre novos limiares entre os homens.

Um ato de resistência que resiste à morte.

Assim como a luta entre os homens.

Deleuze diz: relação "estreita" e "misteriosa"[13] essa entre a arte e o ato humano da luta.

Porque não há qualquer obra de arte que não grite por um povo que ainda está por vir.

Klee é que sabe.

Aquilo que a arte dá pode ser experimentado, mas nunca reconhecido.

E mesmo experimentado, o sempre insuficientemente claro.

Porque o que a arte faz não tem nome.

Espaços-tempos outros.

Visão 1- "Um Leão no parque da Educação Infantil & o Aluno-Vianda retirado do parque" (sob um matter of fact [14])

O aluno vianda

Estava desmaiado. O rosto inerte, pálido, destoava completamente do coração vermelho-azul-pulsante que, a despeito de qualquer lógica, mantinha-se vivo em sua mesma cavidade, resguardado pelos ossos

13 (DELEUZE, *O ato de criação*, 1987, p. 14)

14 A expressão *matter of fact,* no contexto deleuziano da sensação, diz repeito a um fato comum que envolve duas ou mais Figuras: "A questão diz respeito então à possibilidade de que existam entre as Figuras simultâneas relações não ilustrativas e não narrativas, nem mesmo lógicas, que se chamariam precisamente *matter of fact."* (DELEUZE, 2007b, p.70 e 71).

alongados e curvos da costela. Ossos e coração visíveis sob a carne violentamente aberta, rasgada, posta para fora. Corpo que se perde, e se expõe. Os sapatos não condiziam com os comumente usados na escola. Sapatos de Magritte[15]? Na luta, os dedos colocaram-se mais ainda para fora. Sapatos de gente que se esquece andando, sapatos marrom-terra. O uniforme era dos mais tradicionais, e tinha algo de antigo, vindo de outros tempos: uma bermuda de um azul marinho sóbrio e uma camisa que, antes de tudo ter acontecido, devia ter sido muito branca, feito os ossos sob a pele escarnada. Estranhamente, algo parecia dizer que aquele corpo pulsava contente sobre as coxas de alguém – a pessoa que, antes da derradeira hora, pôde acudi-lo. Todos queriam ver a cena e, enquanto aguardavam pelo atendimento especializado, prontamente acionado dada a gravidade da situação, juntavam-se como formigas ao redor do doce mais doce. Ao se depararem com a cena, via-se, no entanto, nos olhos daqueles que a ela se dirigiam, um quedar-se típico dos que são pêgos de surpresa em uma situação nem sequer suposta, jamais imaginada. À medida em que cada um olhava para aquilo, um silêncio ia tomando conta do lugar como se o pesar da situação, delicadamente, fosse, uma a uma, guardando as vozes, lentificando os gestos, parando os olhares. O céu ficou mais azul e o sol brilhou mais forte, engrandecido, quando um dado professor correu para lá, pedindo licença, abrindo o caminho. Nem todos sabiam que foi ele mesmo que, ao término da sua aula, havia esquecido o aluno no pátio, lá onde estava o leão. Seu próprio coração quase se lhe saltava pela boca, somente ele sabia das dores que, agonizadamente, enfrentava desde o acontecido, das horas que passou sem quase poder respirar, do quanto teve que se segurar para que não entrasse em completo desespero ou fizesse algo que piorasse a situação, ainda que isso parecesse impossível. O que viu ali, no entanto, parecia, de alguma forma, corresponder à fragilidade que, estranhamente, o sustentou: entre o rosto quase inerte e o coração pulsante, ele pôde ver como que uma dança perfeita: ainda que em lampejos, os olhos fechados do menino sorriam e deslizavam no ar enquanto seu coração esbanjava cores e sons que, daquele pátio, percorria cada canto da escola ao mesmo tempo em que transpunha seus muros. O professor percebeu-se afoito por sentir que, naquele

15 MAGRITTE, René. *La Modéle Rouge*. 1935. Óleo sobre tela laminada em papelão, 56x46cm. Museu Nacional de Arte Moderna, Centro Georges Pompidou, Paris, França. Imagem disponível em: http://boijmans.cultuurwijs.nl/collec/mk/mk5.htm .Acesso em 11/09/2012.

fato, naquele acontecido, algo de extremamente valoroso havia se desprendido. Algo que, na visão daquela pequena caixa torácica aberta, parecia ser capaz de manter o menino sob a custódia, ainda que provisória, dos que não sofrem mais ou que, se sofrem, é de um sofrimento irreconhecível, digno mesmo de ser visto. Ela tinha razão, aquela a quem o professor já admirava e a quem, em seu desespero, recorreu, pela possibilidade real da ajuda. Informada sobre a situação, manteve-se calma e não disse muita coisa, já que seus olhos alegremente atestaram que nada mais deveria ou poderia ser feito, ainda que devesse manter-se atento ao caso que, com certeza, demandava cuidados. Passou-se o restante de um dia, mais uma noite inteira e todo o começo de uma manhã até que o aluno aparecesse, e pudesse ser, assim, socorrido. Quanto ao leão, alguns dizem que foi a escola que, ingênua e constantemente, o trazia, para a dupla tarefa de protegê-la na escuridão da noite e de divertir as crianças, no claro do dia. Outros, no entanto, asseguram que não.

Uma notícia

Recebi hoje uma notícia terrível: um aluno meu adoeceu e, em menos de uma semana, morreu. Acho que tinha seus onze anos. Fiquei muito comovida e lembrei-me de quando os vejo – meus alunos - pelas ruas, pelos shoppings, nos restaurantes, na vida (na vida?). Fora da sala de aula parecem tão pequeninos. Parece até que são crianças. E olha mesmo que são gente!

Acontecimento

Imediatamente revivi uma aula, ou melhor, uma cena que se me apareceu em aula, dessas que a gente não esquece nem em um milhão de anos. A classe era da Educação Infantil. Alunos de dois e três anos. Pequeninos mesmo. Muitos ainda falavam: “calanguejo”, “quelo a minha mãe”, “plofessora, meu tênis é novo azul blilhante” e aquelas coisas mais inesperadas e lindas que as crianças nos oferecem como joias e que jogamos de escanteio por julgar que não servem para nada, ou pior, que só servem para atrapalhar a aula. Pois então, estávamos

em uma aula recheada de pérolas, cantando, dançando, brincando. Apesar disso havia ali, ainda, um esforço da minha parte por controlar, e organizar da melhor maneira possível a situação. Em um desses gestos, tomei um menino em meus braços, provavelmente, o mais afoito de todos, e, ao mesmo tempo em que comandava em alto e bom som para que os demais se sentassem em roda, no chão, também me sentei com o garoto no colo. Foi quando baixei minha visão para o seu pequeno corpo que vi aquela coisa que não me esqueço mais e que pôde fazer de todos os meus alunos, na mesma hora e para sempre, muito mais (ou muito menos?) do que alunos: havia, bem no meio da sua canela, um machucado. Ele o contornou vagarosamente passando seu dedinho em toda a volta, alertando-me ao dizer que era enorme, que ainda doía, mas que já estava “salando”. Machucado casca-dura-cor-de-sangue com arranhõezinhos ao redor. Machucado de criança, daqueles que eu também fazia aos montes quando corria loucamente pelos pátios da minha infância.

Sangue bom, doado à vida, que nos lave a todos

Que aula pode ser aula sem os machucados casca-dura-cor-de-sangue?

Do leão e da criança

Frouxidão não faz parte. Com ela, nada vai. É necessário que algo se firme e tome seu curso no ato da criação, ou naquele estar com. Quando a coisa pega, se sabe, se sente. O curso de um minuto pode sustentar uma vida inteira.

Forças incontestáveis, escondidas nos tempos-espaços de tudo o que há: lápis, chão, corredor, giz, árvore, lancheira, cheiro, carteira, livro, janela, luz, telhado, vozes, fila, régua, o olho do menino da frente, o suco de uva no uniforme, o suor que cai sobre o caderno (...)

Tudo vem pra cutucar a vontade, açoitar o lombo, despertar o galope. Na corrida, o leão passa por debaixo da árvore onde pousa a coruja, vê a serpente ondular pelo chão e a águia riscar o céu[16]. É aí, então, que

16 A águia e a serpente aparecem como os dois animais de Zaratustra. Segundo Deleuze, “interpretados do ponto de vista do eterno retorno, a águia é como o grande ano, o período cósmi-

pára e toma o seu lugar. Tudo está pronto. Ali, já se pode brincar.

Nietzsche é que sabe.

Devir-leão

Entrou naquele lugar sem hora marcada, e sem o mínimo de compaixão. Seu andar era lento, mas não premeditado. Ao mesmo tempo em que dava a ver a afirmação constante de algo, suas expressões transmutavam-se não apenas sutilmente, fazendo-se experimentar, conforme seguia altivo pelos corredores, pelas salas e pelo pátio, as mais insuspeitas impressões. A cor e a textura de seus pêlos sombriamente alteravam-se, nem sempre de acordo com as luzes, a umidade e a temperatura

co, e a serpente, como o destino individual inserido nesse grande período (...) A águia plana em amplos círculos, com uma serpente enrolada em torno do pescoço, 'não semelhante a uma presa, mas como um amigo.'"Deleuze enaltece a exatidão dessa interpretação, embora a veja como insuficiente. Seria necessário uma segunda afirmação que a tomasse por objeto (DELEUZE, 1976, p.156).

de cada ambiente. Exalava um cheiro incomum que o tornava, aos outros e a si mesmo, mais forte, predisposto que estava ao ataque. Fúria iminente. Escolhia trajetos que tornavam o choque inevitável: mobílias, objetos, pessoas... tudo se desacomodava dada a força do contato. Foi quando, na sala dos professores, parou ante a um espelho inevitável e viu ali uma figura humana, tão comum quanto as outras que, costumeiramente, frequentavam o lugar. No entanto, quando já se punha em movimento, antes que tivesse perdido de todo a imagem que se havia dado, olhou de soslaio para o espelho, e lá, ainda pôde ver a ponta altiva de seu felino rabo.

Prolongamento da coluna vertebral, cauda, luz de cometa. Açoite. Que atravesse toda coisa que não é vida, partindo cada qual ao meio.

Presa, ponta, osso da gengiva, marfim, chanfro, serra. Potência de perfuração. Corte. Que rasgue, arranque, triture, mastigue e cuspa tudo o que teima em impedir o seu NÃO.

E assim foi.

Quando terminou a aula, a derradeira do dia, olhou para a sala e viu as carteiras em seus lugares, alguns alunos acenando um tchau, e um livro que, desde a primeira hora da manhã, mantinha-se aberto sobre a mesa do professor. Apagou a luz da sala, cumprimentou o coordenador que saía para o almoço. A luz do corredor continuou, porém, acesa, afinal, os alunos do próximo turno já estavam por chegar.

Aula

Uma boa aula, a gente sabe quanto dá. Ela não acontece à partir da gente, mas na gente. Porque excede o que se sabe, o que se vê, o que foi dito. Os mistérios das transmissões, dos contágios, dos encontros. Coisas que se olham em tempos e espaços insuspeitos, paradoxalmente indiferentes e relacionadas: ao sinal que bate, às paredes brancas da sala, ao giz gasto na lousa ou ao que se vê pela janela. É que embora a coisa se dê num tempo-espaço outro, faz-se toda naquilo que há, sem o quê nada poderia haver, feito obra de arte que carece do material para que se erga. E os corpos deformam-se nos esbarrões, nos choques, nos encontros furtivos. Tudo fica misturado: giz, mesa, olho, voz, cadeira, luz, gesto, grito, chão, costas, carteiras, risos, ventre, falas, ventilador, mãos... quantas mãos!

Uma boa aula se traz no corpo.

Mas também pode ser vista na sala vazia, e com a luz apagada.

Acrílico, agulha e cristal [17]

Balanço na hora do recreio, diga-se: intervalo. Porque recreio é "das antigas." Como não amar o balanço do balanço, na correria dos amigos disputando cada qual o seu, na gritaria do corre-corre, na grama do jardim que se doa verde, no lanche que se acaba de engolir, na terra que joga poeira no vento, nos olhos, no couro cabeludo? Crianças cabeça-vermelha! Como não esperar ardentemente pela hora, pelo soar do sinal que libera a todos daquelas fazeções, tantas vezes, tão constrangedoras. Pro balanço ninguém olha, ninguém quer saber se você faz certo. Lá, não tem gente pra isso, ou, ao menos, não se tinha... Balanço é pra ver o céu quente escorregar por cima e por baixo dos olhos, as nuvens passando rápido. É pra ganhar velocidade e ir de um

17 PACHECO, Nazareth. *Sem título*. 1999. *Acrílico, agulha e cristal*., 320x50x24cm. Imagem disponível em http://www.casatriangulo.com/pt/artista/20/trabalhos/1/ .Acesso em 11/09/2012.

lado pro outro, cada vez mais alto.

Uma vez a minha professora do "jardim da infância", expressão que diz tantas coisas e que também é "das antigas", mandou que fizéssemos umas coisas, não me lembro bem, acho que era uma espécie de montagem com algumas peças que ela ia entregando. Sei que eu deveria fazer duas delas, uma me pareceu gostosa de se fazer, talvez mais fácil, a outra, me espetava com os esforços que pedia. Pensei e, sob os olhos da professora, decidi: vou me livrar da chata primeiro pra depois poder aproveitar melhor aquela que parecia tão boa e fácil de se mexer. Decisão equivocada esta, a do dever. Decisão cristã? Decisão escolar? Decisão, mais do que de aluno, de aluna? Sofrimento totalmente desnecessário. Assim que terminei a primeira e chata montagem, e já me preparava para aquilo que queria, bateu o sinal. Todos se lembram do sinal da escola? Aquela sirene que carrega o poder soberano de seccionar o tempo e as coisas em vários pedacinhos? Pois então, devolução dos materiais. Nada mais poderia ser feito. Vontade engolida. Nuvens cor de chumbo no ar. Coisa doída no peito. Só mesmo a ideia do balanço que me esperava lá fora pôde afastar aquilo que não era nem mais e nem menos do que puro e sincero descontentamento. Teria que correr muito pra garantir o meu. De novo não. Agora minha vontade haveria de fazer festa.

Aquele balanço, que, entre o céu e a terra, pousava na escola, salvou, muitas vezes, a minha vida.

Aparição. Brinquedo disputado no "diálogo mortal entre Eros e Tânatos."

"Vida impessoal (...) Vida incondicionada (...) Vida nunca dada (...) Vida pré-individuada (...) Vida múltipla (...) Vita femina: "talvez esteja nisso o mais forte encanto da vida: há sobre ela, entretecido de ouro, um véu de belas possibilidades, cheio de promessa, resistência, pudor, desdém, compaixão, sedução. Sim, a vida é uma mulher!" E "uma mulher que dança." [18]

Que todas as desobrigações de todos os tempos sejam agora gloriosamente ovacionadas. O ócio, o delírio, a fantasia, a imaginação,

18 (VALÉRY, 1996, p.23 apud CORAZZA, 2010, p. 22)

o gozo do corpo, o brincar. Na violência permanente da vida.

Balanço coisa de menina. Que tão alto suba pra que possa girar cem vezes dando voltas na armação de ferro que desce fincada no chão. Looping escolar. Põe em um liquidificador aberto todas as vidas de todas as professoras que por aí circulam, as tais e, por aí, ainda,"tias".

Flores

Que nada mantenha-se limpo ou no lugar. Que a luz de uma aurora tardia incendeie esses campos de flores desde há muito compradas, já sem as vozes do vento e o perfume da terra. Cores murchas não podem cantar.

Nenhuma assepsia, por favor. Flores de plástico? Purpurina? Corações recheados de lantejoulas... Nem pensar. O passo a passo de todas as receitas. As fórmulas que sustentam, e salvam. Guias práticos. Manuais pedagógicos. Revistas encantadas. A salvação das escolas reina nas bancas de jornal. "Os planejamentos anuais dos anos que se foram, onde estão por favor? E os deste ano, trouxeram?" Planejamento? "Vamos em frente: que se digam sobre as novas idéias para o evento anual da vez." Ideias? Novas? Automatismos. "Sei que em tal ano fizemos tal coisa e os pais a-do-ra-ram." Pseudo-recreação com ares de "nossa, como se aprende ludicamente." Quem acertar ganha um abacaxi criativamente elaborado, em EVA. Cartazes, cartolina, canetinha. Lixo escolar exposto nas paredes, fazendo ecoar aos berros "olhem, como consegui fazer direitinho!" No canto direito da coisa, uns dez nomes seguidos dos respectivos números. Identificação da série: 8ºB, 9º C, 4º A... E o que se dirá de tudo o mais?

Francis Alÿs é que mostra: "Sometimes Making Something Leads to Nothing"[19]

Nada que valha algo, ao menos, ou que seja nobre, porque dignidade

19 ALYS, Francis. *Paradoxo of Praxis I - Sometimes Making Something Leads to Nothing*. Cidade do México, 1997. Vídeo de domínio público, 4.59min. . Imagem disponível em: http://designblog.rietveldacademie.nl/?tag=francis-alys .Acesso em 11/09/2012.

não é coisa que se peça.

Animal altivo, doure esse lugar com a sua sincera realeza.

Que das flores somente venha, por hora, a terra suja. Dos brilhos, faíscas em fogo, partículas de água no vento. O que não molha e dilui, incendeia e destrói. Todo polimento. Toda frase comedida. Todo gesto de amizade. Toda previsão do tempo. Todo riso e choro fáceis. Todos os rostos de todas as coisas. Todo famigerado "evento anual da vez..."

Animal de mil dentes famintos, abra espaços para o que lhe apetece. Triture e cuspa as falas que não cessam, os gestos que ensinam, os corpos que se fazem duros. Nenhuma ordem do dia. Nenhuma informação. Nenhuma opinião. Nenhuma emoção, por favor, nenhuma. Nenhuma pauta, nessa reunião. Que se calem as nossas bocas cavernosas embotadas de memória, lugarzinhos fétidos onde tudo se acumula. Que lhes seja purgado o melado das palavras que não cansam de escorrer grudentas, desde sempre prontas. Que de suas línguas, passadeiras lânguidas das fofocas e das falas vis, sejam feitos fios para croché.

No centro dos papéis já nasce uma mancha de sangue em clara expansão. Nelas, insetos famintos pousam, e defecam sobre cada letra morta. Barulhos em redemoinho enlouquecem toda organização. O cheiro se faz podre. Alguma coisa há de ser sentida.

No calar das vozes, recolham a tela, desliguem o data-show. Que as agendas sejam fechadas e as luzes apagadas. Não há nada que possa acontecer em um lugar como esse.

Silêncio.

Não há nada que não possa acontecer em qualquer lugar!

Animal faminto, já pode se sentar.

E lá dentro da cabeça ouvia gargalhadas de crianças e sentia o cheiro das lancheiras nas salas de aula. Inconfundível. Carrossel de coisinhas vivas erguido no ar. Desejo manifesto em tempo e espaço puros.

Brincar é tudo o que há para se fazer.

3- Um carrapato (ou um piolho) em um pano de prato sobre a mesa do professor

Fama

Tinha um pano na mesa do professor. Um pano de prato daqueles com pintura feita à mão: maçã, berinjela, rabanete, abelha, flor, sementinha... Na minha casa também tem, e já vi muitos na da minha avó. Um dia, fui lá no Bruno, e vi um igualzinho. Esse aí deve ter servido pro professor trazer o rango de casa. Provavelmente, ele passa o dia na escola e deve fazer isso pra economizar, todo mundo sabe que eles ganham pouco. Sei lá, pode ser também que faça uma dieta e tenha que trazer a comida... Ai, de novo com aquela apostila na mão! De barriga cheia, ao contrário da gente, parece que ele fala mais. E como fala! Sempre o mesmo blá blá blá blá blá blá blá. Será que ele não vê que ninguém aguenta! É, mas pelo menos com esse aí ninguém tira, todo mundo fica quieto. Tem uma ou outra conversinha, mas é só ele olhar que o pessoal pára, respeita. Tem sim aqueles que dormem, mas ele continua, nem liga. Ainda bem que tem aquela rachadura na parede, bem atrás da cabeça dele. Quase todos os professores, durante boa parte da aula, ficam nesse mesmo lugar. Por que será? Sei o desenho de olhos fechados. Me distraio com a linha enquanto eles falam, falam, falam. Fama de bom eu também tenho! Deixem-me em paz, por favor.

O Coordenador Pedagógico e o Pano

Ele está lá, sobre a sua mesa. Um pano. E é um pano de prato, daqueles com as sempre mesmas pinturas: cestas, flores, legumes, frutas, animais, cercas de madeira, talos de trigo, sementinhas pelo ar e o diabo! Que coisa essa desses professores que não recompõem os objetos pessoais a ponto de resguardá-los dos olhares dos alunos?

O que aquele pano está fazendo lá? Com certeza, falarei com ele mais tarde. Se fosse um porta trecos, seus óculos, uma caixa, ainda vá lá, mas um pano de prato? Canso de falar com eles sobre toda e qualquer coisa que se expõe no ambiente escolar, mais precisamente na sala de aula, canso de dizer que tudo que está lá acaba por fazer parte, de uma maneira ou e de outra, propriamente, da aula. As coisas influenciam a gente! Daí a necessidade de se saber muito bem o que se pendura nas paredes. São tantas coisas que vemos grudadas nas paredes das salas de aula! Daí esse aí me aparece com um pano de prato em cima da mesa, bem na mesa que é foco dos olhares de todos. E ele não sai dali, do lado dela, nem circula pela sala. Olha olha, estou vendo aquele lá olhando para o pano. Que vexame, que vergonha! E justo aquele aluno, que é um dos melhores. O que vai chegar contando em casa? Depois eu é que vou ter que aguentar. Pai e mãe na minha sala. Eu mesmo vou tirar esse pano dali. Não não, é melhor não mexer na coisa, vai chamar mais atenção ainda. Esse professor vai escutar. Tenho que ter jeito porque esse aí, pelo menos, é um daqueles que seguram a turma. É só ver, tem um ou outro cochichando, ele dá uma olhada e pronto, eles param. Tem também aquelas duas criaturas dormindo, mas nada que ameace, verdadeiramente, o curso da aula. É, é sim um bom professor, vou ter que falar com ele com jeito sobre o pano de prato... Agora, no entanto, é melhor eu sinalizar um oi e entrar logo pra dar o recado senão ele vai pensar que estou espionando, sempre acham isso dos coordenadores. Mas, qual o recado mesmo? Está vendo, por causa dessa porcaria de pano, quase me esqueci. Vamos lá, vamos lá... é sobre a palestra do dia 05. Mas qual o título mesmo? Raio de pano. Ah, sim sim, ainda bem que sempre consigo me lembrar: – Bom dia professor, não quero atrapalhar a sua aula mas preciso falar com todos sobre a palestra que vem aí: “Modos e maneiras de se otimizar a realização das tarefas on line em seis dicas básicas para professores e alunos”.

Exemplo

As janelas da sala davam para um pátio interno cheio de árvores. Estava no segundo andar, de modo que meu olhar as pegava de uma certa altura. Devia ser quase meio dia porque o sol que atravessava as copas, caía reto no lugar. Logo que o sinal batesse eu sairia voando de lá, compraria um sanduiche e um suco no supermercado da esquina e

almoçaria no ônibus. Às 14h deveria estar no dentista como minha mãe bem me lembrava, no mínimo, há uns dez dias, que saco! Isso era tudo o que eu pensava quando o professor, apontando o dedo pra mim, me usou como exemplo de aluno concentrado pra acabar com aqueles quatro lá do meio, que não paravam quietos.

Arrastão

E enquanto o professor explicava a sua matéria, a voz da menina passou feito rajada de vento. Arrastou consigo os corpos que, um segundo antes, pareciam tão compenetrados. Ele ficou parado ali. Emudeceu, coitado.

Sabor framboesa

Sétima série, atual oitavo ano. Estava lá, sentada no meu lugar, bem atrás do da Valéria, minha melhor amiga. Já esperava o professor de Geografia. Não é que não gostasse dele, até estava aprendendo um monte de coisas, mas aquela situação de ser chamada na frente de todo o mundo e ter que acertar qual era o país que ele apontava no mapa mundi me deixava um pouco nervosa, com uma sensação de aperto. Pois bem, assim foi novamente. Tudo pronto, ele começaria a arguição, a sala estava em silêncio. Será que todo mundo sentia isso? Aquele silêncio era tão estanho... O bom de tudo foi que, mesmo com as mãos frias peguei no ar a bala que o japonês da terceira fileira, filho de dono de bar, jogou pra mim. Acho que o pai dele nem sabia, mas ele vivia me dando balas. Devia me achar bonita, porque várias vezes o peguei olhando, olhando... E eu, lá da última carteira da fileira da porta, só ligava mesmo pras balas. Não me lembro de ter gostado de algum menino naquele ano... Conto tudo isso agora porque foi durante essa aula que, no meio de um instante quebrado – aquele momento em que a gente perde a noção do tempo e do lugar, sabe? - senti uma coisa tão doída que até hoje me lembro dela. Essa coisa veio mais ou menos assim: como é que eu poderia suportar a escola, aguentar tudo aquilo mesmo, se não fosse as conversas com os colegas, minha amiga logo à frente, o menino que olha e a bala que voa? Fileira, sinal, carteira, prova, entrega de trabalhos, pontuação final, conselho de classe, entrada, saída, eventos, formatura, viagem, uniforme, seminário, arguição oral, cantina, estudo de meio, reunião, plantões de estudo, recuperação, presença, falta, o escambal... Quero mesmo o jogo quente que põe no ar aquele pedaço de grude doce: bala sabor framboesa, corante vermelho, aroma artificial da fruta, made in Japanese's Bar.

Escape vital

A cabeça pendia para a janela. Movimento semelhante ao do inseto cujo o corpo segue a luz. De lá, viu muitas coisas: um chão de sol, um pedaço da cantina, um garoto que se esticava em um banco, algumas árvores, o funcionário da limpeza que passava distraído, o céu, e, bem ao longe, um jogo de futebol que rolava de improviso... O bom da escola é poder sair dela.

Foda-se

Preparei a aula com extremo cuidado, cavei um tempo pra isso. Necessitava de um respiro. Esperava que o fôlego viesse como um dos efeitos da preparação, maior, mais profunda. E a coisa era pra logo, porque a próxima aula já estava ali, mostrando os dentes! Não havia mais tempo, era nela mesma que eu deveria conseguir marcar meu território, limpar a área, puxar uma linha. Algo de positivo deveria acontecer durante os cinquenta minutos que se aproximavam com os trinta e oito alunos da turma tida como a mais difícil da escola. Se fulano, beltrano e cicrano faltassem então, talvez pudesse fazer a coisa com alguns milímetros de folga. A ilusão, no entanto, não me arrastaria para longe: numa hora como aquela contar com a sorte seria, no mínimo, imprudente, ademais, a ausência de alguns, ainda que fosse a daqueles lá, só atrapalharia a chance de eu dar cabo da situação num só golpe. Jogada de mestre, haveria de ser. Imprescindível! Dada a gravidade da situação, a imagem da sala na palma da minha mão por minutos que fosse, já me punha satisfeita. Desses minutos conseguiria, quem sabe, uma temporada de trabalho, uma aula pra valer, algum tempinho de produção... Bastava um momento para que a coisa fosse

feita, um momento em que a excelência da minha fala faria reinar sobre todos um silêncio tal capaz de crivar em cada um a clareza do meu domínio sobre o grupo. Queria ver, especialmente cravados de espanto e admiração, os olhos gigantescos daqueles que viviam de me afrontar, pra não dizer sobre o que de fato, faziam! Nenhum ato de disciplinarização isolado, a coisa deveria vir junto ao conteúdo. Daí sim, poderia fazer disso um ganho. Do sucesso na condução da turma, toda comunidade escolar deveria saber afinal, há anos reinava na boca de muitos (sobretudo na dos pais daqueles alunos) o quanto os professores não conseguiam, efetivamente, dar aulas para aqueles alunos e o quanto a escola arrastava a situação, mostrando-se incapaz de resolvê-la. Foi sob este contexto que, antes que o ano anterior findasse, a escola contou com a contribuição de um dos mais renomados especialistas em Educação. Foi ele que, junto ao grupo diretivo, efetuou a manobra: para o ano letivo que se aproximava um grupo específico de professores seria indicado para o trabalho com a turma. A tentativa seria a de uma composição forte que, de antemão, já fosse capaz de apagar o incêndio e até, quem sabe, fornecer uma saída. Pois assim foi. Em um ato público, lá recebia eu a designação compulsória que me incluía no quadro dos professores selecionados para a lida. No meio de tantas outras tarefas, debatia-me com o simples vislumbre dos esforços que estavam por vir. Deveria fazer valer a atribuição. Conseguir ou conseguir. O trabalho, somente o trabalho, seria o que de melhor poderia rebater as reclamações que se espalhavam pelos quatro cantos daquele lugar. Reclamações e, até, acusações, diga-se lá, não infundadas: histórias inacreditáveis circulavam pelo ambiente, disponibilizadas aos todos e quaisquer ouvidos de plantão. Tudo isso passava pela minha cabeça naqueles minutos antes da aula. Deixaria, daquela vez, uma marca tão eficaz nos alunos que o feito lhes saltaria à memória toda vez que a terrível desordem, minimamente, se pronunciasse. E se os elogios viessem logo – percebo, cada vez mais, que funciono melhor com eles do que à base da pressão - aí sim, ganharia forças pra, quem sabe, reverter a situação de uma vez por todas. Pois bem, para aquela aula, a segunda da manhã, já estava tudo minuciosamente preparado. O planejamento, porém, apesar de parecer poder funcionar como aquelas pedras que possibilitam a travessia de um rio, não me dava, de todo, a calma almejada. Alguma coisa parecia sempre apontar no horizonte com um grave tom de ameaça. No entanto, e nesses momentos a oscilação

de estados da alma parece um marulho que somente não enjoa porque a ansiedade chama toda a atenção para si, ainda que a ideia de controle pudesse ser largamente relativizada, tudo estava lá, para minha salvaguarda, asilo, segurança e sobrevivência. Rio, travessia, que nada! Havia mesmo construído uma toca! Lá de dentro, poderia manter-me protegida pois havia suprimentos suficientes para todos. Esses suprimentos fariam a minha figura valer e, se atirados de lá com destreza, rapidez, determinação e alguma orientação, seriam capazes de acalmar, distrair e, até mesmo, manter as feras lá de fora satisfatoriamente controladas. Se tudo desse certo, e daria, até o final da aula, deveriam dirigir a mim olhares, até, de gratidão. Como queria ver, naqueles rostos, a feição típica de quem quase passa mal porque a barriga está demasiadamente cheia. Migalhas, nem pensar. As feras não as viam e, se as vissem, a devoração era tão rápida e vã que anulava o feito. Nada, tampouco, de aperitivos. No calor da fome, da entrada passa-se rapidamente para o prato principal. Pois foi assim que se deu. Tudo correu estranha e maravilhosamente bem. Após a invasão da sala, uma porta batida e uma quase briga de pontapés entre dois deles, os alunos do 8ºano turma II, encontravam-se espantosamente sentados. Dado o resultado do encaminhamento mantinha-me afoita lá dentro da toca, continuava alerta, uma coisa aqui, outra ali... a aula estava apenas no começo. Foi, foi, foi... Triunfalmente, consegui todos os olhares para o prato principal! Anunciava, reluzente, em um inacreditável silêncio, sua aparição quando, e isso até hoje digo que não é de se acreditar, entrou pela janela, voando desgraçadamente, uma abelha. Preciso contar aonde é que foi parar meu prato, minha toca, meu espanto, meu triunfo? E o meu corpo então? (...) Quer saber de uma coisa? Diabo que os carregue. Nunca odiei tanto um bicho vivo!

Beleza insana

Não gastava energia à toa. O corpo, naturalmente, mantinha-se à espreita do que lhe era estritamente necessário. Sabia esperar. A hora certa. Três coisas apenas, uma a uma, indefinidamente: um canto, uma fuga, outro canto. Até o momento em que a vida, ali, deixou de fazer graça.

Os brincos

E a professora toda composta sabia o nome e sobrenomes de muitos alunos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Poucos lhe escapavam. Conhecia tudo daquela escola. Sabia, inclusive, o que devia e o que não devia ser feito, dado o que as famílias estavam acostumadas. Foi quando consegui encarar os brincos enormes e dourados que estavam pendurados nas suas orelhas como dois grandes troféus, e que balançavam pra cá, prá lá, prá cá, prá lá, prá cá, prá lá... Foi aí que pensei: como alguém que usa brincos como esse – e, diga-se lá, dessa maneira - pode dar uma boa aula?

Amor

Era sempre difícil saber há quanto tempo ela falava. Era alta, delicada, tinha uma maneira fina de gesticular. Os gestos combinavam apenas tortamente com os óculos, que eram gastos e um tanto quanto pesados. Várias vezes, durante a aula, colocava-os sobre a mesa para, minutos depois, recolocá-los de volta ao rosto, em uma briga interminável. Quase sempre tinha algo nas mãos: um giz, uma caneta, um livro, um pedaço de lã, uma ponta de carvão, um estilete, um papel... Usava pouco a lousa, mas todas as vezes que julgava necessária a escrita, corria o braço esquerdo pela linha imaginária, sempre com a cabeça pendendo um pouco para um lado. Falava umas coisas... Às vezes, enquanto falava, passava por entre as carteiras. Sempre que julgava necessário dava uns tapinhas nas costas de um, despertava o corpo de outro, chamava pelo nome, pedia atenção, exigia silêncio. Se estávamos ali, ela dizia, era pra que, de fato, alguma coisa acontecesse. De preferência, legal, acentuava mexendo quase todo o corpo. O fato é que ninguém dormia naquela aula e, se acaso isso se desse – havia uma certa "tendência ao sono" nas aulas da segunda-feira após o almoço – lá ia ela, incansável. Vez ou outra saia uma fala, uma pergunta em tom áspero e desconfiado de onde menos se esperava. Não acredito até hoje que aquela menina que nunca abriu um só caderno conseguiu saber o que estava circulando a ponto de fazer gerar uma conversa que, segundo o que pude ver, mexeu com a gente, e até com ela, a professora. Naquele dia, saiu de lá mais acesa, dizendo que era pra gente continuar pensando (inclusive eu, ela disse). E não era só o

que ali era dito que chamava a minha atenção. Naquela aula, tenho que dizer agora, o que mais me parecia estranho e diferente eram os silêncios que vez ou outra se impunham. Não eram, no entanto, aqueles silêncios que a maioria dos professores cavam na base do chilique ou da ameaça, eram silêncios que se ligavam àquilo que, ali, se podia ouvir, ver... Lembro-me das imagens das obras que pairavam na penumbra da sala por uns tantos segundos... Aula amarela, vermelha, verde, negra. Aula manchada, riscada, sombria, ensolarada... Aula azul, branca. Aula vazia... Talvez eu nunca possa lhe dizer o quanto sou grato pelo que disso, em mim, até hoje reverbera. Fico também na vontade de dizer pra ela o que, na sua figura esguia eu via, quando desfilava por entre as cadeiras: uma enguia, uma serpente, uma salamandra, uma cauda de dragão. Uma bruxa. Uma criança. Uma louca! Um dia, cheguei a ouvir ritmadamente o tilintar dos ossos sobre as carteiras. Música feita de gente viva. Corpos dispostos, interpostos, sobrepostos, misturados, entrecortados, desenhados, desenhando... Corpos famintos. Em uma devoração mútua. Grafitagem feita com sprays de sangue pelo chão, nas paredes, nas costas, nas barrigas... E ela não gritava. Se, por acaso elevasse o tom, quase sempre era de entusiasmo. Sabia como entrar na nossa. Quando muitos achavam que aquele comentário acerca da pergunta feita acabaria com a aula, dadas as risadas descontroladas, ela também ria. Quando não achava graça, rebatia, sem desdém, a fala incômoda com algo que nos incomodava ainda mais. E da serpente eu via um pequeno artrópode assentado sobre o que a todos nós, podia nutrir... Cada um se virava como podia! Carrapatos ingurgitados. Nada mais do que o necessário. Nada menos do que o desmedido. Professora, um beijo pra você!

Quitina

Eu sabia que aquele cheiro de comida, daquela vez, não vinha da cantina, da hora do intervalo, nem de nada que pudesse estar aberto no compartimento de alguma carteira da sala. Vinha mesmo era de lá, da mesa do professor. Esquecido que era, organizava seus apetrechos enquanto já falava e, sem querer, deixava à mostra a todos que quisessem ver, um objeto nada comum: o pano de prato que, provavelmente, usava para a própria fome! Não sei por que, mas a visão daquilo, de pronto, me apeteceu. Instantaneamente, senti a saliva farta logo abaixo

da língua. Estranhei sua consistência, enquanto, perturbado, ouvia a fala do professor. Ela foi ficando densa, grossa, cada vez mais grossa. Já não movimentava mais a língua quando algo, de repente, se deu: uma luz vinda de fora, cheia de poeira, cortou o canto da sala e deixou, ao mesmo tempo, o branco do pano extremamente luminoso e tudo o que estava pintado nele, de uma cor mais viva, ou melhor, diferente. Parecia que eu nunca tinha visto um abacaxi, uma maça, uma berinjela, uma flor roxa ou um talo de trigo... Foi sobre a maçã que, cego e surdo, eu pulei. De todos os vermelhos da pintura, o mais vermelho. Ela era tão grande que tive que segurá-la com força, cravar minhas unhas na sua carne tenra, perfurar a casca... Ninguém me arrancaria dalí sem que eu perdesse, ao menos, os dentes, as unhas, os dedos, as mãos, os braços... ou fizesse um rombo na fruta. Sorvi lentamente o sulco que, de tão farto, escorreu pra fora da minha boca. Foi juntando a minha cor com a dela que pude ver meu abdômen escurecendo e, de seu desenho oval, meus braços-pernas multiplicando-se. Enchi meu corpo. Quatro vezes o tamanho anterior! Foi somente saciado que me desprendi da fruta. Não precisava mais dela. Nutrido, refastelado, saltei no vão quente que separava dois tacos da madeira velha que revestia o chão ainda a tempo de perceber o professor dirigindo-se propriamente a mim: "- Vamos lá com a escrita?" Foi isso o que, do escuro lá de baixo, ouvi.

Para aqueles que vêm do escuro

Há pessoas que vêm do escuro. Têm um estranho modo de seguir sem rumo. E olhos cegos e ouvidos surdos sempre atentos. É no escuro que encontram o que lhes mata a fome. Um dia, uma delas gritou comigo: "Vai minha filha, faz o que você gosta!" Disse isso antes de mergulhar pra dentro do seu quarto, batendo a porta. Diga lá você, conhece alguma?

Que assim suje!

Ácaro já sei que não é porque esses a gente não enxerga. Aqui de longe, pode ser pulga, carrapato ou piolho. Coisa do tipo. Provavelmente piolho, e lá da cabeça da Bruna, que todo mundo já sabe. A minha mãe olhou a minha e não tem nada, na da Luíza também. É, mas tem o Bernardo, que esse aí nem banho toma. Será que esses bichos gostam de sujeira? Acho que sim, a professora sempre diz: " ... quanto mais limpo, melhor!" É, mas aqui na escola não tem jeito não, é muita gente! No intervalo, quase todo mundo corre, brinca, sua, cai, tromba um no outro. Na fila, é outro encosta-encosta. Até na sala é todo mundo junto. E no calor então? É aquele cheiro... Acho que a gente vem pra escola mesmo é pra pegar piolho!

Cabeça, comida, pano e piolho

Ácaro já sei que não é porque esses a gente não enxerga. Aqui da minha carteira acho que pode ser pulga, carrapato ou piolho. Coisa do tipo. Provavelmente piolho, e lá da cabeça da Bruna, que todo mundo já sabe. Mas como é que foi parar naquele pano ali? Ai, não acredito, é um pano de prato, também vejo aquelas pinturas daqui! O que é que um pano de prato está fazendo na mesa da professora? E com um piolho em cima? Que nojo! Vai ver que esse pano estava na cabeça da Bruna. Será que ela veio para a escola com veneno na cabeça? Impossível, hoje em dia nem se usa mais isso, todo mundo sabe que tem um shampo próprio, que mata. Só se não adiantou passar o shampo e a mãe dela, de tão nervosa, ficou doida! Coitada, fora que é perigoso ficar com veneno muito tempo na cabeça, a gente pode passar mal e até morrer intoxicado, que isso minha mãe já me disse. Vai ver que a professora ajudou a garota e, pelo menos, tirou o pano da cabeça dela. Aonde já se viu fazer isso com um pano de prato? Pano de prato é só pra enxugar louça, cobrir a comida. Vou chegar bem perto dela, quem sabe sinto o cheiro do veneno, que sempre é forte, e mato a charada. "- Bruna, você pode me emprestar seu apontador?" Pronto, estou assustada, nada de veneno, o cheiro da cabeça dela era de comida. Que confusão essa sala, só eu é que percebo isso? Daqui do lixo, apontando meu lápis, tenho vontade de gritar: "- Aí gente, alguma coisa está acontecendo aqui: na cabeça onde deveria estar o piolho, só tem cheiro de comida, e no pano de prato, que só deveria ter sido usado pra comida, tem um piolho!" E a professora, não faz nada? Melhor eu nem me meter nessa muvuca. Vou devolver o apontador e pronto. Ainda bem que já vai bater o sinal da saída. "- Aí, Bruna, valeu!"

Aqui mesmo

É aqui mesmo que eu quero o instante que faz iniciar um canto. Quero o cheiro imediato de um novo frescor. Quero o momento da inspiração franca, profunda, capaz de rasgar o tempo e visitar a noite. No meio dessa aula, meninos, quero o abismo da escuridão que, ao mesmo tempo, leva para longe e traz para si. Quero o afeto que traga de volta aquilo que não sei.

Levedura

Por mais que já tivesse preparado a aula com suas próprias mãos e, racionalmente, considerasse o plano suficientemente bom para a nova turma, contando-se, inclusive, com o fato de já ter funcionado uma vez, não via como reutilizá-lo para a próxima quinta-feira. De algum modo, ao mesmo tempo em que sentia não merecer aquilo, algo lhe fazia desconfiar da escrita. Apartada do papel, não pôde, no entanto, jogá-lo fora, e nem colocá-lo de lado. Preocupada com o tempo que, impiedosamente escoava, resolveu, antes, pôr os seus olhos sobre ele e um lápis na mão. Haveria de retomar a preparação, passar por todos os conceitos, desconfiar dos pequenos parágrafos formatados, das frases organizadas, de cada palavra selecionada, das relações que se levantavam prontas. Haveria, ainda e principalmente, de recitar em alto e bom som a sua aula, como se a tivesse ouvindo pela primeira vez, se possível, lá detrás de uma carteira, feito aluno disposto a aprender. Haveria, também, de tornar-se sensível à própria escuta no que diz respeito à voz que sentia entrar e passar... Qual era o timbre, a textura, a tessitura alcançada? Havia algum divertimento de altura, duração ou intensidade nos sons que suas cordas emitiam? Esticava algumas palavras, encurtava outras? Fazia pausas? E de que maneira a voz e o corpo se acompanhavam? Mexia muito as mãos, gesticulava? Andava enquanto falava? Mantinha-se parada? Andava e parava, andava e parava? As sobrancelhas lhes subiam e desciam pela testa? Esboçava algum sorriso? Os mostrava largos? E os olhos, por detrás daquelas lentes, como se davam? Fixavam-se em um rosto da sala mais do que em outros? Corriam soltos? Vagarosamente se acomodavam em um ponto qualquer? E, ainda, qual era a relação de tudo isso com os conceitos trabalhados? Qual era o corpo que a sua voz tomava para um e para outro?

Perdeu-se nos detalhes que, naquele momento, lhe pareceram vitais como aquele que parte ao escutar uma música: "uma aula é uma espécie de matéria em movimento" (DELEUZE, 2001, Letra P). E foi nesse não lugar que viveu uma sensação exata: dissolvida em tudo o que era aula viu-se, apenas, como uma conexão fluida de dados desintegráveis misturados a tantos outros naquilo que estava por acontecer e, enquanto vislumbrava todo o decorrer de sua futura regência, divertiu-se com a fragilidade do que se lhe apresentava frente a potência desmedida da

criação que engendra o imprevisível na realidade enquanto ela dura.

Sua aula?

Inteiramente contraída, prosseguiu com a preparação. Há coisas que, embora pareçam contraditórias, não se excluem - foi o que sentiu como certo, sem saber exatamente por que.

Desacomodada, desconjuntada, ensaiou a aula reiteradas vezes recitando-a em voz alta como se procurasse, no assunto, o assunto. Três elementos básicos a considerar: o material a ser projetado na tela da sala, a matéria impressa que seria dada a cada aluno e o imenso volume de coisas a serem ditas. Se, de tudo isso, os dois primeiros itens já haviam sido cuidadosamente elaborados – as imagens e o texto – deveria concentrar-se, obviamente, na condução da fala. Esta teria que funcionar como um fio que introjetasse vida à coisa dada, conforme seguisse amarrando-a. Introjetasse vida? Sentiu-se, então, pretensiosa. Quem foi que disse que imagens e textos vêm como mortos e que, por isso, necessitam da fala de alguém que os desperte e salve? Eles não falam por si? Que potência era essa reservada à fala de um professor? A quê serviria uma fala produzida pela necessidade de dar vida a uma matéria apresentada, exatamente por isso, como inerte? Além do que, a própria imagem já dizia: dar vida à coisa dada, conforme seguisse amarrando-a. Amarrando-a? Quer dizer então que, além de tudo, a pretensão oferecia somente uma possibilidade de vida? Não, não, não era o que queria. A fala imaculada do conhecimento, aquela que sempre tem o que dizer antes mesmo que as coisas possam dizer-se... Mas o que faria, então? Ficaria muda? Ofereceria aos seus alunos o material que preparou com afinco sem dizer uma palavra? Era uma opção. Mas, sob uma certa perspectiva, isso não poderia torná-la refém de um silêncio cuja onipotência seria o lugar de todas as coisas e, por isso mesmo, de mais nada? Por quanto tempo sustentaria um silêncio como esse? Foi quando uma outra contração alargou o seu peito e permitiu que dissesse a si mesma: calma professora, faça um alongamento, tire os anéis dos dedos e as pulseiras do punho, coloque um avental, reserve um pano de prato, disponha os utensílios necessários sobre a mesa porque a única saída possível é a que diz: mãos à massa! Atente, porém, ao tempo da fome, prevenir-se do risco

de se ingerir alimento podre não é coisa pouca.

O tempo da fome. Sabia que, no âmago de sua impaciência, uma espera sábia se fazia e que o momento exato da ingestão franca provocaria, nela, a inevitabilidade inconfundível de um salto. Animal lançado à presa.

Mãos à massa, professora! Mas a massa já estava pronta, e era aí é que se mostrava o problema. Pronta para ser engolida (e para engolir!). As imagens, o texto, a fala retórica, ilustrativa e explicativa se juntavam de tal maneira que o volume resultante aparecia como o prato perfeito, desde sempre já feito e, por mãos que, de tão sábias, nem se faziam aparecer. Para que, então, voltar a atenção a uma receita que, de tão certa, já se fazia sozinha? Como dizer não à confiança que dispensava qualquer informação sobre procedência, ingredientes, modo de fazer ou validade? Interromper a comilança? Por que? Essas perguntas nasciam, no entanto, conforme duas coisas eram experimentadas: ora a ingestão daquele alimento deixava um gosto desagradável no fundo da boca, ora gosto nenhum. A professora, forte que era, respondia a isso com sessões cada vez mais frequentes de refluxos e de vômitos. E da confiança fez-se uma suspeita produtiva. Quanto mais seu corpo dizia não àquilo, maior era a imprudência solitária que a impelia à experimentação. Sabia que aquela massa era tudo o que tinha, e que era dali que teria que extrair um novo sabor. A questão era vital, sem alimento corria o risco de morrer ali mesmo, dura, inanimada, triste e cansada. Algumas tentativas foram sofríveis, no entanto. A lida não era fácil, havia algo ali que absorvia rapidamente qualquer outro ingrediente vindo de longe, anulando seu aroma e sabor. Não foi sem fome que passou, então, a fazer a única coisa que podia: esticou, puxou, abriu, enrolou, espremeu, cortou, reajuntou e sovou a massa até o momento em que aquele movimento que, de alguma maneira lhe escapava, pôde fazer, da coisa, matéria irreconhecível. E ela não sabia identificar se a extraordinária insensibilidade vinha de alguns pontos da superfície da massa, de pequenas partes de suas próprias mãos, do contato entre ambas, de tudo isso junto... O fato é que os conceitos, os pequenos parágrafos, as frases e as palavras que, por ali, circulavam, puderam ser vistos como que pela primeira vez.

Ao sovar a massa fora da bacia, ela rasgou, com as mãos, a membrana

que recobria a sua aula cheia[20]. O cheiro doce, carregado, que tal rompimento exalou, misturou-se com o frescor que vinha de fora. É na luz de uma manhã como essa que se pode atingir o ponto mais profundo da noite.

Silêncio. O espanto expansivo da criança em corpo já crescido não cabe, igualmente, em coisa dita.

O salto se deu enquanto caia. Às cegas, enfiou os dedos na massa incrivelmente levedada até que os espaços entre as unhas e a carne foram plenamente ocupados. Gesto inumano, simples e inevitável. Coisa de bicho: professora-carrapato, engorgitando do sangue do outro tão logo lhe encrava o próprio corpo. Esperaria toda a vida pelo feito.

À medida em que a coisa se dava, um mundo novo é que nascia. Sobre ele, nenhuma possibilidade de escolha. A massa, impura, simplesmente crescia, emergendo, cada vez maior, entre os vãos dos seus dedos. A manipulação despreocupada rompia, nas pontas deles, as pequeninas bolhas de ar produzidas pela levedura jovem, de membrana pouco espessa e nada rígida. Esse ar, absolutamente incomum, ao mesmo tempo irrespirável e embriagante, trazia o cheiro de uma incerteza alegre capaz de incitar, mais e mais, o desejo inspirado de seu paladar pela ingestão do gosto que não conhecia. Alguns minutos lhe bastaram. A nutrição curta, mas de altíssimo teor proteico, foi suficiente para fazer sair, da boca da professora, finalmente, a fala. Mas não era mais aquela fala pretensiosa que, supostamente, vivificava o material selecionado à medida em que definia e estabelecia relações entre as coisas, revelando-as tal como eram aos alunos. A fala que aquela professora emitia ao tomar para si e, ao mesmo tempo, trair o seu plano de aula, quem lhe soprava, era a boca da noite. Sem dúvida, viveu a dor e a contradição que são próprias do artista: a dor de saber impossível comunicar o que, à sua fome, sacia, e a contradição da total e imprudente entrega deste corpo à tarefa de cumprir tal impossibilidade. O que dizer sobre as forças invisíveis que acometem as sensibilidades? O que dizer da necessidade e do desejo que, disso, nascem? Na encruzilhada, todo artista sabe, a única saída é criar. Por isso é que a professora teve

20 Não é possível passar por tal expressão - aula cheia - sem a referência direta ao livro: CORAZZA, Sandra Mara. *Didaticário de criação: aula cheia*. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2012, v.300, 202p.

que fazer calar a boca da sombra para tornar-se, ela mesma, uma fala deslocada que, estranhamente, usava os mesmos elementos da fala anterior, mas que não tinha mais nada a ver com ela.

Falou como quem escreve. As palavras lhe desciam era lá do céu da boca. A língua brincava com elas até que pudesse tocar, em cada uma, a curva. Eram sacudidas, prensadas, rodopiadas, acariciadas na perseguição do gosto continuamente saciado. Saboreando-as, as punha para fora, como a mão que se debruça sobre o papel, e tatua, livremente, letra à letra.

Ela gostou do que ouviu a ponto de se entusiasmar com aquilo. Finalmente, uma aula.

Em meio ao esquecimento, a lembrança sem repouso desse entusiasmo raro era o que de mais precioso podia levar para quinta-feira. Sabia, no entanto, que a escola, que funcionava, sempre, sem qualquer movimento, sem dúvida, não contribuiria para que a coisa acontecesse. O que poderia fazer, então, senão ficar à espreita da menor falha?

A pressa de sua fome saberia esperar onde e quando.

4- Uma mulher nua, magra, muito branca, de cabelos longos platinados, grudada frontalmente na parede contrária às salas de aula de um corredor

Linha Quebrada

Ela tinha um estranho modo de seguir. Em frente? Não, vivendo.

Cara

A cara da escola tem várias caras: fileira, sinal, carteira, bronca, suspensão, prova, entrega de trabalho, pontuação final, conselho de classe, advertência, atestado médico, hino nacional, entrada, saída,

festa junina, formatura, viagem, uniforme, Dia das Mães, seminário, arguição oral, cantina, Feira Cultural, sala dos professores, reunião de pais, estudo de meio, plantões de estudo, recuperação, presença, falta, o escambal... Cara de coisa pronta quando não se pode mais saber de quê, como, por que e para que ainda é feita. Recomenda-se, então, o uso do pátio como o local mais apropriado da instituição para que seja, ali, montado, um grande varal. Vários varais entrecruzados receberão todas essas caras prontas que, juntas, dão a cara da escola. Os rostos serão, assim, dependurados e lá ficaremos com eles, debaixo de chuva e vento e frio e calor e sombra e tempestade e neve e granizo e sol até que as todas as feições sejam satisfatoriamente desfiguradas. Olhos, narizes e bocas irreconhecíveis. Não sabendo-se mais quem fala ou a quem se fala, o que poderá ser dito? O que se terá a fazer? Na impossibilidade da resposta, desmanchemo-nos colegas, todos, na pergunta. Quem sabe se, com isso, algo de novo possa acontecer um dia, aqui mesmo.

Ela

De tão branca, era azul esverdeada. De tão magra, da pele, se via o osso. As veias se lhe estufavam nos braços, nas pernas e no pescoço, numa

indiscrição constrangedora. Não escondiam, no entanto, a fragilidade, muito embora fizessem que dela se desconfiasse. Figura dúbia. Plena de inconciliáveis. Imprevista. Inassimilável. Incognoscível. Incomunicável. Insuportável. Imensa. Incivilizada. Inumana. Os cabelos platinados, de um comprimento assustador, denunciavam sabe-se lá que acordo. O fato é que uma certa fluorescência lhe banhava os fios, na penumbra de um corredor cujo fundo infinito era só breu. Lutava para que não fosse tragada, não só pelo escuro, mas também pela luz que vinha de fora. Na ponta do corredor, relativamente próxima à saída, mantinha-se agarrada à parede lisa, incrustada no cinza que, àquela altura, já descascava, gasto, machucado. As salas de aula que seguiam, uma a uma na parede contrária, esperavam o trabalho do dia. Da última delas, um ar gelado lhe chegava, para dentro e para fora, para dentro e para fora... A escola estava vazia e a manhã mal havia começado. Dos pés descalços é que se se lhe lembrava o corpo. Nu. Mulher despida. Sem roupas, sem riso, e sem choro. Sem amor, nem doença. Ela toda uma languidez dura. A coragem de um corpo que não sabe para onde vai. E era de ponta cabeça que se lhe via o rosto: na luta contra a força que lhe puxava e repuxava os cabelos, ele se dava forçadamente impulsionado para trás, de quando em quando, da testa para cima. Às vezes, na descida, a cabeça se curvava mais para o lado e era enviesado, numa violência devagar, que vinha.

Menina de Munch[21], cujo olho perfura, porque é quase como o nada.

A boca entreaberta.

Quanto mais a força lhe puxava os cabelos, tentando desgrudá-la da parede e tragá-la – sabe-se lá se vinda da noite ou do dia – mais ela grudava na superfície cinza. Os dedos das mãos e os joelhos se enfiavam no reboque enquanto que os pés se alternavam na luta pela mísera escalada. Como se tentasse o único modo possível de enfrentar um furacão, ela saía do chão, na obviedade de uma luta de vida ou

21 MUNCH, Edvard. Puberdade. 1894-5. Oléo sobre tela, 151.5x110cm. Oslo Nasjonalgalleriet. Imagem disponível em: http://www.edvard-munch.com/gallery/anxiety/index.htm .Acesso em 09/07/2013.

de morte. Nenhuma expressão, no entanto, nenhum sinal, nenhuma tentativa de comunicação, nem a menor menção da mais pequena palavra, nenhum mínimo e minguado gesto. Nenhum pedido de socorro. Sabia estar só, ainda que pudesse ver que era vista.

Ser andrógeno. Anômalo. Sub-espécie. Ligada mais às potências infernais que às celestiais porque é no mundo, estando nele. Algo como um agora.

Talvez não soubesse mais andar, nem falar, e não comesse ou dormisse nunca. Talvez, no entanto, tenha encontrado algum alento, algum repouso, um tanto de água e comida quando, aos poucos e de uma só vez, quieta na parede, tornou-se ela mesma a visão doída de uma força que fez daquele corpo aquilo que mais sinceramente lhe coube, mostrando-se toda. Corpo comprido, achatado, distorcido, deformado.

Por quanto tempo resistiria a tudo aquilo? Quanto tempo? A pergunta se fez imprópria - a todo corpo que não se avizinha nem fixa morada, "quanto tempo" não existe.

No mais, às seis da manhã, a luz já era tanta que ela desapareceu. Mulher assombrosa. Para onde terá ido?

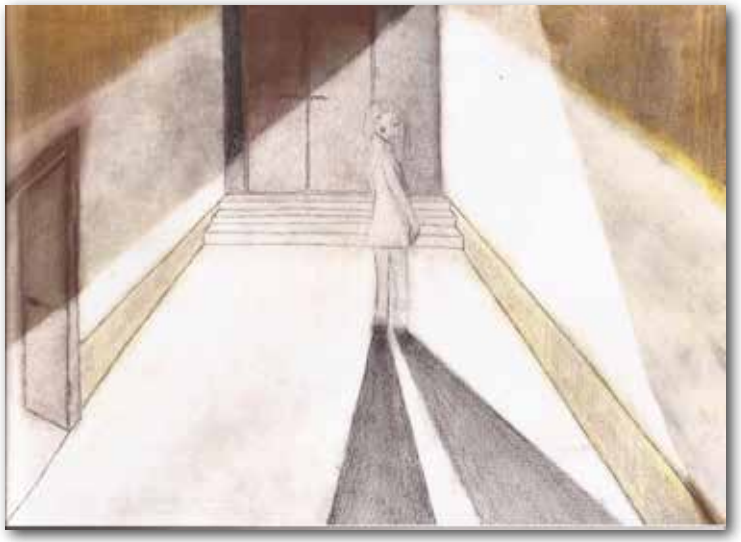
O que seria daquele que lhe atravessasse os olhos, as narinas, os ouvidos, a boca?

E, no cinza da parede, se via raspar, claramente, o branco da ponta de um jaleco solto no corpo de alguém. Sem dúvida, uma professora... enfiando-se corredor adentro. Seus passos eram largos, firmes e apressados. O uniforme, visto de trás, na contramão da corrente de ar que atravessava o corredor, parecia, ao mesmo tempo e estranhamente, lhe prender e soltar da função. Antes, porém, de dobrar a direita e, assim como a outra, também sumir completamente, ela parou por um instante e girou seu corpo em quase noventa graus, como aquele que não resiste a uma última vez.

Do furacão, minha gente, o olho era o seu próprio.

A luta era ela mesma.

Criatura viva, pintada em carne e osso.



5- Vista aérea de uma enorme queda d'água em suspensão, sobre o pátio da escola

Azul

Hoje, depois do almoço, me sentei em uma cadeira ao sol, no quintal da minha casa. Pela primeira vez olhei o céu e percebi que, de fato, se movia. Segui as nuvens com os meus olhos esperando ardentemente o momento em que tudo deveria parar, mas não parava nunca. Um descanso era tudo o que eu queria. Um descanso, por favor! Mas elas seguiam insensíveis ao meu clamor, sempre para a direita, de tal modo que o meu quintal e todo o bloco de edificações que, à partir dele, meus olhos recortavam, também se mexia, para a esquerda. Como pensar em um estado desses? A comida que assentava em meu estômago começou a pedir licença. Confirmou a seu modo que tudo haveria de parar um pouco para que eu, finalmente, pudesse ser. Na infância, quando assim

o conseguia, como a coisa ocorria? As nuvens, com certeza, não paravam no céu só porque eu era pequena, e mesmo assim conseguia ver desenhos nelas que duravam mais do que a minha paciência. Será que tive azar e os ventos de hoje, dia frio de inverno, é que causaram tamanho estranhamento a ponto de, a mim, parecer que nunca o tinha visto assim, céu que anda? Não sei. Alguma calma, no entanto, seguiu-se quando atrás das nuvens o imenso azul se estampava, imóvel. Será que é ele, então, que não se mexe? É, olhando assim, é que o parece. Pronto: que seja por pura ilusão – vou para o azul do céu porque lá, nada se mexe! Hoje, preciso tanto disso... Quero morrer um pouco. Preciso, novamente, desenhar.

Vaidade

Tudo o que pôde sentir ao repassar o plano da aula finamente elaborado foi um envaidecimento de si. Mas, como se viraria com aquilo? Vaidades não fazem aulas. Emoções, sim.

Cachoeira

Foi, de fato, uma aparição. Dessas que misturam tempos e espaços. Como se, por um pequeno descuido, uma sorte, um preparo

desinteressado, um esforço ingênuo, uma certa confluência de forças que, costumeiramente, não se dão ou não se enredam, uma passagem se constituísse. Passagem estreita mas de, cuja abertura, pôde sair um mundo: sobre o pátio da escola, vinda sabe-se lá de onde, pairou, suspensa no ar, uma enorme queda d'água, toda cheia de seus sons e de sua corredeira. Visão espantosa de um mundo no outro. Interferências inimagináveis. Como era possível? Por que ela veio? A quê veio? - eu me perguntava. A água fazia espuma branca e zilhões de respingos preenchiam o volume de uma área cuja extensão, em relação à escola inteira, era considerável, ainda que tudo se concentrasse estritamente sobre o pátio. De qualquer maneira, a intensidade da visão parecia abarcar todo o edifício como se cada recinto tivesse sido alcançado pela água. Mas a água nem tocava o chão, esvanecia em nada lá embaixo assim como, do nada, surgia lá de cima. Se uma coisa como aquela despencasse escola abaixo seria um estrago só! Mortes na instituição, sem dúvida. Cadeiras e carteiras e livros e apostilas e cadernos e lápis e borrachas e avaliações e computadores e muros e paredes e toda gente inundados. Olhando lá de cima, mantinha-me quieta, no entanto. Nenhum alarde. Absorto pela visão, o corpo inteiro não saía do lugar, como se somente daquele ponto exato, tudo pudesse ser visto. E não havia ninguém por lá! Aonde todos estariam? A escola inteira em aula, certamente. Cada setor imerso em seu trabalho: as pessoas da secretaria presas aos seus afazeres; o diretor e os coordenadores, provavelmente, em reunião; inspetores vigiando os corredores; banheiros sendo limpos. Momento em que o pátio escapa dos gritos, dos pisões, e da comida que cai no chão. Momento em que o pátio parece estar, para sempre, vazio. Um vácuo. E eu, então, o que fazia ali? Não deveria estar, como os outros professores, ministrando, na sala, a minha aula? Que horas seriam? Pela posição do sol, início da tarde. A visão se dava de uma certa distância, lateralmente, o nível dos olhos um pouco acima de onde toda a água caía: sim, era de longe, não frontalmente, e do alto que eu a via. Não estava, porém, no terceiro andar do edifício, o último deles. Não era do interior de qualquer cômodo que meu olhar saía. O que chegava a mim de todos os cantos, era espaço aberto. Um aberto azul. Quente e frio. E eu também não estava em cima do telhado. O vento que passava pelo meu corpo não era coisa que se dá nas pequenas alturas. Era vento largo, que não sabe o que é prudência ou coisa que, a ela, se assemelhe. Ademais, não havia nada sob meus pés, nada em que eu pudesse apoiar qualquer parte do corpo. Corpo?

Mas que corpo era esse que a mim parecia só cabeça e olhos, os braços, de tão abertos, soltos, imensos e esvanecidos? Assim foi que tudo se deu naquele exato dia: um corpo-professora plainou horizontalmente no céu, absorto pela visão de uma verticalidade imensa toda ela força d'água suspensa sobre o pátio vazio de uma escola. Se se tivesse que fazer notícia de um acontecimento como esse, perdoem-me, mas isso seria tudo o que eu saberia dizer: nada a mais, nem a menos.

REFERÊNCIAS:

ALYS, Francis. Paradoxo of Praxis I - Sometimes Making Something Leads to Nothing. Cidade do México, 1997. Vídeo de domínio público, 4.59min. . Imagem disponível em: http://designblog.rietveldacademie.nl/?tag=francis-alys Acesso em 11/09/2012.

BARTHES, Roland. Aula. Tradução: Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

CORAZZA, Sandra Mara. Dramatização do Infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze. Projeto de Pesquisa (Produtividade) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) apresentado ao CNPq, ago. de 2010. 91p. Texto digitalizado.

_____. Didaticário de criação: aula cheia. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2012, 202p.

_____. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da Educação. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 1009-1030, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acesso em: 14/08/2013.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. O ato de criação. 1987. Disponível em: http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br Acesso em: 11/09/2012.

_____. O Abecedário de Gilles Deleuze. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

_____. Francis Bacon: Lógica da Sensação. Tradução Roberto Machado (coord.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. Tradução Jorge Coli. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

PACHECO, Nazareth. Sem título. 1999. Acrílico, agulha e cristal, 320x50x24cm. Imagem disponível em http://www.casatriangulo.com/pt/artista/20/trabalhos/1/ Acesso em 11/09/2012.

MAGRITTE, René. La Modéle Rouge. 1935. Óleo sobre tela laminada em papelão, 56x46cm. Museu Nacional de Arte Moderna, Centro Georges Pompidou, Paris, França. Imagem disponível em: http://boijmans.cultuurwijs.nl/collec/mk/mk5.htm .Acesso em 11/09/2012.

MUNCH, Edvard. Puberdade. 1894-5. Oléo sobre tela, 151.5x110cm. Oslo Nasjonalgalleriet. Imagem disponível em: http://www.edvard-munch.com/gallery/anxiety/index.htm .Acesso em 09/07/2013.

SYLVESTER, David. Entrevistas com Francis Bacon. Tradução: Maria Teresa Resende Costa. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VALÉRY, Paul. Degas Dança Desenho. Tradução: Christina Murachco e Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

Ilações teóricas: entre hecceidades e subjetividades

Figura 1: *Flyer* de divulgação da Performance.

Na disciplina do curso de especialização Pedagogia da Arte, das *Gráficas, Plásticas, Pictóricas e Visuais* se tratou das manifestações da arte no cenário contemporâneo através de discussões apoiadas por imagens. Destes *insights* de sala de aula, surgiu a ideia que teve como atividade uma intervenção, resultando num laboratório sobre a produção de modos de vida, em que o objetivo foi mostrar através das culturas jovens provenientes da moda, da música e da linguagem, como se movimentam estes corpos no cenário urbano (*underground*) contemporâneo de Porto Alegre. Com o conceito de *rostidade* apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari no *Platô 7*: *Ano zero – Rostidade* se problematiza a "significância" e a "subjetivação" da cultura. Ao invés de representações criam-se superfícies e espaços de inscrição, fluxos que se cristalizam em imagens, que se despedaçam e voltam a se formar.

Rosto e corpo totalmente cobertos por uma malha preta, que consiste em "anular" a identidade da *performer*, para que ela possa assumir, através dos diferentes modos de vestir, outros modos de ser. Despir-se de si mesmo, assumir novos "eus" representacionais a partir das trocas de roupas, sugerindo um "não corpo" sob o corpo das roupas, definidora de estilos identificáveis, trocadas durante a performance. Fruição do corpo que experimenta limites e deixa passar fiapos de vida!

O que se expões nessa ação, transcorrida dentro do Campus da Universidade é um corpo de subjetividades, não-corpo de *hecceidades*, movimentos e velocidades. Operação que vai tomando conta do corpo. Nem coisa, nem objeto. Nem sujeito, nem pessoa. Nem forma, nem substância. Apenas movimentos. Flechas, que lançadas, atravessam o corpo produzindo intensidades.

No trajeto nômade, "num espaço aberto, indefinido, não comunicante" (DELEUZE, GUATTARI 2012b, p.54) fiz uso de "palavras-chaves", distribuídas e decalcadas no chão da área externa entre à Faculdade de Educação, Arquitetura e Rádio da Universidade, em diferentes espaços até o prédio multiuso que outrora foi o Instituto de Física. As palavras decalcadas foram "nomadismo, hedonismo, consumismo, multiculturalismo, identidade, subjetividade, singularidade, heterogeneidade, individuação, tribalização, homogeneização e territorialização" que pululam e atravessam o

experimento e a pesquisa. Corpo performático, que teatraliza a vida (real?) e "inventa a rostificação de todo corpo" (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 43) que passa pela roupa e artefatos da moda, compondo "*personas,* personagens, um baile de máscaras" (SALOMÃO, 2001, p.39). Reais! (o que é real?) Ora, o que não inventamos não existe! Somos artífices por excelência.

Uma vontade de ser tudo o que não sou. Sou! Vontade de alimentar-se do desconhecido. Desejo! Compor mapas em pontos que se estendem; linhas num *espaço liso* que não se fixa a nada. Tece, conecta! Transforma a partir dos supostos "kits-padrão" apresentados pelas formações identitárias. "Mutações existenciais" para fazer falar um corpo inorganizado, que se constitui em linhas em devir.

O experimento híbrido propôs questionar quem são estes corpos aqui representados. Qual seu modo de vida? Qual a sua identidade? Que símbolos fazem parte desta identidade? Que grupos são estes? Qual é a moda destes grupos? Em que espaços estão inseridos? Que "outras" juventudes são estas que "fluidas e cambiantes" percorrem os espaços aqui delimitados?

A "diferença" neste estudo ilustra através das "imagens de pensamento" estratificadas no universo contemporâneo da estética jovem, que tem como suporte a roupa e consequentemente a moda, mas, não (e sim) a moda engrenagem capitalista; não (e sim) a moda instituída pela indústria, que faz com que o indivíduo usuário (pense que ele) tenha autonomia sob suas escolhas. Uma moda, que experimenta os modos de vida, tendo a "criação em si mesma, diferença extemporânea" que cria "alegorias e artifícios para suportar os corpos na andança errante dos fluxos, na passagem louca de devires" (ZORDAN, 2010, p.07) e apresenta a performance proposta, cujos "fluxos" se definem pela identidade destes jovens, sendo esta relacionada, inclusive, ao sentimento de "pertencimento" uns aos outros, logo, subjetivados uns pelos outros e pelo contexto em que estão inseridos. Estas "singularidades são compreendidas como as próprias criações, sendo estas potencializadoras de vida", Fontebasso, (2002, apud ZORDAN, 2010, p.04) e fontes que produzem diferença, para refletir sobre uma possível estética da existência, onde se pode ter a própria vida como obra de arte, ao descobrirmo-nos habitados por multidões. "Uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza

um acontecimento [...] um modo intensivo e não um sujeito pessoal" (DELEUZE, 1992, p. 128).

A performance ainda configura uma crítica a "ossificação" em decorrência da padronização dos comportamentos, cujos "kits" prontos de identidade fixam as possibilidades dos modos de vida, numa instituição normalizante e moralizante, que sufoca e libera pouco espaço a experimentação e a criação, julgando a partir de valores transcendentes as ações do que é "certo" e "errado".

Os modos de subjetivação trazem possibilidades de estar dentro do instituído e subverter a ordem para auto-afirmar-se e construir um modo de vida que nos torne mais potente, poderoso. A moda bem pode ser um dos *códigos*, que identifica a maneira de pensar e a que grupo pertencer, permitindo transitar por diversos estilos, diversos grupos, diversas modas, trocando experiências, formando um sistema cultural e estabelecendo relações de saber e poder.

> A relação consigo entrará nas relações de poder, nas relações de saber. Ela se reintegrará nestes sistemas dos quais começara por derivar. O indivíduo interior acha-se codificado, recodificado num saber "moral", e acima de tudo, torna-se o que está em jogo no poder - é diagramatizado (DELEUZE, 2005, p.110).

Corre o risco de sujeitar-se completamente a um modo de ser, a uma verdade, tornando-se submisso a uma estrutura, um grupo ou classe social. "A dobra parece então ser desdobrada, a subjetivação do homem livre se transforma em sujeição" (id. p.110). Pois para haver subjetivação é preciso haver mudança, metamorfose de corpos. Um "jogo" de afetar e deixar ser afetado. De tornar-se, compor-se de diferentes maneiras.

Retomando os *insights* desta performance, em que o próprio corpo representou o trânsito entre superfícies e espaços "corpo diferente, estranho, matéria para um devir que não pertence ao nome e a pessoa que o configuram" (ZORDAN, 2010, p.07), entre uma troca de roupa e outra, o caráter performático e nômade jovem busca se distanciar de alguma forma da tendência a homogeneização cultural desenvolvendo novas formas, através do seu comportamento, sua

maneira de vestir-se e dos espaços frequentados.

"A abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido mostra-nos seu caráter de inseparabilidade [...] a dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários" (GUATTARI, 1992, p.153). O corpo sofre as ações do ambiente, se compõe com ele (o ambiente). Deixa se envolver pelas representações do mundo, pelas imagens que penetram o corpo e se modificam criando novas formas para tornar-se outra coisa. O corpo torna-se dobra do pensamento; e a roupa o cérebro por fora. Desta forma, o corpo é subjetivado pelos espaços percorridos, sendo que os lugares frequentados têm na estética de seus públicos acordos pré-estabelecidos. "Constante desterritorialização, criar transforma a paisagem, potencializa a vida e a novidade a cada instante. Por outro lado, produz imagens de pensamento para reterritorializar a vida num traço de plano, um projeto de vida, uma obra de arte" (ZORDAN, 2010, p.10).

Figura 2: Mochila de códigos

Deleuze e Guattari depositam no rosto toda importância de subjetividade do sujeito, conforme ilustra a figura 2, ao enfatizar que: "Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme uma realidade dominante" (DELEUZE; GATTARI, 1996, p.32).

Para reforçar a "rostidade" proposta pelos autores, quando rosto é coberto, passa a ser só cabeça e perde sua significância, logo, o foco se volta para o corpo. "O rosto tem um grande porvir, com a condição de ser destruído, desfeito. A caminho do assignificante, do assubjetivo" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.36). A performance se concretiza no apelo estético da proposta, que mantém tanto o rosto, quanto o corpo cobertos por uma "segunda pele" negra, voltando sua atenção para a roupa, símbolo concreto do qual se apropria para ilustrar o visual destes jovens. Muro branco, superfície de escrita. "Máquina abstrata" produzida no momento em que tais combinações vão sendo compostas. Máquina produtora de estratos.

> A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razoes. É uma operação muito mais inconsciente e maquínica que faz passar todo corpo pela superfície esburacada, e onde o rosto não tem papel de modelo ou de imagem, mas o de sobrecodificação para todas as partes decodificadas (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.35).

Figura 3: O corpo rostificado

No quarto teorema de Deleuze e Guattari sobre a *rostidade*, ambos afirmam que "a máquina abstrata se efetua nos rostos que produz, mas, em diversos graus, nas partes do corpo, nas roupas, nos objetos que ela rostifica segundo uma ordem das razões (não uma organização de semelhança.) (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.42).

A ação aqui descrita e pensada trava combate com as formações identitárias, com o "ser". "Coloca-se a si mesmo sob os olhos do outro" (FOUCAULT, 2012, p.156). Produz um efeito em si e no outro. Uma estética, mas também uma ética. Uma vida cotidiana de superação! Constrói e destrói. Faz-se numa vontade de potência, onde nada se conserva tudo é alteração na busca pela novidade. Para isso retira-se o sujeito, a organização e o significado, sobrando apenas virtualidades, constituídas pelo desejo. Um corpo inacabado.

Figura 4: "espaços que me fisgam"

Eu nunca estive a procura de um território, mas de estados de território, espaços que me fisgam pelo estranhamento de seus volumes, formas, cores vivas, sua explícita plasticidade. Eu estou sempre lá, operando nesta coordenada incerta, irreproduzível, gratificante, trafegando neste espaço movente, silencioso, incapturável (PRECIOSA, 2010, p.43).

Estes fluxos, no entanto, passam por movimentos de segmentaridades. Grupos que se segmentam, que se entrecruzam e na pluralidade assumem seu sentido trazendo múltiplos códigos de territorialidade, ou seja, mantem-se agrupados por afinidades, conjuntos de tipos que comungam gostos e estilos, semelhantes, mas que, vaporosos, sopram para todo lado. "Ora os diferentes segmentos, remetem a diferentes grupos, ora é o mesmo indivíduo ou mesmo grupo que passa de um segmento a outro" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.84).

Figura 5: Máquina de guerra

"Na verdade, os códigos nunca são separáveis, do movimento de descodificação, os territórios, dos vetores de desterritorialização que os atravessam. [...] coexistem as três espécies de linhas estreitamente misturadas: tribos, impérios e máquina de guerra" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.103).

Velocidades. Laços que se fazem e se desfazem. O nomadismo exige movimento constante. Não cria raízes em local algum. Convívio que se dá em pequenos grupos, que se engendram uns anos outros, criando maneiras de viver.

Para continuar pensando...

Nesta experimentação há o encontro com multiplicidades, transformações de figurino exprimindo na veste aquilo que se faz. Há produção de subjetividades e também de *hecceidades*, que ao modo de um poema "dadaísta", que ao invés de um saco carrega uma mochila cheia de códigos embaralhados, vão sendo dispostos aleatoriamente sob o corpo.

O experimento se torna uma imagem a pensar, que desloca a moda, as identidades, o que panos e acessórios dizem de um sujeito que não passa de discurso. A ação, as palavras decalcadas e o corpo nulo contrastado com a sobrecodificação que as roupas representam, busca através das estruturas que determinam à organização social das aparências, outro movimento: de variação, de resistência, de um inacabado que está sempre em vias de fazer-se. Um modo de vida, que seja a própria vida.

ANDANÇAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant ' Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **O anti-édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. 2ª ed.Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. 2ª ed.Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. 3ªed. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. In: **Ditos & Escritos:** Ética, sexualidade, política. Riode Janeiro: Forense Universitária, 2012. p.141-157.

GUATTARI, Felix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 1992. 1. Ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **As três ecologias.** Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade:** Sujeito e escritura em processo.

SALOMÂO, Wally. **O mel do melhor.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ZORDAN, Paola. **Criação na perspectiva da diferença**. Revista digital LAV, Santa Maria, Ano III, Nº 05, 2010. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/2135/1297 Acesso em: 27/03/2012.

Motivos para existir poesia na Educação

Artistas não sucumbem aos discursos estritamente científicos, ainda que junto a eles legitimem suas produções qualificadas academicamente. Nós, *professorartistas*, trabalhamos para que as artes existam nas escolas, nas universidades e noutros tipos de instituições educativas, como, por exemplo oficinas dentro de hospitais, museus e fundações culturais diversas. O ensino de Arte, em todos os seus âmbitos, se afirma não exatamente por suas racionalidades e discursos e sim pelo desenvolvimento de poéticas. Por poética compreendem-se as criações visuais, verbais, cênicas, plásticas e performáticas que mostram conceitos, os mesmos a serem explicados dentro de textos filosóficos pertinentes ao campo das Ciências Humanas onde a Educação está inserida. O que vem a pauta, a partir dessa estratégia, implica pensar outros modos de expressão dentro do ensino, das pedagogias e da pesquisa. Trata-se de extenso debate, com contundentes oposições quanto aos limites do que venha a ser poesia e seus perigosos desarrazoamentos junto ao que se produz, hoje, no campo da pesquisa em Educação.

Destarte os prós e os contras, cujos senões nos encarcerariam dentro de uma discussão demasiado dicotômica que pouco nos interessa, seguimos por onde o coração de nosso sustento nos leva. Vivemos em salas de aula e cumprimos outras funções que nos cabem enquanto educadores, contudo, escrevemos passionalmente, atuamos, pintamos, performamos e desenhamos, apesar de sermos professores e desenvolvermos pesquisas na Educação. Com convite extenso a professores de História que também se ocupam de escritos literários, é na insistência em manter poesia junto a pesquisas desse

campo de estudos que esse livro se faz. Existe a partir de um desejo de dar continuidade a projetos poéticos literários-visuais, tais como o do livro *Secretações,* publicado, em 2013, da mesma maneira que *Educar com poesia*. A finalidade dessas publicações é criar um espaço para se fruir o que, por questões políticas, nem sempre é aceito como produção acadêmica qualificada. Reúne peças, excertos e/ou fragmentos os quais foram criados paralelamente à escrita de artigos e textos de ordem acadêmica que por vezes estavam compostos aos textos finais avaliados em bancas. Não se tratam de facetas, não há um rosto identificável na subjetividade dos escritos e sim volumes corporais, relações maquínicas, sensações e amostragens variadas. Configuram poéticas que versam as relações institucionais, trazendo a público partes desmembradas ou propositalmente abolidas de pesquisas, dissertações de Mestrado e monografias de pós-graduação não facilmente publicáveis em periódicos científicos. São produções ligadas à Linha de Pesquisa Filosofias da Diferença do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, composta por mim e pelos professores da Faculdade de Educação Samuel Bello e Sandra Corazza, com participação do professor Nilton Mullet Pereira e em interlocução com o professor Luciano Bedin da Costa. Acontece junto ao grupo de pesquisa Arte e Corpo- ARCO ao grupo de pesquisa (Diretório CNPq) *DIF, artistagens, fabulações, variações* e dialoga com o projeto *Escrileituras em meio* à *vida*, do Observatório de Educação da CAPES, coordenados pela professora Sandra.

O que apresentamos não cabe num sistema de submissões. Procuramos outros espaços, ampliamos horizontes, aderimos a chamados, brincamos com as palavras, sutilizamos corpos, rimos das imbecilidades. Sem nenhuma pretensão que não seja oferecer prazer ao leitor que conferir o que criamos no coletivo, em movimentos vários, quando um lia o outro durante sua formação superior avançada junto à Práticas de Pesquisa em Educação(PPE/PPGEDU). Fato que todos envolvidos aprimoraram sua escrita a ponto de favorecer aumento no número de publicações em artigos acadêmicos e anais de eventos. A poesia nos libera da necessidade interpretativa, da retórica empoada que exige convencer o interlocutor. Poesia deriva de canção. Tem música, tem dança, tem pensamento solto, mesmo quando envolve a maior amarração. Viemos da Arte e não abrimos mão, por mais custoso

que seja, de uma poética própria. Com qualquer tipo de poesia, a da roupa, a dos gestos, a das linhas, a das massas, a das palavras, a da cena, temos provado o quanto as tarefas institucionais acabam mais leves e as nossas aulas mais interessantes. A poesia permite saltos entre um conceito e outro, permite outras perspectivas, ensina dançando. Por mais dura que seja uma matéria, aprendemos, em grupo, durante as exposições matemáticas do professor Samuel Bello, possibilidades líricas dos conceitos também sendo demonstradas por equações. Compreensões do infinito nos levam a uma infinitude sem fim. E no infinitivamente pequeno alguma coisa se abstraí. E lá no ponto impossível onde se tenta ensinar o conceito do ínfimo do infinito irracional, encontramos um desenho. Um traçado em quadro, dando ritmo ao que que vamos imprimindo no pensamento.

Risco e verso, linha e letra, superfícies por onde o que se aprende vai, de tanto se ir fica, ficando traz sentido. E o sentido, errante, provisório, solta tanto o que se ganha como o que se perde, deixando o que tanto pode estar acima como abaixo, basta que dê fluxo, tenha liga e regozije.

Os autores

Adriana Pedrassa Prates. Mestre em Educação pela UFRGS, na Linha de Pesquisa "Filosofias da Diferença e Educação". Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU Mackenzie (1992) e Licenciatura Plena em Música pela Faculdade de Música Carlos Gomes (2004). Realizou três especializações (lato sensu): "Estudos em Museus de Arte" pelo Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC);"Práticas de Ensino Musical" pela Faculdade de Música Carlos Gomes e "Arte Terapia" pela Instituto Sedes Sapientiae. Tem experiência na área de Educação, com ênfase no ensino de Arte (música e artes visuais) tendo atuado em instituições de ensino de renome, dentre elas o Colégio São Domingos (PUC- SP) e a Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP. Atualmente, além da atuação na Educação Básica, ministra aulas no Ensino Superior no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNOESTE.

Ana Hoffmann. Professora horista do corpo docente do Curso de Moda da Universidade Feevale, ministrando as disciplinas de Produção de Moda, Projeto de Figurino e Gestão do Design. Coordenadora do Projeta-me Ensino e Extensão Universidade Feevale. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2013) na Linha de Pesquisa Filosofia da Diferença e Educação. Especialização em Pedagogia da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2011). Graduada em Moda pela Universidade Feevale (2009). Figurinista e performer.

Anderson Luiz de Souza: Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS na linha de pesquisa Filosofias de Diferença e Educação. Especialista em Arte Contemporânea e Ensino da Arte - ULBRA (2011). Graduado em Moda (Bacharelado) CESUMAR Maringá/PR (2006). Professor auxiliar de ensino da Universidade Feevale, lecionando no curso de bacharelado em Moda nas disciplinas de Desenho de Moda I, Desenho da Figura Humana e Computação Gráfica, lecionando também no curso de Artes Visuais

(bacharelado e licenciatura) nas disciplinas de Imagem Digital I e II. Ministra aulas em cursos de Pós-Graduação (Especialização) nas áreas de Arte e Moda. Professor no INDEPin - Instituto de Desenvolvimento Educacional e Profissional Integrado em cursos livres da área de Arte e Moda. Atuou como professor auxiliar de ensino das Faculdades Senac Porto Alegre, lecionando no curso de Tecnologia em Design de Moda nas disciplinas de Tecnologia Têxtil e Desenho Técnico de Moda com uso de Software. Atuou como professor e coordenador do Curso Técnico em Moda SENAC Canoas (2008-2011). Integrante do Processo C3. Membro do conselho editorial e colaborador do Informe C3 Periódico Eletrônico ISSN 2177-6954 (www.processoc3.com). Participa dos encontros de estudos e pesquisa ESTUDOS-CORPO. Atuou como bailarino de dança contemporânea em vários espetáculos, performances, festivais e mostras de dança. Artista Visual integrante do Coletivo/Projeto Arquivo Temporário e do Coletivo M.A.L.H.A (Movimento Apaixonado pela Liberação de Humores Artísticos). Desenvolve trabalhos como figurinista, designer gráfico, ilustrador de Moda, estilista e fotografo experimental. Integrou a comissão organizadora da 1ª Reunião Moda como Cultura/RS e foi delegado da Moda representando o RS no I Seminário Nacional de Moda organizado pelo Ministério da Cultura.

Carina Sehn. Performer e sutilizadora corporal em cursos de pequena duração e atividades com tempo indeterminado. Integra o M.A.L.H. A., Movimento Apaixonando pela Liberação de Humores Artísticos, que cria intervenções em espaços públicos e institucionais. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS na Linha de Pesquisa Filosofia da Diferença e Educação com ênfase em Arte e orientação da Profª. Drª. Paola Zordan, com a pesquisa: *Um corpo Performático: para romper com a representação*. Integra também a pesquisa Aparelhos Disciplinares com coordenação da Profª. Drª Paola Zordan. Especialista e Residente em Saúde Mental Coletiva pelo EducaSaúde - Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufrgs (2010). Graduada em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Realiza performances em espaços públicos e galerias de arte. Se dedica a pesquisar o Xamanismo e a sua relação com a arte da performance na produção de um Corpo Sutil que Vaga (2014).

Diego Marques. Mestre e doutorando em Educação pela UFRGS, licenciado em História, professor da Rede Municipal de Ensino de Guaíba/RS.

Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha. Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação. Professor de História no Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC).

Kamilla Avila da Silva. Professora-quimera na efetiva na Rede Municipal de Ensino de Alvorada/RS, licenciada em Educação Artística, bacharel em Teoria e Crítica da Arte, especialista em pedagogia da Arte e mestranda em Educação.

Marcio Tascheto da Silva. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (2002) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (2005). Atuou como professor de História no Ensino Médio na Escola de Educação Básica Educar-se/UNISC (2003 a 2008), na Escola São João La Salle (2004), como consultor da Unesco (2009), como consultor da Organização dos Estados Ibero-americanos/OEI (2010), como consultor no Ministério da Educação na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/SECAD/MEC (2009 e 2010), como professor na Universidade Católica de Brasília/UCB (2010), como Assessor de Projetos Institucionais da Universidade de Passo Fundo/UPF (2010). Atualmente é professor efetivo da Universidade de Passo Fundo/UPF, Coordenador da Divisão de Extensão da Universidade de Passo Fundo/UPF , Avaliador de Tecnologias de Educação Integral na Secretaria de Educação Básica/SEB/MEC e doutorando em educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

Nilton Mullet Pereira. Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da área de Ensino de História. Pós-Doutorado em História Medieval, na UFRGS. Investigador Visitante na Universidade

de Alcalá, em janeiro de 2009, realizando pesquisa no acervo da Biblioteca Nacional de Espanha. Pesquisa o papel do uso de fontes no ensino da História, através do projeto Vestígios do Passado: as fontes no ensino de História.

Paola Zordan. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS). Articuladora do M.A.L.H. A., Movimento Apaixonando pela Liberação de Humores Artísticos, cria intervenções em espaços públicos e institucionais. Trabalha com performances, escultura social e micropolíticas. Doutora e Mestre em educação pela UFRGS, faz parte da Linha de Pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, do grupo de pesquisa DIF: artistagens, fabulações e variações, desenvolvendo temas que envolvem historiografia da arte, formação de professores e esquizoanálise. Licenciada em Educação Artística, bacharel em Desenho, foi professora de artes em escolas básicas da rede de ensino em Porto Alegre.

Patrícia Unyl. Mestre em Educação (2010) pela linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação. DIF - artistagens, fabulações, variações. PPGEDU/UFRGS. Possui graduação em Artes Cênicas (2002) - com ênfase em Interpretação Teatral, DAD/UFRGS. Possui estudos complementares em direção teatral e dramaturgia contemporânea. Professora da FUNDARTE onde ministra oficinas de teatro. Pesquisa escrita e imagem; teatro pós-dramático para crianças e adolescentes; atuação, arte e filosofia. Invoca Antonin Artaud, Franz Kafka, Gertrude Stein, Jean Cocteau, Paul Valéry, Jean Genet, Gilles Deleuze e Nietzsche como seus aliados. É atriz e encenadora.

Simone Vacaro Fogazzi é artista e professora. Licenciada em Educação Artística habilitação Artes Plásticas IA/UFRGS; Especialista em Museologia-Patrimônio Cultural - IA/UFRGS;Mestra em Educação, pela linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação FACED/UFRGS; Docente de Artes Visuais do Departamento de Expressão e Movimento do Colégio de Aplicação/UFRGS, onde coordena o Programa Arte na Escola UFRGS, inserido na Rede Arte na Escola, Pólo UFRGS. Atua no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, tendo como foco o tema: aprendizagem em artes visuais. Como artista visual pesquisa processos criativos em pintura, nas poéticas da imigração e do ciclismo.

Tessália de Moraes. Formada na Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS, com experiência na área de Moda, pesquisando temas entre o corpo, a arte e a moda na educação contemporânea.

Wagner Ferraz. Mestre em Educação pela UFRGS. Pós-Graduado em Educação Especial (Lato sensu) UNISINOS/2011. Pós-Graduado em Gestão Cultural (Lato sensu) SENAC/2010. Graduado em Dança ULBRA/2008. Aluno do curso de Pedagogia UNINTER. Professor no Curso de Pós-Graduação lato sensu de “Coordenação Pedagógica” - UFRGS/Escola de Gestores. Atou e atua como professor convidado em Instituições como UNISINOS e CAPACITAR. Atuou como Coordenador do Dança do Estado do RS do Instituto Estadual de Artes Cências (IEACEN) na Secretaria de Estado da Cultura RS (SEDAC) - 2011/2012. Professor e Coordenador de Cursos Livres do INDEPin nas áreas de Cultura, Artes e Moda . Coordenador do Processo C3 e editor do Periódico Eletrônico Informe C3. Já dirigiu, coreografou e atuou como bailarino em vários espetáculos, performances, festivais e mostras de dança sendo premiado várias vezes. Integrou o elenco da Cia Terpsí Teatro de Dança (2006/2007). Ministrou aulas e oficinas de dança no ensino comum e no ensino especial para pessoas com e sem deficiência. Coordenador dos Estudos do Corpo. Organizador do livro Parafernálias I: Diferença, Artes e Educação (2013). Autor do livro: Ditos e Malditos desejos da clausura Processo de Criação da Terpsí Teatro de Dança (2011); Organizador do livro Estudos do Corpo: Encontros com Artes e Educação (2013). Autor do livro O Trabalho do Figurinista Projeto, Pesquisa e Criação (2013).

Editora:

INDEPIn

Projeto Editorial:

processo C3
www.processoc3.com

Estudos do CORPO

CANTO cultura e arte

Educar com poesia:
malha em carne e vida institucional

Organização: Paola Zordan

Editora: INDEPIn
Edição: 1(2014)
ISBN: 978-85-66402-17-9

Formato: A5 (14,8 x 21 cm); Acabamento Brochura com orelhas; Miolo em preto e branco; Papel Couche 150g; Capa Colorida; Nº de páginas 168.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-66402-17-9